

COLETÂNEA DE PESQUISA NA

# Formação da Psicologia

## NO CARIRI CEARENSE

Adriana de Alencar Gomes Pinheiro

Orlando Júnior Viana Macêdo

Tayronne de Almeida Rodrigues

Organizadores



2023



COLETÂNEA DE PESQUISA NA

# Formação da Psicologia

## NO CARIRI CEARENSE

Adriana de Alencar Gomes Pinheiro

Orlando Júnior Viana Macêdo

Tayronne de Almeida Rodrigues

Organizadores



2023



2023 by Editora e-Publicar  
Copyright © Editora e-Publicar  
Copyright do Texto © 2023 Os organizadores  
Copyright da Edição © 2023 Editora e-Publicar  
Direitos para esta edição cedidos  
à Editora e-Publicar pelos organizadores

**Editora Chefe**

Patrícia Gonçalves de Freitas

**Editor**

Roger Goulart Mello

**Diagramação**

Dandara Goulart Mello

Roger Goulart Mello

**Projeto gráfico e Edição de Arte**

Patrícia Gonçalves de Freitas

**Revisão**

Os organizadores

**COLETÂNEA DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DA PSICOLOGIA NO CARIRI  
CEARENSE.**

Todo o conteúdo dos capítulos, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos organizadores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos organizadores. É vedada a realização de alterações na obra, assim como sua utilização para fins comerciais.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

Adilson Tadeu Basquerote Silva - Universidade Federal de Santa Catarina

Alessandra Dale Giacomini Terra - Universidade Federal Fluminense

Andréa Cristina Marques de Araújo - Universidade Fernando Pessoa

Andrelize Schabo Ferreira de Assis - Universidade Federal de Rondônia

Bianca Gabriely Ferreira Silva - Universidade Federal de Pernambuco

Cristiana Barcelos da Silva - Universidade do Estado de Minas Gerais

Cristiane Elisa Ribas Batista - Universidade Federal de Santa Catarina

Daniel Ordane da Costa Vale - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Danyelle Andrade Mota - Universidade Tiradentes

Dayanne Tomaz Casimiro da Silva - Universidade Federal de Pernambuco

Deivid Alex dos Santos - Universidade Estadual de Londrina

Diogo Luiz Lima Augusto - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Edilene Dias Santos - Universidade Federal de Campina Grande

Edwaldo Costa - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Elis Regina Barbosa Angelo - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Érica de Melo Azevedo - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

Ernane Rosa Martins - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Ezequiel Martins Ferreira - Universidade Federal de Goiás

Fábio Pereira Cerdera - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**2023**



Francisco Oricelio da Silva Brindeiro – Universidade Estadual do Ceará  
Glauco Martins da Silva Bandeira – Universidade Federal Fluminense  
Helio Fernando Lobo Nogueira da Gama - Universidade Estadual De Santa Cruz  
Inaldo Kley do Nascimento Moraes – Universidade CEUMA  
Jaisa Klauss - Instituto de Ensino Superior e Formação Avançada de Vitória  
Jesus Rodrigues Lemos - Universidade Federal do Delta do Parnaíba  
João Paulo Hergesel - Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Jose Henrique de Lacerda Furtado – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Jordany Gomes da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Jucilene Oliveira de Sousa – Universidade Estadual de Campinas  
Luana Lima Guimarães – Universidade Federal do Ceará  
Luma Mirely de Souza Brandão – Universidade Tiradentes  
Marcos Pereira dos Santos - Faculdade Eugênio Gomes  
Mateus Dias Antunes – Universidade de São Paulo  
Milson dos Santos Barbosa – Universidade Tiradentes  
Naiola Paiva de Miranda - Universidade Federal do Ceará  
Rafael Leal da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Rodrigo Lema Del Rio Martins - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Willian Douglas Guilherme - Universidade Federal do Tocantins

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C694 Coletânea de pesquisa na formação da psicologia no cariri cearense [livro eletrônico] / Organizadores Adriana de Alencar Gomes Pinheiro, Orlando Júnior Viana Macêdo, Tayronne de Almeida Rodrigues. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5364-137-2

DOI 10.47402/ed.ep.b202219020372

1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. 2. Psicólogos – Formação.  
I. Pinheiro, Adriana de Alencar Gomes. II. Macêdo, Orlando Júnior Viana. III. Rodrigues, Tayronne de Almeida.

CDD 150.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Editora e-Publicar**

Rio de Janeiro, Brasil

contato@editorapublicar.com.br

www.editorapublicar.com.br

**2023**



## Apresentação

Nesta obra do E-book intitulada Coletânea de Pesquisa na Formação da Psicologia no Cariri Cearense, integram artigos de pesquisas realizadas na formação da Psicologia que foram desenvolvidas no componente curricular das disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso (Projeto e Monografia) do curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Paraíso do Ceará (UniFAP), sob supervisão do Prof. Dr. Orlando Júnior Viana Macêdo, no segundo semestre de 2021 e no primeiro semestre de 2022, com a colaboração da Profa. Adriana de Alencar Gomes Pinheiro e do convidado externo, Prof. Me. Tayronne de Almeida Rodrigues.

Ressaltamos ainda, que esta obra inicia um ciclo de produções de pesquisa na formação da Psicologia UniFAP na Região Caririense, foram pesquisas escolhidas por seus professores orientadores para participarem desta obra; desta forma, os novos profissionais da Psicologia dão visibilidade aos seus objetos de estudo e pesquisa realizadas para a conclusão de seu percurso acadêmico, neste contexto, todas as afirmativas, opiniões, conceitos, resultados, imagens, considerações finais e afins aqui documentadas são de inteira responsabilidade de seus autores pesquisadores.

Diante do cenário contextualizado, a presente coletânea de pesquisas tem como objetivo evidenciar seus trabalhos de conclusão de curso na Psicologia UniFAP. Os organizadores destaca que as pesquisas apresentadas nesta coletânea de capítulos foram dialogadas, refletidas e construídas no curso de Psicologia UniFAP, na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, que desencadearam produções críticas, científicas diversificadas, apresentando as diversas possibilidades teóricas e metodológicas da Psicologia para o conhecimento da ciência e profissão.

Nós, organizadores da obra Coletânea de Pesquisa na Formação da Psicologia no Cariri Cearense, desejamos uma leitura prazerosa dos trabalhos, e que esta coletânea que é inaugural no curso de Psicologia UniFAP, venha contribuir para novas leituras e pesquisas, ser inspiração para conhecer a Psicologia nas suas diversas possibilidades enquanto ciência e profissão.

Os Organizadores

Profa. Dra. Adriana de Alencar Gomes Pinheiro (UNIFAP-CE)

Prof. Dr. Orlando Júnior Viana Macêdo (UNIFAP-CE)

Prof. Me. Tayronne de Almeida Rodrigues (SEMEC)

## Prefácio

É com imensa satisfação que apresento este desafiante e-book COLETÂNEA DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DA PSICOLOGIA NO CARIRI CEARENSE organizado pelos docentes, discentes e colaboradores do Curso de Psicologia do Centro Universitário Paraíso.

Os textos aqui apresentados revelam uma contribuição valiosa para quem considera investigar, baseando-se nos sistemas conceituais, as mais variadas práticas psicológicas. Tenho certeza de que este e-book, representa uma contribuição significativa tanto ao espaço formativo, quanto ao trabalho psicológico, já que estes precisam ser cada vez mais qualificados por uma dimensão técnica e ética construídas a partir de circunstâncias concretas e de acordo com referências temporais, culturais e sociais.

Nesse sentido, sinto-me honrado em apresentar os nove ensaios que apresentam a analítica de nossas formas de subjetivação. Ou seja, não aborda apenas maneiras de conceituar o ser humano, mas de articular falas, saberes, ações e fazeres que se materializam no modo de vida de cada pessoa, pois consideramos que esse espaço merece ser devidamente investigado e seus procedimentos formativos específicos devem ser conhecidos e explicitados.

No primeiro capítulo, intitulado *“Uma vida com tiques: uma revisão bibliográfica sobre a síndrome de tourette”*, as autoras Sauana Araújo Feitosa, Izabela Alves de Oliveira Bezerra, Adriana de Alencar Gomes Pinheiro, Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar, realizam, fundamentado na Terapia Cognitivo Comportamental, um estudo exploratório, a partir de uma revisão bibliográfica, sobre a Síndrome de Tourette, visando identificar e entender, tanto as alterações comportamentais, como as principais dificuldades e limitações decorrentes da síndrome. Como resultado, demonstram o quanto é importante o diagnóstico para um acompanhamento adequado, principalmente em crianças, pois observaram que muitos diagnósticos são inconsistentes e confundem a síndrome com outras enfermidades, tais como manias. O estudo considera ainda, que a intervenção que mais tem se destacado no tratamento dos tiques motores e vocais, tem sido as técnicas psicoeducativas de exposição com

prevenção de resposta e o treinamento de reversão de hábitos, utilizados pela Terapia Cognitivo Comportamental.

No segundo capítulo, as autoras Verluzia Alves de Lima, Tainná Barrêto Feitoza, Adriana de Alencar Gomes Pinheiro, Maria Gorete Sarmiento da Silva, a partir de um levantamento bibliográfico, abordam *“A intervenção dos psicólogos nas habilidades sociais para indivíduos com altas habilidades/superdotação”* e nos permite compreender o quanto, para a Ciência, o estudo sobre a superdotação ainda representa um enigma a ser desvendado. Como objetivo, as autoras buscaram compreender, baseando-se nas experiências pesquisadas, como o treino de habilidades sociais influencia no desenvolvimento acadêmico do aluno com superdotação. Destaca que as principais intervenções são baseadas na Análise do Comportamento, a Psicologia Social-Cognitiva de Bandura e a Abordagem Cognitivo-Comportamental, a partir de técnicas de avaliação e intervenção. Como resultado, o estudo nos mostra o quanto tem sido significativa a contribuição do saber psicológico para o trabalho não só de psicólogos, mas dos profissionais de educação para não *“estigmatizar e/ou tipificar”* os alunos com altas habilidades e superdotação mas, sobretudo, para possibilitar o desenvolvimento de todo seu potencial.

O terceiro capítulo intitulado, *“Experiência de luto em tempos de pandemia: uma análise fenomenológica empírica por uma ótica gestáltica do livro “notas sobre o luto” de Chimamanda”*, os autores Ana Carolina Serafim de Lima, José Alves de Souza Filho, Maria Gorete Sarmiento da Silva, Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar, realizam análise fenomenológica empírica da experiência de luto e suas formas de enfrentamento, retratada por Chimamanda, no período da pandemia de COVID-19, em seu livro. O estudo ressalta o quanto é relevante a existência de políticas públicas assistenciais em Psicologia, dentre outras, para minizar os efeitos das vivências de perdas, assim como, a reflexão sobre a necropolítica e o biopoder que perpassam por esta experiência.

O quarto capítulo, de autoria de Rodrigo Bezerra Moura, Karla Rossana Gomes Lôbo, Leonil Nunes do Prado Juior, Maria Gorete Sarmiento da Silva, intitula-se *“A heroica jornada do ego em busca do si-mesmo: perspectiva da psicologia analítica de Carl Gustav*



*Jung*". O texto tem como objetivo descrever, baseado em uma pesquisa bibliográfica exploratória, como se realiza, na longa jornada de desenvolvimento psicológico do ser humano, o processo de individuação em uma cosmovisão junguiana. Para os autores, esta compreensão é um importante instrumento do trabalho psicológico, ele elucida conceitos-chaves e assinala os caminhos do autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, a serem utilizados pelo psicólogo, sobretudo diante do atual cenário tecnológico, em que o homem se encontra municiado de extrema racionalidade. A partir da análise e dos resultados, os autores constataram que o ser humano, na busca da autorrealização, está perpassado pelo paradoxo de tomar consciência de Deus e de si mesmo e concluem que, ao passarmos por uma experiência interna profunda em nossas vidas, conseguiremos ressignificar a nossa jornada pessoal e, por meio dessa experiência religiosa redimir os nossos sintomas.

O quinto capítulo, intitulado "*O uso excessivo de redes sociais por parte de adolescentes e jovens*", os autores Yan Carlos Vieira Freitas, Orlando Júnior Viana Macêdo, Karla Rossana Gomes Lôbo, Adriana de Alencar Gomes Pinheiro, realizam, fundamentado na perspectiva histórico-cultural, um uma revisão bibliográfica objetivando analisar como o uso das redes sociais tem impactado na vida de jovens e adolescentes. De acordo com os autores, o excesso no uso das redes sociais, tem comprometido as relações sociais, o desenvolvimento físico e psicológico e, sobretudo para a aumento da depressão, ansiedade, isolamento, dentre outros. Como resultado, os autores destacam a evolução e a importância da internet e das redes sociais na atualidade, tanto na vida pessoal quanto acadêmica, mas consideram fundamental que a família, educadores e profissionais de Psicologia juntos, minimizem os riscos e efeitos destes dispositivos, orientando jovens e adolescentes para o uso adequado.

O sexto capítulo, "*A contribuição da religião aos pacientes acometidos de acidente vascular cerebral no processo de reabilitação*", os autores Sarah Amorim, Paulo Cesar de Lima Andreino, Adriana de Alencar Gomes Pinheiro e Leonil Nunes do Prado Junior, realizam um estudo bibliográfico explicando como a religião pode contribuir com a reabilitação de pacientes que foram acometidos por AVC. A partir das análises e resultados, os autores constataram que, mesmo reconhecendo os avanços dos tratamentos cada vez mais específicos e eficazes, promovidos pela ciência, a relação

com a espiritualidade, tem contribuído para um breve restabelecimento, minimizando sentimentos de culpa e ajudando no enfrentamento das dores físicas e psicológicas decorrentes da enfermidade.

No sétimo capítulo, intitulado “*Síndrome de burnout e o impacto da pandemia covid-19 na saúde mental dos profissionais de saúde*”, as autoras Maria Helena do Nascimento Cordeiro, Adriana de Alencar Gomes Pinheiro, Maria Gorete Sarmiento da Silva, Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar, realizam um estudo bibliográfico exploratório visando identificar os desafios que afetaram profissionais de saúde no período da pandemia e apresentar possíveis estratégias para o enfrentamento da Síndrome de *Burnout* na classe médica. Para as autoras, na pandemia foi perceptível o aumento de problemas na saúde física e mental destes profissionais devido a jornada de trabalho, o distanciamento social e familiar e as perdas de vidas em que estavam submetidos. As autoras concluíram que, para o enfrentamento da Síndrome de Burnout, é de extrema importância o acompanhamento psicológico aos profissionais visando o resgate da saúde mental e melhoria da sua qualidade de vida.

O oitavo capítulo, intitulado “*Processo de construção da mentalidade criminosa acerca da sistematização da esfera social*”, as autoras Patrícia Araújo Andrade, Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz, Adriana de Alencar Gomes Pinheiro e Karla Rossana Gomes Lôbo abordam, baseado na análise do caso da jovem Suzane Von Richthofen, como a sociedade é construída diante do crime de forma micro e macro. Fundamentadas na visão filosófica de Émile Durkheim de que o crime sempre existiu, as autoras mencionam que o crime tem se apresentado de diversas formas, afetando indivíduos, as famílias e a sociedade como um todo. Em suas análises e resultados, as autoras consideram que, para minimizarmos os atos delituosos, é crucial a contribuição da Psicologia na promoção da reflexão sobre o papel do sujeito na sociedade e, assim, possibilitar que se responsabilize sobre seus atos.

Por fim, no capítulo nove, “*Doença mental (en)cena social: considerações psicanalíticas sobre o filme Coringa*”, as autoras Denilly Santana de Lima, Maria Gorete Sarmiento da Silva, Adriana de Alencar Gomes Pinheiro, Karla Rossana Gomes Lôbo, realizam um estudo psicanalítico freudo-lacaniano do filme “*Coringa*”, abordando o

ato de um sujeito em surto, segregado em seu sofrimento psíquico. Em seu estudo, as autoras nos mostram que a doença mental ainda hoje é segregada e que certas intervenções, como a internação e a medicalização, apenas retiram o sujeito da cena social, isolando-os e muitas vezes, expondo-os aos maus tratos que reproduzem a grande internação e ignoram sua história e as condições a que está inserido. Em suas análises e resultados, nos mostram que o personagem Coringa, o grande “vilão”, em seu ato, desnuda a desordem social ainda presente e denuncia a dessassistência com o qual os psicóticos são tratados, mesmo na atualidade, após a implementação de várias mudanças acontecidas com a reforma psiquiátrica e a criação da rede de atenção psicossocial. As autoras concluem demonstrando o quanto é crucial as constantes mobilizações para a garantia e efetivação do que se foi conquistado no campo da saúde mental.

A obra COLETÂNEA DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DA PSICOLOGIA NO CARIRI CEARENSE nos apresenta com diversas perspectivas teóricas e metodológicas sobre as principais experiências da atualidade que, a todo instante nos convoca a repensá-las.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Prof. Dr. Antonio Alexandre Iorio Ferreira  
Presidente da Associação Brasileira de Ensino em Psicologia - ABEP  
Centro Universitário Christus  
Centro Universitário 7 de Setembro

## SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>5</b>
<b>Prefácio .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>14</b>
<b>UMA VIDA COM TIQUES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A SÍNDROME DE TOURETTE .....</b>	<b>14</b>
<b>DOI 10.47402/ed.ep.c202218931372</b>	Sauana Araújo Feitosa Izabela Alves de Oliveira Bezerra Adriana de Alencar Gomes Pinheiro Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>27</b>
<b>A INTERVENÇÃO DOS PSICÓLOGOS NAS HABILIDADES SOCIAIS PARA INDIVÍDUOS COM ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>DOI 10.47402/ed.ep.c202218942372</b>	Verluzia Alves de Lima Tainná Barrêto Feitosa Adriana de Alencar Gomes Pinheiro Maria Gorete Sarmento da Silva
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>43</b>
<b>EXPERIÊNCIA DE LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EMPÍRICA POR UMA ÓTICA GESTÁLTICA DO LIVRO “NOTAS SOBRE O LUTO” DE CHIMAMANDA.....</b>	<b>43</b>
<b>DOI 10.47402/ed.ep.c202218953372</b>	Ana Carolina Serafim de Lima José Alves de Souza Filho Maria Gorete Sarmento da Silva Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>57</b>
<b>A HEROICA JORNADA DO EGO EM BUSCA DO SI-MESMO: PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG .....</b>	<b>57</b>
<b>DOI 10.47402/ed.ep.c202218964372</b>	Rodrigo Bezerra Moura Karla Rossana Gomes Lôbo Maria Gorete Sarmento da Silva Leonil Nunes do Prado Junior
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>74</b>
<b>O USO EXCESSIVO DE REDES SOCIAIS POR PARTE DE ADOLESCENTES E JOVENS .....</b>	<b>74</b>
<b>DOI 10.47402/ed.ep.c202218975372</b>	Yan Carlos Vieira Freitas Orlando Júnior Viana Macêdo Karla Rossana Gomes Lôbo Adriana de Alencar Gomes Pinheiro

CAPÍTULO 6.....	89
A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO AOS PACIENTES ACOMETIDOS DE ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO.....	89
DOI 10.47402/ed.ep.c202218986372	
	Sarah Amorim Torres Paulo Cesar de Lima Andreino Adriana de Alencar Gomes Pinheiro Leonil Nunes do Prado Junior
CAPÍTULO 7.....	114
SÍNDROME DE BURNOUT E O IMPACTO DA PANDEMIA COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE.....	114
DOI 10.47402/ed.ep.c202218997372	
	Maria Helena do Nascimento Cordeiro Maria Gorete Sarmento da Silva Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar Adriana de Alencar Gomes Pinheiro
CAPÍTULO 8.....	134
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MENTALIDADE CRIMINOSA ACERCA DA SISTEMATIZAÇÃO DA ESFERA SOCIAL.....	134
DOI 10.47402/ed.ep.c202219008372	
	Patrícia Araújo Andrade Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz Adriana de Alencar Gomes Pinheiro Karla Rossana Gomes Lôbo
CAPÍTULO 9.....	146
DOENÇA MENTAL (EN)CENA SOCIAL: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FILME CORINGA.....	146
DOI 10.47402/ed.ep.c202219019372	
	Denilly Santana de Lima Maria Gorete Sarmento da Silva Adriana de Alencar Gomes Pinheiro Karla Rossana Gomes Lôbo
POSFÁCIO.....	160
ORGANIZADORES .....	161

# CAPÍTULO 1

## UMA VIDA COM TIQUES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A SÍNDROME DE TOURETTE

DOI 10.47402/ed.ep.c202218931372

Sauana Araújo Feitosa  
Izabela Alves de Oliveira Bezerra  
Adriana de Alencar Gomes Pinheiro  
Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar

### RESUMO

A Síndrome de Tourette (ST) está classificada como uma síndrome de tique de acordo com o DSM-V e pode ser diagnosticada quando as pessoas apresentam tanto os chamados tiques motores como os vocais - não necessariamente ao mesmo tempo - os quais ainda se subdividem em simples ou complexos. Os fatores sociais e psicológicos estão estreitamente relacionados quando se referem à ST, pois causam impacto tanto à vida do paciente quanto da sua rede familiar. O presente trabalho tem como objetivo principal realizar uma revisão bibliográfica sobre a ST e identificar quais as alterações comportamentais trazidas pela síndrome, bem como buscar entender as principais dificuldades e limitações que ela possa estabelecer em quem a possui. A fim de analisar e buscar uma compreensão mais ampla sobre a ST, foram utilizadas fontes secundárias para pesquisar documentos escritos, artigos e periódicos - como bibliotecas online, Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed/Medline e Google Acadêmico. Para a busca de artigos utilizou-se os descritores como "Síndrome de Tourette", "Transtorno de tiques", "Sintomas e diagnóstico da ST", "Terapia Cognitivo Comportamental no tratamento de tiques" e "Impactos psicossociais da ST", combinados de diferentes formas, sem limite de data de publicação. No que se refere aos resultados, é possível se perceber, a partir de todos os trabalhos revisados, é a forma tardia como ocorre o diagnóstico - pelo desconhecimento da ST - os pacientes passam bastante tempo convivendo com a ST e atribuindo outros motivos para os desconfortos, sofrimentos e angústias causadas pela síndrome. Além disso, muitos estudos apresentam a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), criada em meados dos anos 60 por Aaron Beck (1921 - 2001), como uma das teorias da Psicologia mais usadas para o tratamento das síndromes de tiques. Dentre todas as técnicas e estratégias existentes na TCC, atualmente existem duas que são mais destacadas no que se refere ao tratamento de tiques (incluindo a ST), a saber: a exposição com prevenção de resposta (EPR) e o treinamento de reversão de hábitos (TRH). Ao final, pode-se dizer que ainda existe espaço para mais estudos na área afim de buscar compreender melhor todas as peculiaridades que a ST apresenta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Síndrome de Tourette; Transtorno de tiques; Terapia Cognitivo Comportamental.

## INTRODUÇÃO

A Síndrome de Tourette (ST) é um transtorno de neurodesenvolvimento caracterizado por tiques e estereotípias, estando presente da infância até a fase adulta. Tal transtorno está classificado como uma síndrome de tique de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais V (DSM-V) e pode ser diagnosticado quando as pessoas apresentam tanto os chamados tiques motores como os vocais, não necessariamente ao mesmo tempo, subdividindo-se ainda em simples ou complexos, de acordo com Hounie e Petribú (1999):

Os primeiros envolvem contrações de grupos musculares funcionalmente relacionados, são abruptos, rápidos, repetidos e sem propósito, geralmente percebidos como involuntários. Os tiques complexos, entretanto, são mais lentos, envolvem grupos musculares não relacionados funcionalmente, podem parecer propositais, percebidos como voluntários. (HOUNIE; PETRIBÚ, 1999, p.3)

As famílias devem ficar atentas no que diz respeito aos sintomas, pois um tique pode, facilmente, ser banalizado como uma “mania” de criança. Com muito cuidado deve-se identificar esses traços iniciais da ST para que ela não passe despercebida aos olhos dos pais/familiares, pois sendo detectada ainda em sua fase inicial o acompanhamento com o objetivo de tratamento poderá acontecer de uma forma mais efetiva. Os tiques podem desaparecer espontaneamente com o passar do tempo, mas em casos considerados graves, necessitam de uma intervenção a nível comportamental mais abrangente, visando a busca pelo tratamento e a amenização dos desconfortos causados por eles.

Como destacado por Kushner (2000):

[...] não há evidências de que a ST seja uma doença única [...] cujo diagnóstico depende da identificação de uma lista de combinações possíveis de sinais e sintomas que um indivíduo deve apresentar em determinado período [...] que poderiam ser resultantes de uma variedade de causas diversas. (KUSHNER, 2000, p. 39)

Uma criança com a ST pode desenvolver outros distúrbios que podem interferir diretamente no seu desenvolvimento e no seu bem-estar, causando sofrimento. De acordo com Robertson e Yakely (2002), as comorbidades são comuns no caso da ST, principalmente o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), mas também podem estar associadas ao Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), ao transtorno de ansiedade ou a problemas de aprendizagem.

Como completa Hounie e Miguel (2012):

Muitas vezes, esses três transtornos ocorrem juntos, causando mais problemas do que quando são concomitantes. Em relação ao quadro clínico, ocorrerão sintomas obsessivo-compulsivos, tiques, déficit de atenção e hiperatividade em uma mistura que pode aumentar a chance de manifestações de outros distúrbios de comportamento, como outros transtornos de ansiedade (p. ex., ansiedade de separação, fobias) e outros transtornos do impulso (p. ex., ataques de raiva e explosões, tricotilomania). (HOUNIE, CASTILLO e CASTILLO apud HOUNIE; MIGUEL. 2012, p.46)

Todos esses transtornos causam ao paciente uma série de desconfortos que repercutem na sua vida psicossocial, podendo estar associados também a preconceitos e as dificuldades de viver em sociedade, a qual muitas vezes não entende ou não conhece essas especificidades. Principalmente quando se trata de crianças, pois a capacidade delas, de lidar com os problemas no tocante à ST e de funcionar adequadamente, depende de fatores que ainda não lhes foram esclarecidos por completo, sendo importante que se inclua o nível de apoio e compreensão dos pais, colegas e educadores, ou seja, enfatizando-se todo um contexto no qual se encontram inseridas.

O presente trabalho tem como objetivo principal realizar uma revisão bibliográfica sobre a ST e identificar quais as alterações comportamentais trazidas pela síndrome, bem como buscar entender as principais dificuldades e limitações que ela possa estabelecer em quem a possui.

O desenvolvimento do estudo em questão justifica-se a partir de dois horizontes, a saber: do ponto de vista social, a fim de entender e explicar como se dá a síndrome, considerando a sua raridade e especificidades; e, por fim, na esfera acadêmica, visando a produção de conhecimento e a contribuição no debate sobre o tema.

Para se chegar aos fins desejados, o método de pesquisa utilizado apresenta caráter de natureza exploratória. A fim de analisar e buscar uma compreensão mais ampla sobre a ST, foram utilizadas fontes secundárias para pesquisar documentos escritos, artigos e periódicos – como bibliotecas online, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), PubMed/Medline e Google Acadêmico – que embasassem o estudo de modo que os resultados fossem tratados de forma qualitativa, por intermédio dos conceitos e ideias relacionadas ao objetivo principal com interesse em abordar o campo



da ST.

O desenvolvimento da pesquisa implicou na busca de fontes diversas para o embasamento teórico. Cumpre destacar que tais textos – artigos, periódicos e livros – foram acessados por meio da pesquisa na base de dados na rede mundial de computadores (web). Importa ainda salientar que a literatura disponível sobre o tema apresenta, em sua maioria, vieses voltados para áreas diversas, tais como a medicina, a psiquiatria e neurociências, havendo, portanto, uma escassez de estudos como fonte de informação por parte das contribuições da Psicologia para o tratamento da ST (OLIVEIRA, 2015).

Para a busca de artigos utilizou-se os descritores como “Síndrome de Tourette”, “Transtorno de tiques”, “Sintomas e diagnóstico da ST”, “Terapia Cognitivo Comportamental no tratamento de tiques” e “Impactos psicossociais da ST”, combinados de diferentes formas, sem limite de data de publicação. Os resumos dos artigos selecionados foram lidos – quando em outro idioma como inglês e espanhol, traduzidos para o português – e classificados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: abordagem sobre a temática Síndrome de Tourette, histórico da síndrome, sintomas e tratamento. Foram excluídos artigos repetidos nas bases de dados selecionadas, trabalhos que não abordaram o tema de forma clara e objetiva, aqueles que não estavam disponíveis na íntegra, bem como os que não possuíam relevância para o estudo.

O presente trabalho apresenta a evolução histórica com base no tratamento envolvendo a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), sendo ela uma teoria de base comportamental, apontada por estudiosos como a mais usada no tratamento de tiques. A partir desse contexto, apresentam-se as principais técnicas e métodos da TCC, apontando-se quais são as contribuições mais utilizadas nesse processo de tratamento da ST à luz da teoria comportamental.

## SESSÕES DO ARTIGO

### SESSÃO 1: A EVOLUÇÃO TERAPÊUTICA DA SÍNDROME DE TOURETTE COM BASE NA TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL

#### 1.1 HISTÓRIA E PRINCIPAIS CONCEITOS DA TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL

Muitos estudos apresentam a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) como uma das teorias da Psicologia mais usadas para o tratamento das síndromes de tiques. Criada em meados dos anos 60 por Aeron Beck (1921-2021) – grande professor, neurologista e psiquiatra – a TCC realiza-se por meio de um trabalho de cunho colaborativo, entre paciente e terapeuta, de forma ativa e diretiva, além de ser uma proposta altamente centrada e estruturada, que se fundamenta na modificação de pensamentos disfuncionais desenvolvidos pelo indivíduo. A TCC vem se destacando principalmente no que diz respeito ao emprego de um conjunto de técnicas que possibilitam a mudança de padrões, sejam eles de comportamentos, pensamentos ou de emoções. (KNAPP, 2007; WRIGHT, 2008).

Segundo KNAPP e BECK (2008):

A pesquisa e a prática clínica mostraram que a TCC é efetiva na redução de sintomas e taxas de recorrência, com ou sem medicação, em uma ampla variedade de transtornos psiquiátricos. Beck aplicou sistematicamente o conjunto de princípios teóricos e terapêuticos da TC a uma série de transtornos, começando por depressão, suicídio, transtornos de ansiedade e fobias, síndrome do pânico, transtornos da personalidade e abuso de substâncias. Problemas interpessoais e raiva, hostilidade e violência também foram estudados. (KNAPP; BECK, 2008, p.55)

A TCC parte da premissa de que os comportamentos disfuncionais advêm dos padrões de crenças e pensamentos desenvolvidos no decorrer da vida e que eles – sejam crenças ou pensamentos – podem ser acessados e então modificados, causando alteração nos padrões emocionais e comportamentais do sujeito (GONÇALVES, et al., 2019). A abordagem supramencionada pode ser aplicada em práticas de intervenção individual e/ou coletiva, com eficácia comprovada a partir de diversos estudos ao longo dos anos de pesquisa sobre a abordagem e cada vez mais ampliada no que diz respeito às atividades de promoção a saúde na área clínica, coletiva e escolar (NOGUEIRA, et al., 2017).

O objetivo da TCC é entender a forma que a pessoa interpreta e identifica

determinada situação e como essa situação lhe afeta, partindo do entendimento referente aos pensamentos disfuncionais que podem ser acessados ou modificados, pois se desenvolvem a partir de crenças e padrões. (GONÇALVES et al., 2019). A TCC utiliza o conceito da estrutura “biopsicossocial” na determinação e compreensão dos fenômenos relativos à psicologia humana, constituindo-se, contudo, como uma abordagem que focaliza o trabalho sobre os fatores cognitivos da psicopatologia (BAHLS, S., NAVOLAR, A. 2004, p.3).

No que diz respeito à estranheza ainda causada por conta dos tiques da ST no contexto social, a TCC objetiva-se como essencial para o tratamento, pois como bem pontuam Gonçalves et al. (2019):

Os comportamentos observados na ST levam a sofrimento emocional e a graves consequências sociais. Não é incomum encontrar pessoas que se referem a indivíduos com ST como tendo tiques ou “cacoetes”, muitas vezes passando por situações constrangedoras devido aos movimentos motores e às vocalizações descontextualizadas (GONÇALVES et al., 2019, p. 52).

Sendo assim, o objetivo do psicólogo frente ao tratamento é trabalhar por meio de técnicas e psicoeducação, conscientização dos tiques, ajudando o paciente a perceber se existe alguma sensação que antecede o tique e, claro, na aceitação da síndrome tanto pelo paciente, quanto pela família. Importa salientar que as técnicas utilizadas no tratamento serão aplicadas em conformidade com a necessidade do paciente. (HOUNIE, 2012).

## **1.2 CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL PARA SÍNDROMES DE TICS**

A Terapia cognitivo comportamental (TCC) vem se destacando enquanto tratamento para quadros psicopatológicos de humor e ansiedade, constituindo-se cada vez mais de técnicas para o tratamento de demandas clínicas (BAHLS, NAVOLAR, 2004; CABALLO, 1996).

Como citado também por Oliveira (2017), que destaca a respeito da aplicação das técnicas da TCC para o tratamento nas Síndromes de Tiques:

O tratamento parte da premissa dos fundamentos básicos da TCC, de que o indivíduo precisa entender como seus pensamentos disfuncionais influenciam os sentimentos, as emoções e os comportamentos. Seguido do uso das técnicas respeitando a necessidade e o individualismo de cada paciente.

Com intuito de diminuir a frequência e ocorrência dos tiques. (OLIVEIRA, 2017, p. 30).

Uma das suas principais contribuições é a psicoeducação dentro do tratamento, tendo em vista a função básica de orientar o paciente em diversos aspectos. A dimensão da psicoeducação age apontando para as consequências daquele tratamento, bem como para a construção de crenças, valores e sentimentos, e apresentando como estes últimos podem ser motivo de repercussão na vida dos pacientes e na dos outros ao seu redor, apresentando de forma mais real a condição atual daquele paciente e ajudando também a sua família, quando da existência e prevalência de doenças de ordem física, genética ou psicológica (NOGUEIRA, et al., apud KNAPP, 2001; WRIGHT, 2008).

Segundo Knapp e Beck (2008), a psicoeducação é capaz de proporcionar ao indivíduo o desenvolvimento de pensamentos, ideias e reflexões sobre as pessoas, sobre o mundo e sobre como se comportar diante de algumas situações através de atividades que podem colaborar justamente na reflexão e obtenção de valores, tanto nas intervenções individuais como nas coletivas.

Importante ressaltar também a necessidade da identificação das emoções, pensamentos e comportamentos para, a partir disso, compreender o sistema de crenças. Nesse intuito, utiliza-se do Diagrama de Conceituação Cognitiva para identificar no paciente a sua situação, seus pensamentos automáticos, emoções, reações fisiológicas e comportamentos, buscando compreendê-lo, o que deve ser realizado já desde o primeiro contato. Desde a infância, as crenças de si, do mundo e dos outros vão se concretizando, muito embora na ST as crenças centrais não estejam especificamente relacionadas com os tiques a nível do comportamento, pode-se afirmar que aquelas podem interferir na intensidade e frequência destes últimos (SCOPEL e RUDNICKI, 2015).

### **1.3 PRINCIPAIS TÉCNICAS UTILIZADAS PARA O TRATAMENTO DA SÍNDROME DE TOURETTE**

Ao longo dos estudos, a Terapia cognitivo comportamental (TCC) vem se destacando principalmente pelo seu caráter científico, com possibilidades cada vez mais claras sobre estratégias que podem ser aplicadas e estruturadas dentro de

demandas específicas, como no caso do tratamento da ST, que requer principalmente o uso de técnicas específicas.

Knapp e Beck (2008) complementam acerca das técnicas:

Ao longo de todo tratamento, utiliza-se a abordagem colaborativa e psicoeducativa, com experiências específicas de aprendizagem desenhadas com o intuito de ensinar os pacientes a: 1) monitorar e identificar pensamentos automáticos; 2) reconhecer as relações entre cognição, afeto e comportamento; 3) testar a validade de pensamentos automáticos e crenças nucleares; 4) corrigir conceitualizações tendenciosas, substituindo pensamentos distorcidos por cognições mais realistas; e 5) identificar e alterar crenças, pressupostos ou esquemas subjacentes a padrões disfuncionais de pensamento (KNAPP; BECK, 2008, p.59).

Como apontam Gonçalves et al. (2019), dentre todas as técnicas e estratégias existentes na TCC, atualmente existem duas que são mais destacadas no que se refere ao tratamento de tiques (incluindo a ST), a saber: a exposição com prevenção de resposta (EPR) e o treinamento de reversão de hábitos (TRH).

A EPR é um conjunto de técnicas comportamentais que acontecem de forma gradual com o paciente; inicia-se com os estímulos que possam ser desencadeadores de respostas obsessivas e compulsivas e que causem menos ansiogênicos, passando-se posteriormente para os grupos de estímulos que geram respostas mais complexas e mais ansiogênicas. Importante destacar que, caso envolva algum risco ao paciente, essa hierarquia pode ser quebrada. Esse procedimento da EPR altera o condicionamento operante psicopatológico, e, com o tempo e a repetição, sendo esses estímulos acompanhados de aplicação da técnica, vão se consolidar o condicionamento de um novo comportamento operante.

Como declara Gonçalves et al. (2019):

Apesar de ter sido uma técnica desenvolvida para tratamento de TOC, muitos profissionais a estão utilizando também para o tratamento da ST. Isso se justifica pelo fato de que a premissa de funcionamento dos dois transtornos é a mesma: ambos partem de comportamentos impulsivos, incontroláveis, espontâneos e que causam prejuízos de diversas ordens e possivelmente apresentam mecanismos neurobiológicos em comum (GONÇALVES et al., 2019, p.54).

A EPR tem por objetivo justamente romper os círculos a respeito da exposição aos objetos e/ou situações evitadas e da previsão de respostas, solicitando ao indivíduo que suscite ou elimine seus medos os quais estão diretamente ligados aos

rituais mentais, neutralizações, comportamentos evitativos, hipervigilância e busca de garantias. Na perspectiva da teoria comportamental (estímulo/ resposta) tais atos são considerados “respostas” a estímulos aversivos - as obsessões (pensamentos, imagens ou impulsos invasivos), que se tornaram associadas a diversos estímulos como objetos, lugares ou pessoas (CORDIOLI, 2014).

Como completa Gonçalves et al. (2019)

A EPR deve ser gradual: inicia-se pelo grupo de estímulos que eliciam obsessões e compulsões menos ansiogênicos, passando posteriormente aos grupos de estímulos que eliciam respostas obsessivo-compulsivas (OCs) mais complexas e mais ansiogênicas. Essa sequência pode ser quebrada no caso de haver sintomas OCs que estejam comprometendo alguma função vegetativa. Um exemplo disso é quando um paciente apresenta sintomas OCs rígidos de verificação de comida, resultando na evitação da ingestão, o que costuma levá-lo a uma severa perda de peso. Em casos como esse, a hierarquia deve ser quebrada, sendo mandatório o início da EPR pelos sintomas que estejam provocando maior prejuízo ou risco à vida do indivíduo. (GONÇALVES et al., 2019, p.54).

Outra técnica bastante utilizada é a TRH, a qual objetiva que o paciente focalize a ocorrência de um comportamento e interrompa-o por meio de outro comportamento incompatível. Em outras palavras, a TRH busca aumentar o nível de consciência em relação a um comportamento disfuncional com o objetivo de buscar novas alternativas comportamentais que sejam funcionais. A TRH envolve principalmente o desenvolvimento da consciência do tique, relacionando o treino de comportamentos competidores e tornando fisicamente impossível a realização do tique, a partir das sensações premonitórias. Esse método inclui treinos de relaxamento e de identificação de fatores situacionais corriqueiros na intenção de promover estratégias que diminuam os impactos causados pelos tiques (TOLEDO et al., 2010).

A TRH é um método muito usado como estratégia clínica para diversos tipos de tratamentos, com o objetivo de auxiliar pessoas com transtornos de hábitos diversos, como chupar o dedo, arrancar os cabelos, morder, roer as unhas, dentre outros. O método da TRH envolve basicamente três passos: o paciente aprende a descrever e/ou identificar o comportamento-problema; treina diariamente a realização de um novo comportamento incompatível ou que vá em desacordo com o comportamento-problema, e emite o novo comportamento logo após acontecer o comportamento-problema. Diante desse quadro, o paciente consegue elencar os

comportamentos que foram que lhes causaram constrangimento, registrando-os e construindo um gráfico de comportamentos, fazendo com que ele possa ficar comprometido e engajado a fim de reforçar o novo padrão comportamental adquirido. É solicitado então a algum membro da família o envolvimento no tratamento, para que possa fornecer o reforçamento. A TRH implica para o indivíduo uma possibilidade de monitoramento das sensações premonitórias aos tiques, fazendo com que possa responder a eles de forma voluntária (GONÇALVES et al., 2019 apud GOULART-JUNIOR e BRITTO, 2010).

Apesar das técnicas supracitadas terem sido desenvolvidas a priori para o tratamento do TOC, se justifica o uso pelos profissionais para a ST pela premissa do funcionamento entre os dois transtornos, por ambos apresentarem comportamentos impulsivos, incontroláveis, espontâneos, que causam prejuízos de diversas ordens e que apresentam mecanismos neurobiológicos em comum. Contudo, entende-se que é importante estabelecer uma relação entre o sintoma e quais estratégias terapêuticas deverão ser usadas desenvolvidas pela TCC, assim possibilitando a realização de protocolos de atendimentos que poderão ser utilizados pela comunidade de profissionais psicólogos com o objetivo de ajudar no atendimento sistemático a pacientes com ST (GONÇALVES et al. 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo geral realizar uma revisão de literatura selecionada com a intenção de identificar as alterações comportamentais da ST bem como as principais formas de tratamento para com ela. Além disso, buscou-se refletir sobre o impacto que a ST causa na vida dos pacientes e dos seus familiares, grupo principal de contato direto com os pacientes. O percurso teórico priorizou o campo da Psicologia, perpassando a trajetória histórica da síndrome, bem como sobre os meios de tratamentos possíveis e mais utilizados para minimização do sofrimento gerado, até as contribuições acerca da TCC.

Dentro desse processo de busca de conhecimento em meio a textos já escritos e publicados em recursos eletrônicos, identificou-se através da pesquisa a baixa disponibilidade de conteúdo na área, levando em consideração a raridade da

síndrome. Cumpre reportar que existem mais produções acerca de suas comorbidades do que propriamente sobre a ST. Tal fato causa inquietude e aponta para a necessidade de realização de mais estudos, com o objetivo principal de ajudar tanto as pessoas que possuem a ST, quanto os profissionais da saúde, de forma a propiciar um melhor manejo com o tratamento, para que ele venha acontecer de forma adequada e segura, pensando, obviamente, na relação de confiança que se estabelece e no tratamento propriamente dito.

Entende-se então a ST como uma condição de neurodesenvolvimento, considerada rara até pouco tempo, que influencia diversos âmbitos da vida do paciente. Tendo em vista que sua aparição ocorre, geralmente, durante a primeira infância, há que se considerar a participação em espaços sociais, tal como a escola, nos quais podem acontecer momentos de estranhamento para com a criança que apresenta tiques, mesmo que ainda considerados leves, fato que pode levar a casos de bullying e exclusão social pela falta de conhecimento. Nesse sentido, conforme apresentado, faz-se muito necessária que a propagação do conhecimento acerca das doenças mentais aconteça de forma mais efetiva, pois em casos como estes, o professor assoma-se como a figura mais presente no ambiente escolar, devendo estar preparado para lidar com esse tipo de fenômeno. Objetivando a inclusão dessas crianças que apresentem perturbações mentais em relação as outras, com o fim principal da desestigmatização.

Esse conhecimento diz respeito também à categoria da Psicologia, frente ao estudo, principalmente na busca de tratamentos eficazes, como exposto na pesquisa a respeito da TCC, considerada como uma das mais utilizadas e eficazes nesse contexto. Sobre a TCC pôde-se observar que possui diversas técnicas e estratégias cognitivo-comportamentais comprovadamente funcionais, que possibilitam uma melhor maneira de lidar com aquilo que muitas vezes é irreversível e causa sofrimento, ocasionando a diminuição de frequência e intensidade dos tiques e buscando a remissão total ou parcial. A psicoterapia é uma entrega entre o terapeuta e seu paciente, a qual tem por objetivo comum o tratamento, que se utiliza de meios técnicos de manejo, e que tem como premissa o trabalho em conjunto o alcance dos fins



desejados. Nessa relação, importa enfatizar o papel da psicoeducação para que todos esses processos cheguem cada vez mais conscientes para o paciente, especialmente no tocante ao que está sendo realizado e trabalhado junto a ele, assim como a aplicação das técnicas diretivas e assertivas a respeito do tratamento como supracitado a TRH e EPR.

Ao final, pode-se dizer que ainda existe espaço para mais estudos na área afim de buscar compreender melhor todas as peculiaridades que a ST apresenta. Da mesma maneira como se faz necessário preencher o vazio a respeito da sua causa de desenvolvimento, pois ainda não se chegou a um denominador comum sobre a etiologia dela, considerando suas múltiplas causas. Os estudos e escritos apresentados, conseguem se posicionar frente à classificação, diagnóstico e de acordo com técnicas chegar ao tratamento de tiques e no manejo frente ao adoecimento.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAHLS, S. C.; NAVOLAR, A. B. Terapia Cognitivo-Comportamentais: conceitos e pressupostos teóricos. Curitiba, PsicoUTP, 2004.

CORDIOLI, A. V. (org.) Manual de terapia cognitivo-comportamental para o transtorno obsessivo. 2ª ed, 2014. Porto Alegre, Artmed.

GONCALVES, D. M.; SILVA, N. G.; ESTEVAM, I. D. Síndrome de Tourette e terapiacognitivo-comportamental: um estudo de caso. Rev. bras. ter. cogn., Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 51-58, jun. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180856872019000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180856872019000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 set. 2021.

HOUNIE, A.G.; MIGUEL, E.C.; Tiques, Cacoetes, Síndrome de Tourette: um manual para pacientes, seus familiares, educadores e profissionais de saúde. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

HOUNIE, A.; PETRIBÚ, K. Síndrome de Tourette - revisão bibliográfica e relato de casos. Brazilian Journal of Psychiatry [online]. 1999, v. 21, n. 1 [Acessado 19 outubro 2021], pp. 50-63. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44461999000100011>>. Epub 27 Jun 2000. ISSN 1809-452X.

KNAPP, P. e BECK, A. T. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapiacognitiva. Brazilian Journal of Psychiatry [online]. 2008, v. 30, suppl 2 [Acessado

24 novembro 2021], pp. s54-s64. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462008000600002>>.Epub 17 Nov 2008. ISSN 1809-452X.

KUSHNER, Howard. A conjuntura histórica para um substrato infeccioso para a síndrome de Tourette. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo, v. 22, n. 2, p. 39-40, June 2000. Available from <[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151644462000000200001&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462000000200001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 mai. 2022.

NOGUEIRA, C. A.; CRISOSTOMO, K. N.; SOUZA, R. S.; PRADO, J. M. A importância da psicoeducação na terapia cognitivo-comportamental: uma revisão sistemática. Revista das Ciências da Saúde do Oeste Baiano - Higia 2017; 2 (1): 108 - 120.

OLIVEIRA, P. B. S. A terapia cognitivo-comportamental no tratamento da síndrome de Tourette. Centro de Estudos em Terapia Cognitivo-Comportamental (CETCC). São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://cetcconline.com.br/wp-content/uploads/2018/09/2017-8-PRISCILA-BARROS-SANTOS-OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SCOPEL, L. RUDNICKI, T. Intervenções cognitivo-comportamentais no atendimento infantil: relato de uma experiência. Rev. Saú. e Des. Hum. 2015.

TOLEDO, E. L. (2010). Avaliação do tratamento cognitivo-comportamental estruturado para grupos de pacientes com tricotilomania. Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-09062014-095528/pt-br.php>

## CAPÍTULO 2

### A INTERVENÇÃO DOS PSICÓLOGOS NAS HABILIDADES SOCIAIS PARA INDIVÍDUOS COM ALTAS HABILIDADES / SUPERDOTAÇÃO

DOI 10.47402/ed.ep.c202218942372

Verluzia Alves de Lima  
Tainná Barrêto Feitoza  
Adriana de Alencar Gomes Pinheiro  
Maria Gorete Sarmiento da Silva

#### RESUMO

O presente estudo contempla "A intervenção dos psicólogos diante dos indivíduos com altas habilidades / superdotação no desenvolvimento das habilidades sociais". No decorrer do trabalho contemplamos uma conceituação sobre AH e SD, inteligência, o percurso do mesmo na educação e a intervenção do THS para o desenvolvimento do sujeito. Nas investigações realizadas na pesquisa pode-se também relatar e desmistificar atributos vivenciados no decorrer do cotidiano dos indivíduos. No Brasil somente deu-se início aos estudos e atendimentos para estudantes com AH/SD no ano de 1929. Isso ocorreu graças às pesquisas de Helena Antipoff (1892-1974), que era psicóloga e educadora, nascida na Rússia, que deteve a atenção nos estudantes que se destacavam por suas habilidades superiores. Como pesquisadora, Antipoff deu uma grande contribuição com suas publicações e em 1962, criou em Minas Gerais, na zona rural da cidade, um programa que atendia alunos superdotados das áreas periféricas da cidade, o projeto que teve continuidade por seu filho Daniel. Sujeitos com altas habilidades e superdotação nem sempre vivenciam uma vida tranquila e sem problemas, pelo contrário, em sua maioria, são estigmatizadas, o que os causa déficit nas habilidades sociais. Por vezes, há grandes dificuldades na vida acadêmica e pessoal, o avanço em algumas áreas ou disciplinas não significa necessariamente o alcance da realização pessoal. Por esses e muitos outros motivos o objetivo geral desse artigo foi entender como o treino de habilidades sociais (THS) influencia no desenvolvimento acadêmico do aluno com AH e SD. E os objetivos específicos foram: discorrer sobre o tema AH /SD; descrever a intervenção psicológica com base no THS; e compreender as mudanças mediante as publicações em português sobre o uso de THS no âmbito escolar. Assim, foi investigado, por meio de artigos, teses, dissertações e livros acerca da temática. Os métodos utilizados no trabalho deram-se por meio de levantamento bibliográfico, e estudos de caso, evidenciaram o uso de instrumentos, e os resultados dos mesmos. Por fim, considerando o estudo um momento de ampliar conhecimento sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas, principalmente as de sujeito único relacionadas a THS e sujeitos com AH/SD dentro do contexto escolar. Ressalta-se a importância dos profissionais da área de educação obterem uma formação continuada, e parceria com a psicologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Altas habilidades; superdotação; treino de habilidades sociais; desenvolvimento.

## INTRODUÇÃO

A ideia do senso comum é a de que o indivíduo “habilidoso” é diferente, e que essa “habilidade” o torna um gênio. Apesar de tantas especulações o tema foi escolhido justamente para desmistificar alguns mitos e dar ênfase a tantas indagações e dúvidas frequentes e a partir de então, dar respostas aos questionamentos, e entender qual seriam as intervenções específicas e quais meios que o profissional da Psicologia pode intervir para com os sujeitos com altas habilidades (ah) / superdotação (sd).

De acordo com Almeida e Capellini (2005, p. 45), a “superdotação ainda se constitui um enigma para a Ciência e poucos estudos investigam esse fenômeno no Brasil. Conseqüentemente, muitos talentos nem mesmo são identificados”.

Alencar (2007) em seus estudos descreveu alguns termos que podem ser sinônimos de superdotação, alguns estudos citam: jovens com raciocínio excepcional, aptidões superiores, indivíduos mais capazes, bem dotados, com alto potencial e talentos especiais, na língua portuguesa ainda não houve concordância de um termo ideal, o mais aceito foi “altas habilidades/ superdotado” por motivo da opção do PNEE (DE CASSIA, 2020 apud ALENCAR,2007).

Apesar de haver muitas concepções a respeito do conceito de altas habilidades e superdotação e, por extensão, inteligências, o tema ainda é pouco discutido. Além disso, a intervenção do treino de habilidades sociais e a psicologia são de suma importância para a vivência dos sujeitos que estão na condição. As Altas Habilidades (superdotado) não são citadas no CID-10, por não serem consideradas um transtorno, mas sim uma condição. AH/SD também não estão necessariamente relacionadas ao Q.I., e sim à capacidade cognitiva do indivíduo.

De acordo com os estudos de Perez (2008), o Conselho Brasileiro de Superdotação (ConBraSD), no ano de 2002, decidiu que o termo Altas Habilidades/Superdotação seria o ideal para o comportamento daqueles que se destacam em vários campos, e não apenas na inteligência linguística, lógico-matemática e espacial, mas também em muitas outras áreas do saber (PÉREZ, 2008).

Na definição dos estudos de Sabatella (2013), pessoas com AH e SD apresentam maior destaque em comparação ao restante de seus pares pelo menos em uma área de conhecimento, seja ela verbal ou lógica-matemática, entre outras. Além disso, as características desses sujeitos podem incluir: facilidade e rapidez na aprendizagem; um diferencial na energia e na curiosidade; precocidade nas ideias; muita motivação para temas de seu interesse; vocabulário avançado; memória e raciocínio elevado; preferências em trabalhos individuais ou com pessoas mais velhas; e sensibilidade aguçada e liderança.

Alfred Binet criou um instrumento (doze anos de pesquisa) que teria como objetivo saber se as crianças teriam sucesso ou não na vida escolar, no ano de 1905 o instrumento testava as habilidades nas áreas verbal e lógica, de início o propósito do mesmo era apenas psicopedagógico. Com a participação de Lewis Terman professor de Psicologia Educacional da Universidade de Stanford, localizada no estado da Califórnia, o documento foi nomeado Standford-Binet Intelligence Scale/ Escala Binet Simon.

Essa ferramenta deu origem ao primeiro teste de coeficiente intelectual (QI), originalmente baseado no cálculo matemático desenvolvido por Wilhelm Stern. A partir do ano de 1925, com base nos estudos de Binet, Simon e Terman, estes foram reconhecidos com os scores de QI acima de 135 no teste de inteligência e, assim, obtiveram a identificação dos superdotados (RANGNI, 2011).

Segundo Pontes, a inteligência irá enveredar em duas áreas - a forte e a fraca -, pois a capacidade de distinguir, compreender e resolver cada problema é questão de adaptação. Partindo da ideia de que a pessoa pode preponderar mais em uma área do que em outra, conclui-se que a área forte será aguçada, quando o indivíduo se adaptar com maior facilidade; e, quando houver maior dificuldade, podemos considerar a área fraca (PONTES,2019).

O professor e também psicólogo, Howard Gardner (1994), desenvolveu a Teoria das Inteligências Múltiplas na década de oitenta, revolucionando o conceito do tema. Assim, distinguiu as seguintes inteligências: Inteligência Linguística, Lógico-Matemática, Musical, Espacial, Corporal-Cinestésica, Interpessoal e a Intrapessoal.

Gardner (2005) procurou em sua teoria atentar-se em pontos importantes para seus estudos, que foram os fatores biológicos, e a insensibilidade social. Através de um mapa cerebral percebeu que as áreas distintas de funcionamento da inteligência, são independentes.

No campo educacional, a superdotação pode ser evidenciada nas Políticas de Educação Especial e Inclusiva. A escola é um dos ambientes onde passamos mais tempo e no qual temos contato com situações diversas, que podem servir para revelar habilidades. De acordo com Perez (2016), foi na Sociedade Pestalozzi, no ano de 1966, em que se criaram os primeiros seminários sobre Educação dos Superdotados. A autora destaca que ainda existiam confusões entre AH/SD e precocidade, gênios, prodígio e hiperativo.

Podemos descrever 1970 como uma década de grandes avanços na educação dos superdotados, pois, nesse período, foram elaboradas leis que criaram iniciativas para os indivíduos que necessitavam de atendimento especial. Os termos de Legislação da Lei 5.692 de 1971, nos quais se fixaram diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, trazem em seu texto o seguinte:

Art. 9º “Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.”

No ano de 2001, a expressão AH/SD foi citada pela primeira vez nas Diretrizes Nacionais da Educação Especial para a Educação Básica, de acordo com a Resolução n.º 02/2001:

Art. 8º As escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: IX – atividades que favoreçam, ao aluno que apresente altas habilidades/superdotação, o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares, mediante desafios suplementares nas classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para conclusão, em menor tempo, da série ou etapa escolar, nos termos do Artigo 24, V, “c”, da Lei 9.394/96. (BRASIL, 2001, Art. 8.º, IX)

Com o objetivo de garantir serviços e acessos às crianças, a AH/SD é contemplada pelas diretrizes da Educação Especial (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011) para que a escola possa atender

às necessidades particulares e ser amparada por leis, assegurando, desse modo, melhores recursos a cada demanda realizada.

O Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, além de disponibilizar informações sobre a Educação Especial e melhor detalhamento no Atendimento Educacional Especializado, propõe mudanças e providências necessárias, para que possam ser cumpridos os direitos dos estudantes. Dentre as ações, em seu art. 2º, inciso 1º, está: “II – suplementar a formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 2011). A Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, em seu art. 26 aprovou, a partir do Plano Nacional de Educação e outras providências, a implantação de programas de atendimento aos alunos com AH/SD nas áreas artística, intelectual ou psicomotora (BRASIL, 2001).

Sujeitos com altas habilidades e superdotação nem sempre vivenciam uma vida tranquila e sem problemas; pelo contrário, em sua maioria, são estigmatizadas, o que os causa déficit nas habilidades sociais. Por vezes, há grandes dificuldades na vida acadêmica e pessoal, o avanço em algumas áreas ou disciplinas não significa necessariamente o alcance da realização pessoal. Os alunos com AH/SD, em alguns casos, manifestam um descompasso no seu desenvolvimento, apresentando por isso problemas emocionais (ALENCAR et al. 2011).

Os primeiros estudos do tema THS (Teste de Habilidade Social) tiveram início por volta de 1970 na Inglaterra. As primeiras publicações acerca do assunto vieram de Argyle, da universidade de Oxford, que foi, por sua vez, baseada na área de Treinamento Assertivo, que se refere aos sentimentos negativos e defesas, desenvolvido por Wolpe no ano de 1958 nos Estados Unidos.

As teorias, pesquisas psicológicas e intervenções foram baseadas na Análise do Comportamento, na Psicologia Social-Cognitiva de Bandura e na abordagem Cognitivo-Comportamental (DEL PRETTE & DEL PRETTE 2016 apud LEANDRO-FRANÇA, 2021).

As características técnicas das THS se dividem em :avaliação e intervenção. A primeira se propõe observar os excessos e déficits comportamentais, os antecedentes,

os consequentes, as reações emocionais e as crenças distorcidas que prejudicam o sujeito socialmente. (MURTA, 2005 apud DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2009).

O THS é eficaz, desde que apresente reforçadores positivos para o sujeito, tendo relação direta com sua saúde mental. Pelos estudos e indicadores, é possível afirmar que um Treinamento de Habilidades Sociais é válido e tem contribuição significativa na melhora dos sintomas de ansiedade e humor. (PEREIRA, 2013).

Para dar início a uma intervenção, é de suma importância que, num primeiro momento, identifique-se a existência ou não do déficit em Habilidades Sociais. Ele se divide em dois tipos - o déficit de aquisição e déficit de desempenho. Enquanto no primeiro o indivíduo, em sua vivência, possui uma falta de conhecimento e, por isso, não tem nenhuma habilidade social; no segundo, as falhas estão nas práticas das habilidades existentes (GRESHAM, 2009).

O profissional, no uso treino de habilidades sociais com Superdotados e Habilidosos, pode utilizar das técnicas já citadas para o meio social, com atividades planejadas, que contribuem e estruturam os processos de aprendizagem, mediando e conduzindo. No meio escolar ou familiar, a técnica de THS visa ampliar a frequência e/ou melhorar a proficiência de habilidades sociais já aprendidas, mas deficitárias; ensinar habilidades sociais novas e significativas; e diminuir ou extinguir comportamentos concorrentes. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010, p. 128 apud SANTOS, 2016).

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório. Segundo Andrade (2007), a pesquisa exploratória tem a finalidade de proporcionar maiores informações sobre determinado assunto, bem como facilitar a delimitação de um tema de trabalho, além de ser útil para definir objetivos ou descobrir um novo enfoque para o trabalho que se deseja produzir. Sobre o estudo bibliográfico, Gil (2010) considera que se trata de uma pesquisa elaborada com base em material já publicado, tradicionalmente esta modalidade inclui livros, artigos, teses, dissertações ou anais de eventos científicos.



Para a realização do presente trabalho, foram selecionados artigos publicados em periódicos nacionais a partir de 2014. Para este trabalho, valeu-se da bibliografia dos últimos oito anos sobre o assunto. A busca pelos textos se realizou, na base de dados Scielo - Scientific Electronic Library Online e Google Acadêmico, a partir das palavras-chave “superdotação”, “altas habilidades”, “THS”, “treino de habilidades sociais” e “contexto escolar”.

Após levantamento dos dados, a presente pesquisa estabeleceu-se 30 artigos. Em seguida, foi realizada uma seleção, a partir da qual foi determinado o material que seria utilizado e quais suas informações pertinentes. Após a realização das leituras e revisão, elaborou-se o conteúdo para o trabalho. O critério foi a inclusão de todos os artigos publicados no Brasil em língua portuguesa de 2014 a 2022 que contemplassem o tema e que, sobretudo, tratassem especificamente dos assuntos sobre superdotação, educação e treino de habilidades.

A seleção dos estudos passou pelas seguintes etapas:

**Quadro 1:** Etapas das seleções de estudo.

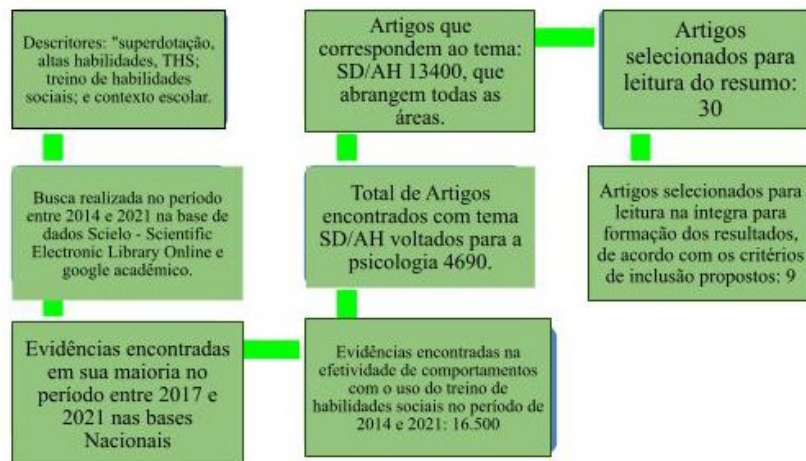
<b>Etapas desenvolvidas na pesquisa</b>	<b>Tarefas realizadas</b>
1	Leitura dos títulos e fichamento das publicações
2	Leitura dos resumos e artigos e contextualização
3	Análise de conteúdos
4	Busca por temas específicos
5	Escrita e correções de ordem científica
6	Conteúdo para finalização do estudo

**Fonte:** Elaboração própria, 2022.

Após a aplicação das tarefas foram desenvolvidas escritas e implementação dos objetivos do estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para evidenciar nossos resultados foi elaborado um fluxograma que demonstra a estratégia de busca e de seleção dos artigos que contribuíram para a escrita deste trabalho:



**Quadro 2:** Exposição dos artigos selecionados.

Nº	Título do Estudo	Autor/Ano	Objetivos do Estudo
01	Habilidades Sociais na Escola: Relato de Experiência de Estágio em Psicologia Escolar	CRUZ., PATIAS E WAGNER 2020	Relatar a experiência de um estágio curricular em Psicologia, no desenvolvimento de habilidades sociais de estudantes do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).
02	Treinamento de Habilidades Sociais no Contexto Escolar - Um Relato de Experiência	PASCHE, 2019.	O objetivo do estudo foi desenvolver um repertório de comportamentos mais saudáveis aos alunos, para uma melhor comunicação, interação e contribuição no processo de aprendizagem.
03	Altas habilidades/superdotação: Intervenção em habilidades sociais com estudantes, pais/responsáveis e professoras.	DE OLIVEIRA; CAPELLINI; RODRIGUES, 2020	Teve por objetivo descrever e comparar a existência de um repertório de habilidades sociais, e eventuais problemas de comportamento em estudantes com AH/SD de uma escola pública.

04	Delineamento experimental em Análise do Comportamento: discussão sobre o seu uso em intervenções educacionais inclusivas	BENITEZ, 2019	O objetivo do estudo foi analisar as pesquisas aplicadas e sua contribuição no arranjo de intervenções profissionais mais sistemáticas na área da educação especial inclusiva, a partir do uso de delineamentos experimentais em Análise do Comportamento
05	PROMOVE-Crianças: efeitos de um treino em habilidades sociais para crianças com problemas de comportamento	FALCÃO, 2016	O objetivo do estudo foi avaliar a eficácia de uma intervenção em grupo com crianças para promover habilidades sociais infantis e reduzir problemas de comportamento
06	Desenvolvendo habilidades sociais com jovens talentosos: Um programa e múltiplas experiências.	CHAGAS-FERREIRA, 2019	O artigo tem por objetivo descrever os processos e resultados parciais relacionados a um Programa que desenvolveu Habilidades Sociais em Jovens Talentosos
07	Habilidades Sociais e Prevenção do Suicídio: Relato de Experiência em Contextos Educativos.	LEME, 2019	O objetivo deste relato de experiência foi apresentar a realização de um projeto com oficinas e palestras sobre habilidades sociais e de vida em diferentes contextos educativos em uma universidade pública do Rio de Janeiro.
08	Habilidades sociais e bem-estar subjetivo de crianças dotadas e talentosas.	FRANÇA-FREITAS DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2017	No objetivo do estudo houve a investigação entre as habilidades sociais e indicadores de bem-estar subjetivo de crianças SD/ AH.
09	Avaliação psicológica e psicopedagógica junto à estudante com características de superdotação: estudo de caso	SIGNORINI; RONDINI, 2021	Os objetivos foram a descrição do processo avaliativo de Sol, retratar dificuldades dos familiares, na busca de direitos legais. E também uma avaliação psicológica com uso de instrumentos para saber mais sobre a capacidade cognitiva, criativa e atencional, e fazer a avaliação do repertório de habilidades sociais e ansiedade.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

No estudo de Cruz (2020), por meio do relato das experiências de um estágio, evidenciou-se que nas análises realizadas no grupo de 32 alunos, sendo 12 do Ensino Médio e 20 do EJA, depois da aplicação da intervenção, houve melhorias das relações interpessoais no ambiente escolar. Após o estudo, percebeu-se que o uso do treino de habilidades sociais no desenvolvimento dos estudantes foi positivo para as relações interpessoais e que, além de ser realizado com alunos, necessita da maior participação da comunidade escolar.

Na proposta, que foi realizada por estudantes de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com 10 crianças na faixa etária de 7 a 9 anos, foi utilizado o treinamento de reforço positivo e foi obtida uma perceptível melhora no contexto escolar. O objetivo do projeto foi alcançado e ocorreu o fortalecimento de vínculos emocionais, um crescimento saudável nas faixas etárias e uma maior autonomia dos participantes (PASCHE, 2019).

Oliveira (2020) descreve a realização de um programa de treinamento em habilidades sociais que contou com nove estudantes superdotados de idade entre 6 e 10 anos, nove pais/responsáveis e oito professoras. Todos os participantes responderam, antes e após a intervenção, um instrumento muito utilizado em vários países – o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR) versão nacional.

Ele avalia o repertório de habilidades sociais, serve de suporte caso haja problemas de comportamento e ajuda também nas competências acadêmicas das crianças. Os resultados indicaram uma ampliação do repertório de habilidades sociais segundo a percepção dos estudantes; já os pais/responsáveis relataram que ocorreram melhoras em relação à responsabilidade. As professoras, por sua vez, apontaram ganhos quanto às habilidades sociais gerais, tipo autocontrole, assertividade, desenvoltura social, cooperação, afetividade e competência acadêmica.

O levantamento do estudo de Benitez em periódicos classificados como Qualis A1 e A2 nas áreas de Psicologia e Educação. Realizou isso por meio de um delineamento de sujeito único e um enfoque nos desafios postos na condução de pesquisas que envolvam o tema AH/SD e a educação especial. Os processos e a discussão de propostas sobre reflexões da importância do papel do delineamento

experimental e suas práticas foram evidenciadas, assim a dificuldade de encontrar uma intervenção que assegure o tema é uma sugestão para os próximos trabalhos (BENITEZ, 2019)

Falcão (2016) executou uma coleta de dados com crianças que foram encaminhadas pelos professores de sala de aula regular do segundo ano do Ensino Fundamental. A partir das análises realizadas durante as intervenções, verificou-se a baixa frequência de comportamentos problemáticos durante a sessão para todos, ou seja, quando os comportamentos habilidosos eram evidenciados havia diminuição dos problemas de comportamento. A seleção do treino de habilidades e a seleção de procedimentos foram capazes de ensinar habilidades sociais para crianças que apresentavam problemas de comportamento e gerar a ideia de um estudo em maior escala.

Chagas-Ferreira (2019) relata um estudo sobre habilidades sociais realizado no Programa de Desenvolvimento de Habilidades Sociais para Jovens Talentosos (PDHSJT) no projeto de extensão de uma comunidade do Distrito Federal. Os públicos-alvo foram egressos do Atendimento Educacional Especializado ao Aluno Superdotado (AEE-SD), graduandos do curso de psicologia e graduandos que entram em idade precoce na universidade. A sua formulação teve como objetivo promover o desenvolvimento de habilidades sociais entre jovens com idade entre 16 e 30 anos. Utilizou como material de apoio para o projeto (IHS - Del Prette). O resultado do estudo foi obtido e seus aspectos positivos de maior relevância foram: o acolhimento, a dinâmica e relacionamento interativo entre os membros do grupo nos encontros, a amizade; a promoção do autoconhecimento; as discussões das atividades de automonitoramento; a reflexão sobre os próprios comportamentos; a melhoria nos processos comunicativos. e de como lidar com as pessoas e a própria evolução social.

França-Freitas (2017) produziu um estudo com uma amostra de 269 crianças superdotadas e talentosas com idades de 8 a 12 anos, sendo a maioria meninas. Estas estavam em escolas regulares e participavam de dois centros que efetuam programas específicos para esse público - o CEDET (Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento) e o DECOLAR (Centro de Desenvolvimento do Talento).

Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa foram quatro, sendo eles um autorrelato, um questionário de caracterização da amostra, uma escala de habilidades sociais e duas escalas de bem-estar subjetivo. O pesquisador teve como resposta sobre as habilidades sociais que o bem-estar subjetivo das crianças possibilita uma melhor relação interpessoal e de realização pessoal e aumento na qualidade de vida no crescimento das crianças. Essas formas de inclusão são atividades extracurriculares que a própria escola organiza, com salas específicas e recursos, tais como CEDET para desenvolver seus talentos e seus potenciais.

Signorini (2021) descreve um estudo de relato de caso único. Uma menina de 9 anos chamada Sol, no ano de 2020 que cursava o 4º ano do Ensino Fundamental I em um colégio bilíngue, no qual era bolsista desde dos quatro anos, apresentava um desempenho superior à média. Sol, que convivia com a mãe e os avós maternos, desde do 2º ano escolar sentia-se desestimulada, porque sempre concluía as atividades escolares antes dos colegas, que também foram utilizados como instrumentos para estudo de caso, que foram Escala Wechsler de Inteligência para Crianças - 4ª Edição - WISC-IV, Teste d2 - Revisado - Teste d2-R, Teste de Criatividade Figural Infantil - TCFI, Inventário de Ansiedade Traço-Estado para Crianças - IDATE-C e Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (versão brasileira) - SSRS-BR.

Assim como os outros instrumentos a avaliação social teve um resultado além do esperado, os escores em habilidades sociais foram ótimos. Em contrapartida, os resultados nos quesitos empatia e afetividade seguiram em número inferior. A mãe relata ver grande dificuldade no atendimento à filha no ambiente escolar e pontua que os profissionais da área da educação ainda estão por reconhecer esse tipo de público. Queixa-se da desassistência, o que realmente dificulta o desenvolvimento de sujeitos AH/SD que não possuem um ambiente familiar e uma condição financeira favorável.

Diante dos trabalhos pesquisados, observou-se que alguns temas que abrangem a área educacional e inclusiva são mais recorrentes, como: práticas, intervenções e estudos que contemplam o novo conhecimento para as áreas escolares. Tendo como base tanto os resultados bibliográficos quanto os estudos abertos, foi possível verificar que o treino de habilidades sociais e sua aplicação são extremamente essenciais aos

casos relacionados, porque quanto mais desenvolvido for esse repertório social, maior será o nível de interação, de bem-estar e de desenvolvimento dos sujeitos no enfrentamento das situações. É imprescindível reforçar que os seus familiares, sejam eles responsáveis diretos ou indiretos, também necessitam ter conhecimento do assunto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que em muitos casos os responsáveis, pelos SD e AH, não procuram pela intervenção precoce logo na área da psicologia, acreditando que se trata de um transtorno ou deficiência. As intervenções dos sujeitos são tardias, o que causa um efeito negativo na progressão do processo.

Quando o AH/SD é identificado desde cedo, torna-se mais viável aos profissionais que façam intervenções específicas e precoces. Corroborando para uma vida menos estressante, existem inúmeros instrumentos que auxiliam o desenvolvimento dos AH/SD, assim como, intervenções, programas de direcionamento e experiências em THS, que ajudam no desenvolvimento e realizam trabalhos excelentes. Um exemplo é a atuação que o Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS-BR) proporciona ao indivíduo com AH/SD, resultando, entre outras coisas, em um maior acolhimento, na ajuda no relacionamento em grupos, autoconhecimento, diminuição e melhoria nos comportamentos que dificultam a interação social.

Como visto, o treino de habilidades sociais teve um retorno significativo no contexto escolar. Ele auxiliou na resolução dos problemas de comportamento, na adequação de habilidades, também foi posicionado nos estudos que os profissionais da área de educação necessitam de uma formação continuada, assim como os da área da saúde, necessitam de mais pesquisas e publicações para enriquecer a demanda.

A literatura e as publicações utilizadas passaram por muitos limites, entre eles: escassas produções que enfocam e que evidenciam o profissional de psicologia e o THS. Salientando que o trabalho pode contribuir para o aprofundamento do assunto, mas que no entanto não deixa de identificar a lacuna e carência de estudos

relacionados. Para tal finalidade o uso de palavras-chaves, portais, materiais, exigências e normas das publicações serem em português, podem ter causado maiores limitações para o presente estudo.

Sugere-se que este estudo sirva de incentivo para novas pesquisas, e sensibilização aos profissionais e futuros pesquisadores psicólogos, e recomenda-se que explorem pesquisas de sujeito único relacionadas a THS e sujeitos com AH/SD dentro do contexto escolar. O estudo deixou nítido a importância de intervenções adequadas para os sujeitos conseguirem conviver em harmonia com a situação que se encontram. Obviamente, fica claro que existem várias lacunas que devem ser preenchidas, e que há muito ainda o que investigar sobre o assunto.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. (2007) Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação: Clarificando Conceitos, Desfazendo Ideias Errôneas. Capítulo 1 In: FLEITH, Denise de Souza (Org.). A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação. Volume 1: Orientação a Professores. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília.

ALMEIDA, M. A.; CAPELLINI, V. L. M. F. Alunos talentosos: possíveis superdotados não notados. **Educação, Revistas Eletrônicas PUC RS**, v. 28, n. 1, p. 45-64, jan.-abr. 2005.

BENITEZ, P.; DOMENICONI, C.; & BONDIOLI, R. M. Delineamento experimental em Análise do Comportamento: discussão sobre o seu uso em intervenções educacionais inclusivas. **Psicologia USP**, v. 30, e190003, 2019. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190003>

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Glossário da educação especial: Censo Escolar 2021**. Brasília, DF: Inep, 2021.

BRASIL, MEC/SEESP. **Políticas Nacionais de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Nota Técnica nº 40, de 15 de julho de 2015**. O Atendimento Educacional Especializado aos Estudantes com Altas Habilidades/Superdotação. MEC/SECADI/DPEE. Brasília, DF, 2015.

CHAGAS-FERREIRA, J. e F. et al. Desenvolvendo Habilidades Sociais com Jovens Talentosos: Um Programa e Múltiplas Experiências. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 35,



2019. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/Gjj4WfN59yQpYGSHRnZfQH/?lang=pt>. Acesso em 14 de maio de 2022.

CRUZ, J. R.; PATIAS, N. D.; WAGNER, M. F. Habilidades Sociais na Escola: Relato de Experiência de Estágio em Psicologia Escolar. **PSI UNISC**, v. 4, n. 1, p. 107-120, 4 jan. 2020.

DE CÁSSIA NAKANO, Tatiana et al. Avaliação da criatividade no contexto das altas habilidades/superdotação: evidências de validade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 3, p. 835-854, 2020.

DE OLIVEIRA, A. P.; CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. Altas habilidades/superdotação: Intervenção em habilidades sociais com estudantes, pais/responsáveis e professoras. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, p. 125-142, 2020.

DEL PRETTE A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Programa vivencial de habilidades sociais: Características sob a perspectiva da análise do comportamento. In: GARCIA, M. R.; ABREU, P.; DE CILLO, E. N. P.; FALEIROS, P. B.; QUEIROZ, P. P. (Org.). *Comportamento e cognição: terapia comportamental e cognitiva*. Santo André: ESETec, 2010. p. 127-139.

FALCÃO, A. P. et al. PROMOVE-Crianças: efeitos de um treino em habilidades sociais para crianças com problemas de comportamento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 16, n. 2, pp. 590-612, 2016.

FRANÇA-FREITAS, M. L. P. ; DEL PRETTE, A. ; PRETTE, Z. A. P. Habilidades Sociais e Bem-estar Subjetivo de Crianças Dotadas e Talentosas. **PSICO-USF (IMPRESSO)** , v. 22, p. 1-12, 2017.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente** - A teoria das inteligências múltiplas. 1ª ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard. *Mentes que mudam: a arte e a ciência de mudar as nossas mentes e a dos outros*, Porto Alegre : Artmed/Bookman, 2005

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas, 2010

LEME, V. B. R. et al. Habilidades Sociais e Prevenção do Suicídio: Relato de Experiência em Contextos Educativos. **Estudos & pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 284-297, jan. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812019000100016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em:24 de maio de 2022.

MURTA, S. G. Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. **Psicol. Reflex. Crit. [online]**, vol.18, n.2, pp. 283-291, 2005. ISSN 0102-

7972.<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000200017>. Acesso em 11 de maio de 2022.

RANGNI, R, de A.; COSTA, M, da P. R. A educação dos superdotados: história e exclusão. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 6, n. 2, p. 16-24, 2011. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/923>>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

SABATELLA, Maria Lúcia Prado. **Talento e superdotação: problema ou solução?** Curitiba: Intersaberes. 2013.

SIGNORINI, L. C.; RONDINI, C. A. Avaliação psicológica e psicopedagógica junto à estudante com características de superdotação: estudo de caso. **Revista Cocar**, v. 15, n. 32, 2021.

## CAPÍTULO 3

### EXPERIÊNCIA DE LUTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EMPÍRICA POR UMA ÓTICA GESTÁLTICA DO LIVRO “NOTAS SOBRE O LUTO” DE CHIMAMANDA

DOI 10.47402/ed.ep.c202218953372

Ana Carolina Serafim de Lima  
José Alves de Souza Filho  
Maria Gorete Sarmento da Silva  
Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar

#### INTRODUÇÃO

Para discutir sobre o processo de luto no contexto da pandemia de COVID-19 e suas implicações na nova forma de enfrentamento desse fenômeno visto que aconteceu recentemente em meados de 2019 para 2020 é necessário abordar a morte como parte indissociável do desenvolvimento humano, algo inerente à vivência dos seres humanos. Em meio a esse esquema, vale ressaltar que o luto não deve ser compreendido somente quando morre uma pessoa querida, mas quando perdemos algo que consideramos importante. (NUNES; FIRMINO, 2020, p. 15).

No contexto da COVID-19, falamos sobre o luto em sua forma palpável, quando alguém morre, finda e acaba. Porém o luto simbólico com ritual de despedida, muitas vezes não é vivenciado por aqueles que ficam. O presente estudo, através da análise fenomenológica empírica, buscará responder ao seguinte questionamento: o quanto a não vivência do luto simbólico ritualista pode dificultar a vivência do processo? E em decorrência desse questionamento analisar através de uma visão gestáltica como essa desorganização acontece e quais as implicações para o sujeito enlutado.

O enfrentamento do luto é uma etapa importante para os que ficam, para se ajustar com a nova realidade e tornar a situação vivenciada um processo de resignificação a partir da perda. Esse processo é único para cada pessoa e por isso demanda uma atenção peculiar de cada sujeito, principalmente com a nova forma de vivenciar o fenômeno advinda da pandemia.

Perls, Hefferline e Goodman (1997) consideram que a autorregulação orgânica refere-se a um processo que exige um “*continuum*” de “*awareness*” e

abertura para novas necessidades, para mudanças dos recursos utilizados no “self”, no outro e na sociedade.

O “self” em Gestalt-terapia é entendido como um sistema de ajustamentos criativos, onde as funções criativas de autorregulação, acolhimento da novidade, destruição e reintegração de experiências se dão. Tais funções ocorrem através do contato e de seu desdobramento, o “self” funciona, então, como um sistema de contatos. (SOUSA, 2016 p.266).

Sousa (2016) considera que quando o afastamento da vivência de ser-no-mundo perde sua natural reversibilidade (perdendo sua potencialização de movimento de contato) ocorre, então, uma redução da capacidade para a criatividade existencial, para o ajustamento criativo, a autorregulação orgânica e o crescimento.

Vale ressaltar que além da dor da perda, os familiares estão vulneráveis e com medo de morrer por se tratar de uma pandemia mundial. Pouco temos a respeito das políticas públicas assistenciais psicológicas para os que ficam e muitas vezes o enfrentamento desse processo é feito de forma isolada pelos familiares. Sobre a experiência do luto ser vivida de forma isolada, discuto um relato de experiência da autora Chimamanda Ngozi Adichie, no seu livro “Notas sobre o luto”, que perdeu o seu pai no começo da pandemia e escreveu narrativas sobre o enfrentamento desse fenômeno.

Apesar de não ter perdido o pai por COVID-19, Chimamanda não pode vivenciar o luto junto de sua família pela perda de seu pai pois se encontrava em outro país e na época da perda todos os aeroportos estavam fechados. Com o pai encontrava-se apenas um dos irmãos que fazia chamadas de vídeos com os demais antes e depois do ocorrido, no livro ela traz relatos de experiência com grandes detalhes sobre a raiva que sentia por não poder ver o pai, dar assistência a família e sobre como o governo “brincava” com os sentimentos dela, hora falando da reabertura dos aeroportos e hora não reabrindo, além de contar detalhes de como o pai era em vida com a família. Ainda sobre o viés social que o enfrentamento do luto na pandemia se faz importante ressaltar reflexões sobre a necropolítica, o biopoder e como esses fenômenos impactaram os enlutados.

Jeferson Bertolini (2018) afirma que “biopoder refere-se a uma técnica de poder que busca criar um estado de vida em determinada população para produzir corpos

economicamente ativos e politicamente dóceis” (p. 87). No mundo vimos essa política ser exercida com bastante empenho na pandemia COVID19, no *boom* do fenômeno nas instituições vimos que foram feitas escolhas dos que deveriam ou não continuar vivendo, a preferência era sempre por aquele que estivesse economicamente produzindo e ativo, como se fosse uma espécie de licença para matar.

## **A MORTE COMO UM PROBLEMA POLÍTICO**

A morte é um fenômeno que pode ser compreendido sob diversas óticas e sistemas, nesta seção trago implicações da morte com um viés social e político sobre como a pandemia COVID-19 foi e está sendo gerida.

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou “situação de pandemia” por conta do surto do SARS-CoV-2, popularmente conhecido como COVID-19 ou coronavírus, que se propagou internacionalmente. Os primeiros casos da doença foram identificados em Wuhan, na China, em 2019, e rapidamente se espalharam por diversos outros países, o que levou a OMS a tomar diversas medidas e apresentar inúmeros protocolos visando à diminuição do impacto do vírus. (SOUSA, 2021, p.2).

A COVID-19 trata-se de uma doença contagiosa que traz diversas complicações respiratórias além dos demais sintomas de infecções, como febre, tosse entre outros. A Organização Mundial de Saúde fez recomendações sobre as restrições para conter essa doença, como o isolamento social, uso de máscaras entre outras alternativas para evitar o contágio. No Brasil, a COVID-19 foi tratada de forma negligente pelos governantes e o país foi considerado o segundo maior em número de mortes, a economia foi afetada, o país não estava preparado institucionalmente para atender uma grande demanda de doentes.

Os hospitais e UTIS foram lotados e vemos diariamente nos noticiários e em sites que cada vez mais vidas estavam sendo negligenciadas e algumas até interrompidas por não serem mais importantes economicamente. No Brasil, as desigualdades sociais catalizam e ampliaram os efeitos do vírus de tal modo que as estratégias de biopolítica “do viver” perderam suas forças e alcances frente aos mais vulneráveis, estes deixados para morrer. Com base nisso, podemos pensar as implicações sobre esses acontecimentos mundiais na vivência do luto dos familiares que perderam seus entes queridos pelo vírus, por negligência governamental e quais os efeitos nessa desorganização.

## AS GESTALTS ABERTAS E A QUEBRA DOS RITUAIS FÚNEBRES.

Feitosa, Cordeiro e Belmino (2020) compreendem, sob a ótica da Gestalt-terapia, que o luto é um processo de reorganizações de *gestalten*. Trata-se de um momento da configuração de demanda de atuação, especialmente pelos processos de satisfação e afastamento da necessidade, figura-contato-afastamento, a situação inacabada, como características de ajustamento. Apontam que o organismo não significa o luto só com a constatação da perda, mas sim com a vivência singular crescimento. Sousa (2016), considera “O luto como uma crise, um caos em determinado momento da vida, como um ajustar-se às perdas” (p. 257), esse movimento traz um novo significado e o velho é transformado em novo quando o sujeito utiliza-se de todas as possibilidades de vivência da perda/luto e a experiência contribui para a elaboração do luto.

Tais indagações permitem-nos questionar como o não contato com a vivência do luto simbólico ritualista impacta diretamente na maneira dos indivíduos ajustarem-se criativamente na busca de superação desse luto. A fase de aceitação citada por Kübler-Ross se torna mais distante e complexa pois o contato com o fenômeno é interrompido pelas medidas sanitárias vigentes.

Experiência com rituais de luto, disponibilizados pela cultura, têm a capacidade de reunir pessoas e de reorganização. O velório é um ritual no qual é permitido à pessoa enlutada falar da pessoa falecida. Ele é muito importante, pois pode ajudar a tornar real o fato da perda através da visualização do corpo, ajudando a trazer para si a realidade e a finalidade da morte. (SOUSA 2016, p.257)

Podemos considerar que a não vivência do luto simbólico é um agravante a mais na superação desse fenômeno, uma vez que temos fatores externos, históricos, culturais e emocionais inserido na subjetividade de cada sujeito enlutado, a não superação desse luto torna-se uma gestalt aberta e dificulta a reorganização orgânica do sujeito no meio inserido.

## PERCURSO METODOLÓGICO

O método fenomenológico foi escolhido para este trabalho pois busca o acesso à essência do fenômeno na concepção de cada pessoa que vivencia.

O método fenomenológico, segundo Holanda (2002; 2003b), deve buscar acessar a essência do fenômeno estudado, o que pode ser alcançado a partir dos três elementos fundamentais da fenomenologia. O primeiro elemento é a

redução fenomenológica, que possibilita acessar a verdade do sujeito. O segundo elemento é a intersubjetividade, que é a relação estabelecida entre o sujeito-pesquisador e o sujeito-pesquisado - duas histórias próprias que se encontram para compreender um fenômeno. O terceiro elemento é o retorno ao vivido, no qual o sujeito-pesquisado retoma sua história. (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p.264.)

Além de atribuir um significado ao fenômeno vivido, a aplicação do método fenomenológico permite construir uma compreensão individual mais íntegra de cada fenômeno pois a análise é feita de forma em que a descrição do relato seja exaustiva e sob diversas faces: pessoa, fenômeno, relação pesquisador-fenômeno e história.

Para análise do livro “Notas Sobre o Luto” (CHIMAMANDA, 2021) foi utilizado o método fenomenológico empírico onde o estudo é feito através do fenômeno e de como ele se manifesta, sendo possíveis diversas concepções e perspectivas de olhares. Para definir esse método, Andrade e Holanda (2010 p.266) citam Giorgi, “lida com as descrições de depoimentos, relatos ou entrevistas sobre experiências vividas em relação a um determinado fenômeno segundo quatro passos”. Sendo o primeiro, o sentido do todo, (como a autora trás os relatos da vivência do luto no geral); o segundo, a discriminação das unidades, (como ela descreve o luto antes e depois de passar e dentro e fora do contexto pandêmico); o terceiro, a transformação das expressões cotidianas em linguagem psicológica (a análise de discurso buscando enquadrar nas fases do luto e na leitura gestáltica); e o quarto, a síntese das unidades significativas para estruturação da experiência (a descrição da experiência do luto da autora Chimamanda sob um olhar gestáltico).

## PERCURSO DE ESTUDO

A aplicação do método fenomenológico empírico foi elaborada seguindo os quatro passos básicos que são descritos a seguir:

### *Estabelecimento do sentido geral*

Nesta etapa foi feita a leitura do livro completo em busca de compreender o sentido geral do fenômeno para a autora sem categorizar ou compreendê-lo por outro viés, mas analisando cada transcrição fidedigna de como a experiência foi descrita.

Após a transcrição, o primeiro, e único, objetivo é aprender o sentido geral do protocolo. Nesta fase o investigador pretende apenas ler claramente a

transcrição completa da entrevista. É importante realçar que, metodologicamente, o investigador coloca-se na atitude da redução fenomenológica. Não pretende focar-se em partes fundamentais, não coloca hipóteses interpretativas, apenas ter uma compreensão geral das descrições realizadas pelo sujeito. (GIORGI; SOUSA. 2014, p.85)

Foi feita a leitura do livro e anotado falas importantes sobre a descrição da experiência da autora na vivência do luto do pai em meio ao contexto de pandemia e o quão frustrada ela se sentia por não poder participar do ritual de despedida.

### *Determinação das partes: divisão das unidades designificado*

Após a análise geral de toda a descrição da experiência faz-se necessário subdividir as falas em partes que diferenciam em significados do fenômeno para quem o vivencia.

A divisão em partes denominadas unidades de significado, permite uma análise mais aprofundada. Como o objetivo é realizar uma análise psicológica pretende-se usar critérios relevantes para uma perspectiva psicológica, e, como a finalidade última da análise é explicitar significados, usa-se como critérios a transcrição de sentido para constituição das partes (unidades de significado). (GIORGI; SOUSA. 2014, p.86)

Nesse passo foi delimitado a experiência do luto de Chimamanda em várias unidades: o próprio luto, a distância que estava do pai, a frustração, o contexto pandêmico, o não apoio aos irmãos, o amor ao pai e ao seu legado de vida, o ritual de partida da sua cultura e a mudança dele por conta da COVID 19, a postura dos governantes frente a dinâmica aeroportuária.

### *Transformação das unidades de significado em expressões psicológicas*

No terceiro passo é feito a transformação das unidades de sentido. Elas passam a ser descritas pelo viés psicológico ao invés de permanecerem na linguagem a qual foram descritas inicialmente na obra.

O terceiro passo é um momento crucial no método. Neste, a linguagem cotidiana da atitude natural dos sujeitos é transformada. Com a aplicação da redução fenomenológica- psicológica e da análise eidética a linguagem de senso comum é então transformada em expressões que tem como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos sujeitos. (GIORGI; SOUSA. 2014 p.88)

Nesse passo as unidades de sentido ganharam significados psicológicos como: a desorganização de suas fases do luto (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação) e o desajustamento dessas fases por conta da não vivência do ritual fúnebre.



### *Determinação da estrutura geral de significados psicológicos*

No quarto e último momento foi feita uma descrição geral dessas estruturas e de suas unidades anteriormente separadas e categorizadas psicologicamente.

A descrição dos sentidos mais invariantes denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas várias unidades de significado, assim como das relações que existem entre esses últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. Esta engloba os sentidos mais invariáveis que pertencem às unidades de significado transformadas em linguagem psicológica. (GIORGI; SOUSA. 2014, p.90)

Concluiu-se que através das unidades citadas no passo três no embasamento teórico utilizado que houve um desajustamento criativo em consequência dessa não vivência do ritual de luto e em consequência disso o interrompimento da não auto regulação orgânica da enlutada.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### *O sentido geral da obra*

A obra “Notas Sobre o Luto” de Chimamanda configura um relato de experiência da autora enlutada no contexto pandêmico. Ela sofre de forma inesperada a morte do pai e é impedida de se despedir pois estava em outro país. Nos relatos ela descreve diversos sentimentos e emoções a qual foi exposta durante esse período, inclusive os novos significados que ela atribui a morte e o luto depois de passar por essa perda tão significativa na sua vida.

Sobre o luto cabe aqui destacar uma das obras mais conhecidas sobre o tema que é as cinco fases/estágios do luto de Elisabeth Kübler-Ross (2008): 1º a negação e o isolamento, 2º a raiva, 3º barganha, 4º depressão e 5º aceitação. O nome de cada fase é auto explicativo, mas aqui darei ênfase a fase de negação e aceitação de Chimamanda e como esse processo está acontecendo contemporaneamente com o advento da pandemia COVID19.

As representações sociais sobre a morte e o morrer parecem ter tido sua mudança acionada, assim, principalmente, através do medo causado pelas inúmeras epidemias que tomaram de assalto as cidades brasileiras nas últimas décadas do século XIX, e pelo discurso de autoridades sanitárias de controle da saúde pública e pessoal. (KOURY, 2014, p. 597)

Chimamanda relata o sentimento de quando soube da notícia do seu pai

falecido em outro país e por chamada de vídeo *“inteiramente fora de mim, aos gritos, dando murros no chão [...] a notícia me arrancou de um mundo que eu conheço desde a infância”*. Outras falas no decorrer do livro denunciam sua insatisfação de não poder se despedir e de como isso foi ruim além de descontentar-se com as condolências das pessoas próximas *“os pêsames podem soar rasos”*. Em outro momento ela descreve as sensações fisiológicas em decorrência da notícia: *“não sabia que a gente chorava com os músculos”, “minha língua insuportavelmente amarga, como se eu tivesse comido algo nojento e esquecido de escovar os dentes”*.

No decorrer do relato ela manifesta sua descontentação com o distanciamento: *“se pelo menos eu também pudesse estar lá, mas estou presa nos Estados Unidos”, “vivo revirando notícias sobre quando os aeroportos na Nigéria vão abrir”* até aqui podemos ver o quanto a fase de aceitação do fenômeno torna-se distante pelo fato de não poder ter um contato real experiencial com o ocorrido.

No decorrer dos capítulos ela fala do pai, sobre a relação deles e de como é difícil para ela aceitar o fato dele não estar mais lá. Ela cita coisas no dia-a-dia em que ela inclui o pai por não ter caído ainda a ficha de que ele se foi, por que ela simplesmente não presenciou isso.

Uma das falas onde aparece mais evidente seu descontentamento. Ela usa uma metáfora para descrever como se sente no meio desse fenômeno em relação ao governo Nigeriano e a abertura dos aeroportos: *“é como brincar de ioiô com um gato, só que o ioiô são as pessoas suspensas num limbo por que não podem pôr para descansar aqueles que amam”*.

### ***Unidades significantes do luto***

*O luto*: Começo essa sessão falando sobre o próprio luto e como Chimamanda o compreendia antes da morte do pai. Ela relata que depois da morte passou a entender o fenômeno de outra maneira e que até as condolências pareciam rasas e muitas vezes desrespeitosas, falas como *“vai passar”* e *“ele está em um lugar melhor”* a deixam irritada no sentido de reduzir sua experiência ou vínculo afetivo que tinha com o pai.

Portanto, nessa perspectiva o luto é entendido como um processo natural, passa por várias modificações, após uma perda muito importante, muitos

passam pelo processo, mas cada um de forma diferenciada, já que é uma experiência particular. (PINTO, 2021 p. 22)

Além do descontentamento com as condolências, ela relata a experiência em si descrevendo o luto como um sentimento “denso, opaco” e como ela se sentefrágil em decorrência de todos os acontecimentos que sucedem; “as camadas da perda fazem eu me sentir fina como um papel”. A partir dessas falas pode-se perceber a vulnerabilidade de Chimamanda perante o ocorrido.

*A frustração no contexto de pandemia:* A frustração de Chimamanda se torna evidente em diferentes falas no livro. Uma delas a qual considero mais pontual é descrita quando ela fala sobre o governo nigeriano e as falsas promessas de abertura dos aeroportos: “é como brincar de ioiô com um gato, só que o ioiô são as pessoas suspensas num limbo por que não podem pôr para descansar aqueles que amam”. Ela cita como a não vivência do ocorrido dificulta em diferentes formas a aceitação e elaboração da morte do pai. A culpa também é um sentimento que aparece frequente nas falas de Chimamanda. Ela se sente culpada por não estar lá dando apoio a família e irmãos. Pensa o que ela poderia ter feito para ajudar o pai. Culpa-se até por dias antes do ocorrido ela não ter conseguido atender uma das chamadas de vídeo por estar hospitalizada. Cada um desses ocorridos se tornam pouco a pouco pesos adicionais ao luto de Chimamanda.

*Ritual de partida e a cultura igbo:* Na cultura IGBO que Chimamanda foi criada e onde atualmente o seu pai vivia, faz-se uma festa de despedida daquele que se foi e todos da comunidade local participam, e quanto maior a festa mais respeitado é a família e o ritual em si. Chimamanda fala que o seu pai sempre teve essa preocupação em vida, de quando falecesse fosse feito o seu ritual. Porém no contexto da COVID19 o corpo do seu pai passou meses para ser velado, mas mesmo assim tiveram que organizar a festa para a comunidade local. Ela e os irmãos se sentiam muito mal tendo que comprar coisas e organizar mesmo que a distância quando estavam todos preocupados com o velório do pai que não aconteceria por conta superlotação das funerárias.

Todos queriam o velório e enterrar o pai para que de fato tivessem contato com essa despedida, mas ao invés disso silenciaram um pouco o luto para preparar a festa

para a comunidade.

### *Unidades e estruturas gerais de significado psicológico.*

Historicamente vemos inúmeras formas de celebração do ritual de morte, em algumas culturas acontece festas, em outras o funeral e cada povo a sua maneira manifesta seus sentimentos e condolências por aqueles que partiram. Dessa forma podemos conceituar o luto como um acontecimento após a perda de algo, ou o rompimento de um vínculo, em questão a perda de alguém e a impossibilidade de despedida perante o contexto pandêmico.

De acordo com estudos levantados, foi possível obter diversos dados os quais evidenciaram e caracterizaram a desorganização na vivência do luto simbólico ritualista em decorrência do seu impedimento.

É por intermédio dos rituais funerários que os vivos externalizam os sentimentos diante da perda, e efetuam procedimentos para integrar os mortos em um lugar social. Se a morte é uma passagem, apenas morrer não é suficiente para ultrapassar a fronteira entre o mundo dos vivos e o dos mortos. (SILVA; RODRIGUES; AISENGART, 2021, p.220).

É perceptível o impacto emocional das pessoas que perderam parentes no contexto da pandemia COVID19. Além da perda física os que ficam não conseguem se despedir e muitas vezes nem enterrar seus parentes brevemente como foi o caso da autora Chimamanda.

O processo de luto é colocado de maneira muito brusca e inesperada, não passando pelas fases necessárias para conclusão do ciclo perda. O distanciamento social impede que os enlutados se ajustem criativamente com o ocorrido pois simplesmente eles não conseguem fechar essa *gestalt*. O que em suma maioria faz com que continuem nessa busca pelo ritual ou pela despedida quemuitas vezes não irá acontecer e o sentimento do luto mal elaborado demora mais que o normal, como a autora trás em uma das suas falas “o luto é um sentimento denso, opaco”.

Outro ponto de bastante relevância para a continuidade do processo do luto é a dimensão religiosa/cultural. Chimamanda apesar de ter sido criada na cultura Igbo passa a criticá-la após a morte do seu pai, pois lá eles tem o costume de fazer uma celebração, como se fosse uma espécie de festa e sua família. Teve que organizar esse

ritual mesmo a distância e mesmo sem o corpo do seu pai para que não fossem “falados” no local. Enquanto todos estavam doloridos e buscando um velório ao mínimo digno para o seu pai, a comunidade estava entrando em contato para organizar essa grande festa rapidamente. Sobre esse ocorrido podemos citar o quanto essa situação passa de figura para fundo nas vivências de Chimamanda como uma alternativa de viver esse luto a qualquer custo, chegando a criticar o ritual da cultura em que ela foi criada e imersa. Deste modo a inquietação de Chimamanda ao não velório do seu pai denuncia uma tentativa do self de perpassar essa fronteira estabelecida pelo contexto COVID19, que à distância da conclusão dessa experiência mas exige dela e da família o início de outra dinâmica na organização da festa mesmo antes que seu pai fosse velado. Percebemos esse sofrimento dela e de sua família em diversas falas pois a experiência do luto exige do sujeito enlutado um movimento rumo a completude e quando isso não é possível essas situações não tem seu fechamento completo e passam a permanecer inquietando em outros momentos posteriores.

Segundo Yontef (1998), o objetivo da Gestalt-terapia é um “continuum” de “awareness” onde o que for de principal interesse para o organismo venha para primeiro plano e seja experimentado, trabalhado e reconhecido para que possa ser assimilado ao segundo plano, deixando o primeiro plano livre para a próxima necessidade. (SOUSA, 2016)

Em outras falas a autora fala da sua dificuldade em aceitar que o pai faleceu justamente por não estar lá para vela-lo e pelo velório ter acontecido meses depois do falecimento. Aqui percebemos que a não vivência da experiência, o não contato dela e de seus familiares impossibilitaram que ambos experienciassem a “awareness” que nesse caso reflete como a tomada de consciência do ocorrido. Esse contexto em que toda família foi inserida passa a ser um adicional a mais no peso do luto de ambos, o governo não abre os aeroportos, as funerárias estão cheias e eles adoecidos por não conseguirem vivenciar seu luto de maneira habitual e impedidos de encontrar estratégias criativas para elaboração dessa fase.

No processo do contato, a solução é encontrada e uma novidade é assimilada, e, com isso, há o crescimento do organismo. Porém, é fundamental pensar que o campo organismo/ambiente tal como é pensado por Goodman precisa ser compreendido em suas dimensões sociais, biológicas, espirituais, culturais. (BELMINO, 2014, p. 130)

Vale ressaltar que em Gestal-terapia a importância não é somente do contato com a experiência em si mas da significância que esse contato se faz na vida do sujeito enlutado, qual o lugar social que ele dá a esse papel e sobretudo qual o significado pessoal de cada um. Apesar da família organizar a festa como de costume em sua cultura, eles relatam que a experiência com maior significante naquele momento para experienciar seria o ritual funerário.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As análises dos dados percorridos tratam-se de informações coletadas através de pesquisas bibliográficas a partir do levantamento das questões que podem resultar nos impactos da não vivência do luto simbólico ritualista. Essas temáticas levam em conta fazer-se questionar e aprofundar a reflexão causal e consequências que levam o enlutado, a família e sociedade em si a permanecerem reféns desse fenômeno inacabado pelas questões sanitárias. Para tais formulações de hipóteses, levam-se em consideração fatores como cultura, subjetividade, política, dentre outros fenômenos que abrangem uma sociedade.

A presente monografia se concentrou-se na análise do sofrimento psíquico gerado diante das perdas ocasionadas em meio a pandemia, uma vez que o adoecimento dos sujeitos enlutados está relacionado com as condições de vida após a morte, bem como, os impactos materiais simbólicos, da morte de pessoas, e também do bem-estar psicossocial. O sofrimento e a tristeza estão relacionados com a falta de condições objetivas para projetar novas vivências criativas e tendem a gerar desânimo e impotência.

Em um contexto marcado pela pandemia da Covid-19, com políticas de isolamento social em todo o mundo, várias outras questões tornam-se figura nas vivências dos sujeitos enlutados deixando mais evidente sua vulnerabilidade, o medo de morrer, a culpa pelos que se foram. Tudo isso aliado a uma fragilidade estrutural dos Estados no fornecimento de serviços básicos de saúde para a população adoecida, para os que morrem e os que ficam.

De acordo com os apontamentos descritos nas fases de aplicação do método

fenomenológico, faz-se necessário pontuar que a sociedade, em passos lentos, precisa após essa primeira vivência da pandemia caminhar para um novo modelo de intervenção do fenômeno morte e luto, que exige a interferência de outros setores além da família para enfrentamento do fenômeno. Não obstante a dificuldade dos tempos em questão, faz-se necessário não deixar de buscar todos espaços de ajuda psicológica, telessaúde e o que mais precisar para sobretudo, assumir essa nova forma de comportamento perante o fenômeno e não deixar que os enlutados permaneçam em limbo após a morte dos seus entes queridos e a impossibilidade de despedida.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o Luto**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Andrade, Celana Cardoso e Holanda, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia** (Campinas) [online]. 2010, v. 27, n. 2 [Acessado 23 Setembro 2022] , pp. 259-268. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>>.

FEITOZA, T. B. M.; CORDEIRO, Y. L.; BELMINO, M. C. de B. Processo de luto no contexto da COVID-19 à luz da Gestalt-terapia: Estratégias possíveis de enfrentamento<br>Mourning process in the context of COVID-19: Possible coping strategies. **IGT na Rede** ISSN 1807-2526, [S. l.], v. 17, n. 32, p. Brasil, 2020.

BELMINO, Marcus César de Borba – Paul Goodman e o projeto do livro Gestalt-Therapy. **Revista IGT na Rede**,v.11,nº 20, 2014.p. 120-142. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs> ISSN: 1807 - 2526 Acesso em 28 de Adr 2022.

BERTOLINI, J. O conceito de biopoder em foucault: apontamentos bibliográficos. Saberes: **Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. Acesso em 22 mar 2022.

GIORGI; Amedeo e SOUSA; Daniel. Método Fenomenológico de investigação em psicologia. **IGT rede** [online]. 2014. Acesso em 28 de abr 2022.

Koury, Mauro Guilherme PinheiroO luto no Brasil no final do século XX. **Caderno CRH** [online]. 2014, v. 27, n. 72 [Acessado 23 Setembro 2022] , pp. 593-612.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer: o que os doentes terminaistêm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008

NUNES, Richard Alexandre; FIRMINO, Willyanne Gomes. **A compreensão do luto sob o olhar da Gestalt-terapia**. Monografia (Graduação em Psicologia) -

Universidade Federal de Alagoas. Campus Arapiraca. Unidade Educacional de Palmeira dos Índios. Palmeira dos Índios, p. 74. 2020.

PERLS, F. S; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. (1951). **Gestalt-terapia**. São Paulo; Summus, 1997.

Pinto, Suelen Matos Paulino. **Morte e luto: contribuições psicológicas acerca das transformações causadas pela pandemia da COVID-19.** / Suelen Matos Paulino Pinto. São Luís, 2021. 46 f.

SILVA, Andreia Vicente; RODRIGUES, Claudia; Rachel AISENGART. Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista NUPEM**, [online] Campo Mourão, 2021 v. 13, n. 30, p. 214-234

SOUSA, Luiza Eridan Elmiro Martins de. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **IGT rede** [online]. 2016, vol.13, n.25, pp. 253-272. ISSN 1807-2526.

SOUSA, C. R. de M. A pandemia da COVID-19 e a necropolítica à brasileira. **Revista de Direito**, [S. l.], v. 13, n. 01, p. 01-27, 2021. DOI: 10.32361/2021130111391. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revistadir/article/view/11391>. Acesso em: 23 set. 2022. 87. p. 31-79. Acesso em 27 abr 2022.



## CAPÍTULO 4

### A HEROICA JORNADA DO EGO EM BUSCA DO SI-MESMO: PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG

DOI 10.47402/ed.ep.c202218953372

Rodrigo Bezerra Moura  
Karla Rossana Gomes Lôbo  
Maria Gorete Sarmento da Silva  
Leonil Nunes do Prado Junior

#### RESUMO

O presente estudo contempla os aspectos que estão envolvidos em torno da longa jornada de desenvolvimento e maturação psicológicos do ser humano, de acordo com a Psicologia Analítica de C. G. Jung. Nesse sentido, buscou-se descrever como se realiza o processo de individuação dentro da cosmovisão junguiana. Essa compreensão teórica pode elucidar conceitos-chave válidos tanto para profissionais psicólogos, como para estudantes de Psicologia e demais pessoas que procuram trilhar o caminho do autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Tendo isso em vista, foi eleito como objetivo geral do presente estudo, contemplar o fenômeno do processo de individuação. Assim, foi desenvolvida uma pesquisa do tipo exploratória com procedimentos bibliográficos e abordagem qualitativa acerca dos principais aspectos e conceitos básicos da Psicologia junguiana e da sua relação com o desenvolvimento da personalidade humana. Tais pesquisas contemplaram materiais publicados em bases eletrônicas e dentre eles artigos, monografias, teses, bem como livros de diferentes autores que abordam acerca dessa temática. A pesquisa elencou os estágios de transformação vividos pelo ego/herói ao longo de sua jornada mítica, representada simbolicamente como o processo de individuação. Os dados da pesquisa levaram à constatação de que a tarefa do ser humano é tomar consciência de Deus (Si-mesmo), um fato que se configura como um paradoxo, uma vez que, na medida em que o homem torna-se consciente Deus o utiliza como um instrumento para sua autorrealização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia Analítica; Processo de Individuação; Etapas do desenvolvimento psicológico.

#### INTRODUÇÃO

O seguinte estudo contempla os aspectos que estão envolvidos em torno da longa jornada de desenvolvimento psicológico do ser humano, de acordo com a abordagem da Psicologia analítica de C. G. Jung. Conforme Jung (2016), a

personalidade do homem aspira intensamente por se desenvolver a partir de suas condições inconscientes, a fim de experimentar-se como uma totalidade na luz da consciência.

Nesse sentido, busca-se descrever como se procedem as etapas do processo de individuação, e que, segundo Edinger (2020), é caracterizado analiticamente como os passos necessários a serem dados pelo ego, tanto para alcançar a sua maioridade psicológica, como para despertar a compreensão do seu real papel e lugar, diante da totalidade psíquica, cujo qual faz parte.

Conforme Stein (2006), o ego é o “sujeito” a quem os conteúdos psíquicos são revelados, assim, sem ele, as informações do inconsciente não chegam ao limiar da consciência. Por isso, a individuação carece da participação do ego consciente para auxiliar na integração dos conteúdos do inconsciente com a consciência.

Segundo Edinger (2020), a relação entre o ego (centro da consciência) e o Si-mesmo (centro e circunferência da totalidade psíquica) é de fundamental importância para a manutenção da integridade da psique/alma humana. O problema é que o relacionamento entre ambos, é, por muito, caótico e problemático, aproximando-se de maneira analógica a um conflito entre o homem e o seu criador (Deus), semelhantemente à história exposta nos mitos religiosos. Portanto, o Si-mesmo pode ser descrito como a divindade empírica interna do homem. Assim, podemos compreender os fenômenos que se sucedem ao longo da jornada de desenvolvimento psicológico e que tem por nome “processo de individuação”, como fenômenos concebidos em volta desse conflito primordial.

Ainda segundo Edinger (2020), o ego passa por um ciclo de alternância entre dois estágios específicos que precedem a maturidade: inflação e alienação, para somente mais tarde, quando o eixo Ego-Si-mesmo emerge sobre a luz da consciência, um novo estágio possa surgir. Esse estágio é a individuação; ele implica na condição de uma relação dialética entre o Ego e o Si-mesmo.

Conforme Ruston (2011), Jung descreve um “caminho para a totalidade”, outras vezes fala acerca de um “chegar ao Si-mesmo ou ao *Self*”, referindo-se ao mesmo fenômeno, a individuação. Para Jung (2008), a palavra “individuação” é utilizada para

designar um processo em que um ser torna-se um “*individuum* psicológico”, ou seja, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade.

De acordo com Ruston (2011), as etapas do processo gradativo que concebe o “*individuum* psicológico,” resulta na integração e harmonização entre consciente e inconsciente. Esse desenvolvimento psicológico acontece a partir de uma relação compensatória entre esse par de opostos; sendo, portanto, essa totalidade constituída a partir de uma relação dialética entre o Ego e o Si-mesmo.

Consoante Neumann (1990), a jornada mítica do herói histórico está, de maneira simbólica, diretamente ligada a este processo de desenvolvimento psíquico. Dentro dessa perspectiva, o herói é o símbolo da jornada da consciência do ego em evolução, até alcançar a sua individuação.

Diante do exposto, indaga-se: como se realiza o processo de individuação dentro da perspectiva junguiana? Esse é um questionamento que foi problematizado durante a condução da proposta de pesquisa que resultou neste artigo.

Perante o atual cenário tecnológico, o homem moderno se encontra municiado de uma extrema racionalidade, que de maneira inevitável promove a perda do seu vínculo com a dimensão não racional, simbólica e inconsciente de sua alma/psique. Nesse sentido, o homem moderno se encontra fragmentado, necessitando urgentemente restabelecer um contato mais profundo e significativo com a camada mais primitiva da sua alma: a psique coletiva ou arquetípica.

Ademais, o referente estudo possui incomensurável relevância para estudantes, psicólogos e demais pessoas interessadas em autoconhecimento e desenvolvimento pessoal; pois leva em consideração os fenômenos que estão em torno do desenvolvimento psicológico do ser humano de acordo com a cosmovisão da Psicologia Analítica. Essa compreensão teórica, pode, portanto, elucidar conceitos-chave que podem ser úteis aos indivíduos citados.

De acordo com essa perspectiva, o presente estudo busca descrever os desafios e obstáculos a serem enfrentados pelos indivíduos que ousarem percorrer a longa jornada de maturação, desenvolvimento e transformação psíquica que possibilitará a

conciliação dos opostos e o restabelecimento do vínculo entre a dimensão humana (Ego) e divina (Si-mesmo ou *Self*).

Nesse sentido, o objetivo geral é explicar o processo de individuação proposto pela Psicologia Analítica de C. G. Jung. Como objetivos específicos: apresentar os principais conceitos da abordagem junguiana; descrever os desafios enfrentados pelo herói/ego ao longo da sua jornada de autoconhecimento e transformação; descrever as etapas do processo de individuação.

Para a realização do referente estudo, recorreu-se ao tipo de pesquisa exploratória, já que proporciona maior familiaridade com o fenômeno investigado (GERHARD; SILVEIRA, 2009). Pode-se dizer que esta pesquisa tem como principal objetivo o aprimoramento de ideias, uma vez que busca proporcionar uma ligação mais íntima com o problema em evidência. Nesse sentido, a pesquisa exploratória envolve o levantamento bibliográfico e análise de exemplos que venham a estimular a compreensão do leitor no que diz respeito a temática proposta (SELLTIZ *et al.*, 1967).

Quanto aos procedimentos, a pesquisa se caracteriza como bibliográfica. Essa espécie de pesquisa é desenvolvida com critério em material já elaborado, sua principal base é fundamentada por livros e artigos científicos já publicados (GIL, 2008). Quanto à abordagem, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, uma vez que se preocupa em compreender e descrever o porquê das coisas, seguido da apresentação do que é proveitoso para ser utilizado e realizado (GERHARD; SILVEIRA, 2009).

A busca do material utilizado na análise dos dados foi realizada nas bases eletrônicas: SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*) Mendelej, Pubmed e Google Acadêmico. No processo de busca dos artigos, utilizaram-se os descritores, combinados de diferentes formas e sem limite de data para os artigos publicados: “Psicologia Analítica”, “Processo de Individuação”, “Complexos”, “Arquétipos”, “Herói” e “Inconsciente”. Além dos artigos, contou-se, ainda, com materiais presentes em livros de diferentes autores.

Os livros e artigos selecionados foram lidos e classificados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: a) abordar sobre a temática do processo de individuação; b) explanar acerca das etapas desse processo. Como critérios de

exclusão: estão todos os assuntos que não estão relacionados ao tema em questão. Com base nessa classificação, foram selecionados, para a referente pesquisa, os artigos e os livros considerados mais relevantes para se alcançar o objetivo proposto. Assim, a pesquisa elencou os estágios de transformação vividos pelo ego/herói ao longo de sua jornada mítica, representada simbolicamente como o processo de individuação.

## A JORNADA DO HERÓI

Fruto da união de um deus ou deusa com um ser humano, o herói é o símbolo da união de poderes celestiais e telúricos. No entanto, ele ou ela não desfruta da imortalidade divina, mas permanece por toda a vida como detentor de um poder sobre-humano: deus decaído ou homem divinizado. Por sua vez, também pode adquirir a imortalidade, como foi o caso do herói Grego Hércules, após realizar os seus 12 trabalhos. Além disso, os heróis podem renascer do mundo dos mortos para defenderem uma causa a que são leais (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021).

O estágio inicial anterior ao nascimento do ego é normalmente representado por um símbolo alquímico de uma serpente ou dragão que engole a própria calda (ouroboros). Essa imagem retrata o Si-mesmo primordial (ou Pais-primordiais; o Um ou o Todo da mitologia) de onde se originou o ego. Respectivamente nesse estágio, o ego encontrava-se ainda em estado urobórico ou embrionário, isto é, imerso no inconsciente coletivo. Ao longo do desenvolvimento da personalidade, o ego vai se diferenciando dessa totalidade que o constituiu, separando-se parcialmente dela, para depois relacionar-se com ela novamente, mais tarde (NEUMANN, 1990).

Com o crescimento do ego para fora do inconsciente, impulsionado por um poderoso instinto para ficar separado do mundo circundante a fim de adaptar-se de maneira mais efetiva ao universo exterior, ocasiona uma temporária separação (cisão) entre a consciência do ego e a matriz inconsciente que o originou, isto é, o Si-mesmo. O processo de reconexão entre o herói e a fonte que o originou, são essencialmente os aspectos em torno desse drama existencial que fundamentam o modelo arquetípico da jornada do herói. Nesse modelo, o herói/ego é convocado a uma aventura que tem como destino o reencontro com o Si-mesmo. O chamado à aventura é, em outras palavras, um símbolo para o processo de individuação. Nessa perspectiva, pode-se

comparar o caminho de desenvolvimento a ser trilhado pelo ego em busca por tornar-se consciente de Si-mesmo, a jornada do herói exposta em tantos mitos, um percurso rumo às profundezas do próprio inconsciente pessoal e coletivo (STEIN, 2006).

Em todas as culturas, a imagem do herói é conhecida na conta de ideias. O herói é uma imagem ideal e simbólica de alguém que realiza o desenvolvimento do ego, mas o que é universal e, portanto, arquetípico, é que toda cultura espera e exige da pessoa jovem a realização do desenvolvimento e adaptação do ego ao meio em que se vive. Mas essa adaptação não deve se constituir simplesmente ao mundo exterior, pois o mundo interior também precisa ser incluído a fim de que esse ego se autorrealize. Sendo assim, é necessário que o ego reconheça o seu verdadeiro lugar e função na trama da existência, mas, para isso, precisará dialogar com a sua própria alma: *anima/animus*, pois é a linguagem simbólica oriunda desta que conduzirá os passos do herói ao longo da sua jornada (STEIN, 2006).

O herói é um modelo do homem criativo, aquele que tem coragem para ser fiel a si mesmo, superando o profundo medo diante do desconhecido e do novo. O herói se atreve a viver a vida ao invés de fugir dela, trilha caminhos que por um lado são temíveis e por outro, prazerosos; desvenda mistérios ocultos na escuridão da alma na medida em que não se desvia do seu propósito, mesmo enfrentando desafios e provações, medos e sentimento de culpa. Ele se mantém sempre aberto ao aprendizado e disposto a suportar conflitos, dúvidas, frustração, rejeição e solidão, até que, por fim, adquire uma força renovadora que transforma não apenas a ele próprio, mas também o coletivo a sua volta. O herói personifica características imprescindíveis, as quais são precisas para o domínio da vida e o embate criativo com a existência. Seu caminho é o caminho da autorrealização (MULLER, 1992).

Jung concebe o mito do herói como uma das expressões simbólicas universais mais adequadas para dar conta do processo de individuação. Mas assinala que os heróis, como por exemplo: Gilgamesh, Mitra, Dionísio órfico, Hércules entre outros, são viajantes, ou melhor errantes, já que o errante é um símbolo do anseio que nunca encontra onde se saciar, pois não pode se libertar da nostalgia da mãe perdida, quer dizer, do inconsciente primordial e indiferenciado. Tal melancolia profunda causada

pelo afastamento de sua terra natal é o que move o errante em seu mero vagabundear (NANTE, 2018).

“O herói não apenas simboliza o estado de alerta ou a conquista, mas pode também significar uma separação da mãe, aquela autonomia difícil de ganhar que pode ser uma tarefa heroica e para a vida toda” (HOPCKER, 2012, p. 131). O sacrifício da “mãe” significa simbolicamente a morte de uma atitude infantil passiva – proveniente de um “ego ainda não desenvolvido”. O arquétipo do herói exige o abandono desse pensamento fantasioso e infantil, e insiste em que se aceite a realidade de modo ativo. Esse pequeno ego imaturo precisa morrer e ressuscitar assumindo as responsabilidades da vida e enfrentando a realidade de um modo adulto. Porém, para enfrentar sistematicamente a realidade é exigido um tremendo sacrifício, isto é, o ato de renunciar o desejo pelos confortos da vida embrionária, quando o ego ainda estava no útero materno da Grande Mãe, que, em outras palavras, é o inconsciente, o Ouroboros, o *Self* Primordial, o Paraíso – onde não havia conflitos e tudo era plenitude. Portanto, cabe ao herói encarar a tarefa de crescer e realizar seu papel adulto de diferenciação, ou se esquivar de enfrentar o desafio e permanecer indiferenciado e imaturo (STEIN, 2006).

Nesse sentido, o maior pecado do herói, e talvez o único, seja a sua inconsciência, a qual ele deve superar a partir do seu caráter solar, pois a sua natureza expressa a tendência da energia psíquica (libido) de emergir à luz da consciência. Porventura, esse processo acontece por meio de uma nova imersão no ventre lunar materno (inconsciente), onde é realizada uma incubação (soma e conciliação das energias psíquicas), para logo ascender ao Leste, à luz, ao nascer do Sol, isto é, à consciência. A integração dos contrários consciente e inconsciente proporcionado pela incubação promove, portanto, uma espécie de renascimento, isto é, a ressurreição do Si-mesmo à luz da consciência (NANTE, 2018).

O ciclo diário do Sol, comparável ao ciclo da vida e da morte, é encontrado na mitologia Egípcia, onde, no submundo, o Deus solar Rá, ou Hórus, deve enfrentar o monstro Apophis, ou Set, que representa a serpente do caos, para depois renascer a cada manhã. Do ponto de vista psicológico, isto alude à tentativa de libertar a

consciência do eu da possessão pelo inconsciente, aqui representado pela serpente-dragão do mundo inferior que almeja devorar o sol – símbolo da consciência. No processo de individuação, a tarefa do herói é assimilar os conteúdos do inconsciente em vez de ser derrotado por ele. Portanto, a principal façanha do herói é derrotar o monstro e a escuridão (NANTE, 2018).

Em suma, a jornada do herói-ego consiste numa peregrinação que todos precisam realizar para se desvencilhar dos grilhões da materialidade, racionalidade, condicionamentos familiares e sociais, *personas*, sombras e tudo mais que nos impede de fluir no caminho em busca de resgatar a alma, uma das faces do Si-mesmo adormecidas no inconsciente devido à identificação do ego com a matéria. Nos contos de fadas, essa jornada é expressa pelo homem que enfrenta o dragão e resgata a sua *anima* (alma) que está projetada na princesa presa na masmorra, para poder, por fim, através do futuro hierógamos (casamento sagrado; união das polaridades masculina e feminina), encontrar a sua libertação ou salvação (FRANZ, 1985).

O monstro ou dragão é um ser primitivo que habita em lugares escuros e que, de acordo com uma análise psicológica, representa simbolicamente a personificação dos aspectos da psique que são inconscientes e instintivos. Acerca do assunto, Jung descreve:

O dragão, isto é, a serpente, representa a inconsciência original, pois este animal – como dizem os alquimistas – gosta de permanecer “in cavernis et tenebrosis locis” [em cavernas e lugares escuros]. Esta inconsciência deve ser sacrificada. Só então poder-se-á encontrar a entrada para a cabeça, isto é, para o conhecimento consciente. Aqui ocorre de novo a luta universal do herói contra o dragão, em que a cada vitória o sol nasce, isto é, a consciência se ilumina. (JUNG, 2013, p. 95)



**Figura 1:** Uma barca guiada por um remador que conduz o Sol em uma viagem noturna até o submundo.



**Fonte:** Jung (2017, p. 55).

O herói, portanto, é ordenado com os atributos do sol, cuja luz e calor dissipam a escuridão e as trevas. A grande vitória do herói é constituída após sucessivas batalhas pessoais travadas em seu próprio íntimo; o seu prêmio, é a conquista de Si-mesmo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021). Nesse sentido, compreende-se que a meta do processo de individuação é, em última instância, a obtenção, por parte do ego, de uma relação consciente com o todo, isto é, com o Si-mesmo (EDINGER, 2020).

Desse modo, constata-se que o herói é um protagonista de um mito solar, pois mergulha na escuridão, ressurgue sobre a luz da aurora, onde alcança a sua ascensão e total esplendor a luz do meio-dia. A sua jornada é idêntica à jornada do sol pelos quatro pontos cardiais, doze signos zodiacais ou doze meses do ano – uma representação simbólica para os doze trabalhos de Hércules. Diante dessa perspectiva, há um chamado para a aventura, onde o herói é forçado por seu mestre interior (Daimon; Hierofante; Velho Sábio; Centelha Divina; *Self*; Si-mesmo) a realizar uma travessia, um rito de passagem, que caso não seja compreendida como uma peregrinação a fim de promover a diferenciação, ou seja, a individuação, será apenas um mero vagabundear errante (NANTE, 2018).

O herói é pura força bruta e razão, sendo, desse modo, isento de coração, carecendo, por isso, de ser orientado por uma autoridade espiritual de hierarquia superior, uma espécie de hierofante (uma manifestação elevada do Si-mesmo/*Self*) que o inicia nos mistérios do inconsciente (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021).

Ao analisar inúmeros mitos, Jung constatou muitos aspectos idênticos na história do herói: seu nascimento divino, sua descida ao submundo ou inferno, suas ações heroicas a serem empreendidas, batalhas contra monstros terríveis ou tarefas a serem cumpridas; presença e ajuda de guias masculinos, femininos ou em forma de animal (teriomórfico); assim como a ideia recorrente da derrota, morte e renascimento. Nesse sentido, Jung percebeu, a partir desses temas em comum, que o herói poderia ser compreendido como um arquétipo (modelo-padrão de comportamento universal) dentro da psique coletiva ou arquetípica, e que, além disso, era o arquétipo que mais se identificava com a evolução da consciência do ego e que tem gradativamente sido desenvolvida pela humanidade (HOPCKER, 2012). Em vista disso, para o referido autor,

A aparência histórica da consciência humana, nossa consciência de estarmos conscientes, tem um toque de divino, um "algo vindo do nada" mágico com grande efeito transformativo, tudo se refletindo na ascendência sobrenatural e no nascimento incomum da figura do herói. Tornar-se consciente do domínio de escuridão sombria, a região do inconsciente que está por trás do senso luminoso que temos de nós mesmos, é como a descida do herói ao submundo, uma tarefa inevitável repleta de perigo, que deve ser cumprida para que cresçamos e prosperemos como indivíduos. Manter nossa integridade e nossa autoconsciência é frequentemente uma batalha contra as maiores improbabilidades, envolvendo trabalho pesado que parece requerer a esperteza, a ajuda, a sorte e a perseverança de uma figura maior do que a vida [Self]. Devido a nossas limitações humanas, essa batalha pela consciência de nós mesmos e dos outros, consciente e inconsciente, geralmente corre em círculos que seguem paralelos o ciclo de derrota e recuperação descrito nas lendas heroicas. (HOPCKER, 2012, p. 131)

Metaforicamente pode-se dizer que lá no inconsciente tem uma casinha de Hobbit esperando que o Mago bata na porta para que o herói possa ir matar o dragão, usando como exemplo a trilogia do *Senhor dos Anéis*, como alegoria. A pessoa do Mago pode ser compreendida como a personificação da figura arquetípica do Velho Sábio, uma encarnação e manifestação da consciência superior do Si-mesmo (*Logos*):

A princípio, o herói conta apenas consigo mesmo, com a débil consciência individual, mas com a consecução de sua aventura se torna cada vez mais com maior evidência a presença de um guia, de um espírito superior, de um daimon, que constitui uma consciência mais alta, uma consciência capaz de se antecipar à imediatez dos fatos e de captar o sentido constelado [ativação de um conjunto de processos psicológicos] em um determinado momento. (NANTE, 2018, p. 41)

No mito grego do herói Hércules, desde o seu nascimento, o semideus foi perseguido por sua madrasta Hera, precisando por repetidas vezes livrar-se das

armadilhas da deusa. A primeira delas, foi quando o Hércules ainda era uma criança. Hera, enviou duas serpentes para matá-lo em seu berço, no entanto, ele conseguiu estrangulá-las com as mãos. Quando adulto, Hércules foi seduzido pelos poderes de Hera, os quais o levaram a um acesso de loucura, levando-o a matar a própria esposa e os seus filhos. Quando Hércules recuperou a razão, procurou o Oráculo de Delfos – um templo de orientação divina, para buscar informações de como lhe dar com o ocorrido. Daí surgiram os doze trabalhos de Hércules, que nada mais são que um ritual de purificação, diferenciação e transformação a ser realizado pelo herói; uma descida rumo ao Hades – seu próprio inferno pessoal, isto é, as profundezas do inconsciente, a fim de enfrentar o lado tenebroso da sua própria alma/psique (GALAHAD, 2021).

De tempos em tempos, Hércules era possuído pela ira. Outro acontecimento antecedente à morte de sua esposa e filhos, foi o assassinato do seu professor, Lino, encarregado de ensinar-lhe música durante o período de sua adolescência. Apesar de habilidoso, Hércules não aceitava receber punições. Certo dia, após ser criticado por Lino durante uma de suas lições, Hércules foi tomado pela ira e atirou sua lira na cabeça do seu professor, matando-o. Assim, demonstrou que Hera, desde há muito, já o seduzia (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021). “O que pensais da natureza do inferno? O inferno é quando a profundidade chega a vós com tudo o que não mais ou ainda não dominais” (JUNG, 2017, p. 153).

Conforme Jung, no que diz respeito à interpretação dos mitos ou sonhos, só existe um único personagem e todos os demais são apenas representantes de determinados aspectos fragmentados do personagem principal, o Si-mesmo. Nesse sentido, constata-se que todos os personagens desse mito são, em si, aspectos da própria psique de Hércules. A figura feminina de Hera com o seu lado terrível simboliza a força instintiva e arquetípica do inconsciente sobre a vida consciente do herói. A loucura possivelmente represente o incognoscível, aquela parte de si mesmo que não pode ser compreendida pela razão, pois é irracional. Portanto, representa aquilo que a consciência do herói não é capaz de discernir, pois não está desperta e direcionada para a compreensão das profundezas de sua própria psique; sendo, por esse motivo, ainda controlado ou possuído por tais impulsos inconscientes. A perda

de sentido se remete ao estado de alienação e separação da personalidade total (JUNG, 2013).

Diante desse contexto, a possessão pela *anima* vivenciada por Hércules pode ser compreendida como o desconhecimento da totalidade do Si-mesmo. O herói, portanto, padecia devido ao não conhecimento do aspecto negativo de sua alma/*anima* (Hera), a face feminina e desconhecida do Si-mesmo (a sизígia de Zeus), sendo, desse modo, governado pelos instintos mais básicos, inconscientes e destrutivos de sua natureza. Toda a luta travada por Hércules foi estabelecida devido ao conflito entre as suas antinomias: Hércules é filho do céu, porém é descendente da terra. Essa dualidade entre consciente e inconsciente no interior da psique de Hércules promoveu uma tensão capaz de desenhar o seu destino (JUNG, 2013).

A dualidade, a dissociação e a repressão nasceram na psique humana de maneira simultânea ao nascimento da consciência. Ou seja, uma transição do estado eterno de unicidade inconsciente com o Si-mesmo, para a vida real e consciente no espaço-tempo. Nesse sentido, o mito descreve o nascimento da consciência como um crime que aliena Hércules (ego) de Zeus & Hera (Si-mesmo), sua unidade pré-consciente original. De acordo com esse mito, a consciência é a *hybris* original (o pecado original), e causa básica de todo o mal da natureza humana. O nascimento da consciência do eu, portanto, traz consigo o conhecimento dos opostos – bem e mal. Em última análise, compreende-se que o maior ato de inflação de Hércules foi ter nascido, o que conseqüentemente já propiciou um “destino” subseqüente de estado de alienação, isto é, separação temporária de suas raízes primordiais – Ouroboros. O ego passa, então, para um mundo de conflito, sofrimento, incerteza e desafios, onde passo a passo vai restabelecendo a conexão com a sua origem primordial (EDINGER, 2020).

O herói é, conseqüentemente, o restaurador de uma situação sadia, consciente. Em outras palavras, é o ego que estabelece a ordem ao caos, é ele quem restitui o funcionamento normal e sadio de uma situação. Por isso, cabe ao herói o papel de iluminar a escuridão da sua mera inconsciência, ao que por outros termos, faz alusão a respeito da iluminação das raízes de sua própria existência (FRANZ, 1999).

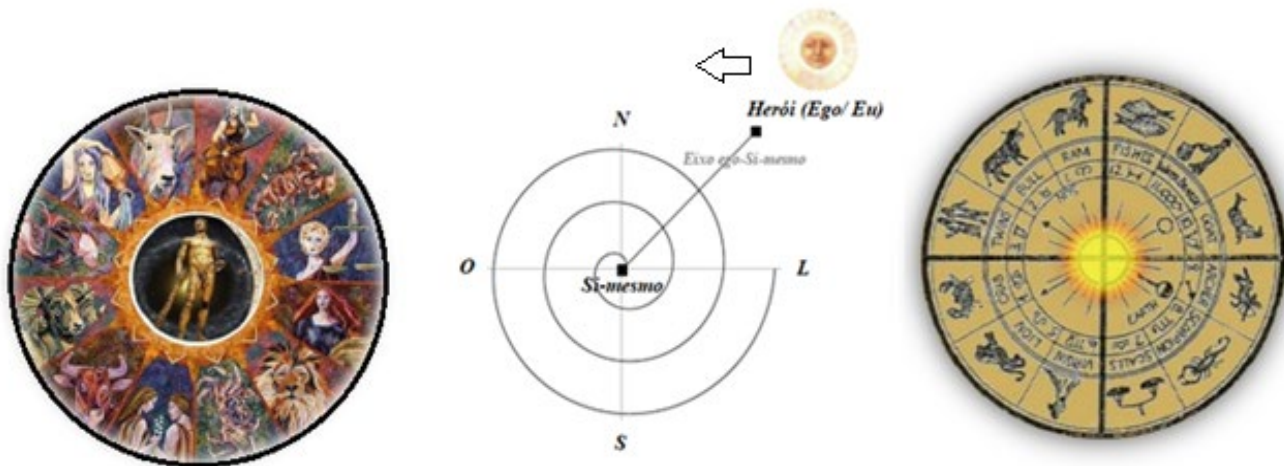
O ego é o centro da consciência, e se a consciência cria o mundo, o ego em seu esforço de autorrealização por meio da individuação, está fazendo o trabalho criativo do Si-mesmo, a imagem arquetípica de Deus. O Si-mesmo é considerado ao mesmo tempo como o centro e a circunferência que compõe a totalidade psíquica. Segundo essa perspectiva, quando o ego está integrado a essa totalidade, torna-se um aspecto essencial para a concretização do processo de individuação, uma vez que ele é o portador da luz advinda do *Self* e tem o papel de ilumina toda a psique (EDINGER, 2020). Em símbolos de transformação da libido, Jung identifica o herói-ego como a manifestação do poder do espírito, veículo cujo Deus toma consciência de si próprio (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021).

Nesse sentido, o Si-mesmo está situado para o Ego, da mesma maneira em que o Sol se dispõe para a Terra. Em hipótese alguma, um ocupará o lugar do outro. O ego individuado não se impõe ou opõe ao Si-mesmo, ele se une ao Si-mesmo girando em torno dele, do mesmo modo em que a Terra gira em torno do Sol (JUNG, 2015).

O processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear. É um movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou esse centro *Self* (Si-mesmo). Quando consciente e inconsciente vêm ordenar-se em torno do self, a personalidade completa-se. O self será o Centro da Personalidade total, como o Ego é o centro do campo da consciência. (SILVEIRA, 1981, p. 79)

Esse movimento em forma de espiral das sucessivas jornadas do herói a serem vivenciadas ao longo da existência, pode ser compreendido em síntese por três fases: iniciação (o chamado para a aventura), partida e retorno. Essa estrutura parece favorecer o processo de desenvolvimento psicológico, desde o nascimento até a morte (EDINGER, 2020).

**Figura 2:** Os doze Trabalhos de Hércules; o movimento solar do herói em seu ciclo de circumbulação no processo de individuação; e os doze signos do zodíaco.



**Fonte:** Própria (2022).

Ademais, acerca do movimento espiralado da vida, pode-se compreender:

O caminho se renova em permanência e, contudo, retoma uma ou outra vez o já assumido; daí que a circum-ambulação seja uma de suas características. O termo que se aplica inicialmente à dança ritual, consiste em um movimento em espiral que representa a conjunção de elementos periféricos mediante a aproximação a um elemento central e abarcador. Do ponto de vista psicológico significa um percurso pelos aspectos da psique que devem ser assumidos diferenciando-os e integrando-os mediante esta aproximação espiralada rumo ao centro. (NANTE, 2018, p. 44 - 45)

Esse movimento pelos pontos cardiais atualiza uma personalidade total. Um homem primordial (o Anthropos), caracterizado pela cruz, cujas extremidades correspondem às quatro direções ou pontos cardiais. A natureza do centro ou sua consciência, se renova a cada passo, de maneira tal que o “eu” não possa se identificar com ele. O movimento rumo ao centro, com o qual não há que se identificar, produz uma transmutação da energia psíquica. É assim que cada homem cumpre a sua vocação, quando recria de maneira única o centro (Si-mesmo) na sua consciência (NANTE, 2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o momento em que fomos capazes de acompanhar as primeiras evidências mitológicas fragmentadas da emergência de nossa espécie, tornou-se possível encontrar os inúmeros sinais indicando as preocupações e a meta que desde o princípio já estava moldando o mundo do homo sapiens. Em vista disso, o mito que

melhor descreve o processo de desenvolvimento da consciência humana é a jornada do herói com todos os seus desafios, lutas, triunfos e glórias.

Entre todos os aspectos da jornada, talvez o mais brilhante e incrivelmente desafiador, seja a noção e a experiência de um Deus empírico, de algo que transcende o eu e estando nele nos habita, sendo este o produto de uma contradição enorme, pois ao mesmo tempo que está dentro de nós é maior do que nós. É essa grandeza inconsciente, atemporal e infinita, que habita o mundo consciente e finito que é o ser humano. Em síntese, é isso que interessa a Jung, a ele interessa aquilo que esse “*Tremendum*” produz no ser humano.

Em última análise, ao passarmos por uma experiência interna profunda em nossas vidas e conseguirmos fazer uma leitura mística ou religiosa, no sentido mais apurado do termo – como uma forma de se ligar a algo desconhecido (o mistério), entendendo as enfermidades, provas, adversidades e tudo mais que atravessa as nossas vidas de forma violenta e aterradora, como um catalizador que nos move em direção à necessidade essencial de despertar a nossa consciência para a existência de Deus (Si-mesmo), em nosso interior, então conseguiremos, a partir do processo de conciliação das forças antinômicas, ressignificar a nossa jornada pessoal e por meio dessa experiência religiosa redimir os nossos sintomas.

O que Jung postula é fantástico, pois propõe a ideia de um Deus que brota de dentro da mente, que se revela na mente e que talvez seja a própria mente. Utilizando o termo “mente”, obviamente incluindo a sua dimensão inconsciente e irracional. Conclui-se, então, que a tarefa do ser humano é tomar consciência de Deus (Si-mesmo), fato este que se configura como um paradoxo, ao passo que, o homem torna-se consciente de Deus e de forma emergente Deus utiliza o homem como instrumento para se autorrealizar. Daí a ideia que parece bastante razoável de entender a consciência humana como um sacrário, pois é nela e somente através dela, que ambos por intermédio de uma relação dialética podem se realizar. Estando inconsciente de si próprio, não tem condições de fazer essa experiência de conhecimento, uma experiência que é sentida em primeiro lugar, mas é também uma experiência que se transforma em um conhecimento de si mesmo e da própria divindade.

## REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos símbolos**. 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

EDINGER, Edward F. **Ego e arquétipo**: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2020.

FRANZ, Marie-Louise Von. O problema da sombra nos contos de fadas. *In: A sombra e o mal nos contos de fada*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985. p. 7-25

FRANZ, Marie-Louise Von. Um método de interpretação psicológica. *In: A interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 34-41

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. A pesquisa científica. *In: Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas. *In: Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 41-56

GALAHAD, L. C. **Os 12 trabalhos de Hércules**. Mitologia Grega Br, 2021. Disponível em: <https://mitologiagrega.net.br/os-12-trabalhos-de-hercules/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. *In: JUNG, C. G. O Homem e seus Símbolos*. 2. Ed - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 100-153

HOPCKER, Robert H. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. *In: JUNG, C. G. O Homem e seus Símbolos*. 2. Ed - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 16-99

JUNG, Carl Gustav. A estrutura do inconsciente. *In: O eu e o inconsciente*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 133-155

JUNG, Carl Gustav. **O livro vermelho**: Liber Novus. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

JUNG, Carl Gustav. O nascimento do herói. *In: Símbolos da transformação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 205-245

MULLER, Lutz. O herói. *In: O herói*: todos nascemos para sermos heróis. São Paulo: Cultrix, 1992. p. 9-17

NEUMANN, Erich. **História da consciência**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

NANTE, Bernardo. **O livro vermelho de Jung**: chaves para a compreensão de uma obra inexplicável. Petrópolis: Vozes, 2018.



RUSTON, Yvone de Rezende. As etapas do processo de individuação. *In: O simbolismo da individuação no "Castelo Interior"*. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 37-51

STEIN, Murray. **Jung**: o mapa da alma. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVEIRA, N. Processo de individuação. *In: Jung*: vida e obra. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 79-94

SELLTIZ, Claire *et al.* Construção de Escalas. *In: Métodos de pesquisa nas relações sociais*. 4. ed. São Paulo: Herder, 1967. p. 49-71.

## CAPÍTULO 5

### O USO EXCESSIVO DE REDES SOCIAIS POR PARTE DE ADOLESCENTES E JOVENS

DOI 10.47402/ed.ep.c202218975372

Yan Carlos Vieira Freitas  
Orlando Júnior Viana Macêdo  
Karla Rossana Gomes Lôbo  
Adriana de Alencar Gomes Pinheiro

#### RESUMO

O presente capítulo a contempla a temática das redes sociais e como o uso excessivo delas interferem na vida de adolescentes e jovens. Torna-se interesse da Psicologia abordar esse fenômeno porque a internet e os meios virtuais de comunicação assumem papel fundamental no cotidiano da maioria dos brasileiros, sendo fundamental para a vida de uns e frequentemente utilizada na de outros. Estabeleceu-se a seguinte questão como norteadora do estudo: como o uso intensivo de aparelhos tecnológicos conectados às redes sociais, pelos adolescentes e jovens, têm impactado a vida desses sujeitos? Foi definido como objetivo geral analisar como o uso intenso das redes sociais podem impactar a vida de adolescentes e jovens. O estudo foi realizado a partir da revisão de artigos e periódicos localizados por meio das bases eletrônicas: Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (ScieLo), Periódicos CAPES/MEC, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), Portal de Periódicos (UFG) e Estácio Periódicos Científicos. Foram usados os seguintes indicadores: “Psicologia”, “Adolescência”, “Jovens”, “Redes Sociais”, “Dependência”, “Cyberbullying”. Os resultados encontrados na pesquisa reforçam que, apesar dos aspectos positivos dessas redes sociais, o seu uso desenfreado por jovens e adolescentes impacta tanto no âmbito psicológico, social e quanto no físico, podendo levar a depressão, solidão, ansiedade, problemas de relações com a família e amigos além de outros problemas. Considera-se, portanto, fundamental orientações por parte das famílias, educadores e profissionais de Psicologia, para viabilizar uma utilização mais adequada das redes sociais, de forma a possibilitar que o avanço tecnológico traga benefícios, ao invés de impactos negativos nas vidas dos adolescentes e jovens.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicologia; adolescência; jovens; redes sociais; dependência.

#### 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a temática do meio virtual direcionada para uma análise dos possíveis impactos do uso excessivo das redes sociais por adolescentes e jovens. A partir de uma análise histórica, percebe-se o papel cada vez mais significativo do mundo virtual na sociedade, conseqüentemente o seu impacto

crescente na constituição da subjetividade humana. É notável que o século XXI foi o marco da Era Digital e que a internet provocou mudanças importantes na forma pela qual o homem vive em sociedade.

A internet e o subsequente surgimento das redes sociais possibilitaram o desenvolvimento de novas formas de interação social e, sobretudo, de meios mais práticos e acelerados para o compartilhamento de informações. É válido ressaltar que este espaço de interação e engajamento possibilita a constante exposição do usuário e de suas ideias na internet, as quais tornam-se cada vez mais acessíveis. Dessa forma, tais sujeitos estão vulneráveis a quaisquer tipos de comentários e posicionamentos, o que pode desempenhar um papel em como o internauta pensa ou age.

Diante do interesse de pesquisa do presente estudo podemos classificar as redes sociais “como um conjunto de relações e intercâmbios entre entidades ( indivíduos, grupos ou organizações) que partilham interesses, geralmente através de plataformas disponíveis na internet” (TEIXEIRA; AZEVEDO, 2019, p.2). Essas redes sociais também podem, por sua vez se encaixar em um conceito mais amplo denominado “mídias sociais” visto que apresentam a interação e a intervenção entre pessoas (PEREIRA; PEREIRA; PINTO, 2011).

Nesse contexto, novos comportamentos também podem ser gerados e disseminados através de ações inseridas exclusivamente pelo meio virtual. Assim sendo, as pessoas são suscetíveis a mudanças através de interações com outros usuários dentro da plataforma digital, mudanças que impactam na forma de pensar, se relacionar, perceber valores e desenvolver sentidos e significados.

Esse avanço tecnológico tem transformado rapidamente a maneira como as pessoas se relacionam, se informam e se comunicam. A cada dia mais indivíduos adquirem dispositivos capazes de se conectar à internet. Quando se trata de *smartphones*, é comum encontrar sujeitos que ainda não entraram adolescência, porém já usufruem dos mais variados tipos de serviços oferecidos nos meios digitais, principalmente de aplicativos ou serviços de mensagens instantâneas.

Essa facilidade ao acesso ao mundo virtual abre inúmeras portas para novos conhecimentos e relacionamentos. Esses conhecimentos e relacionamentos

estabelecidos virtualmente podem, então, apresentar um mundo novo ao usuário que navega pela rede social. O que incita mudanças na conduta dos adolescentes e jovens, a partir dessas interações vivenciadas no mundo virtual. Como destaca Line (2014 apud CAMPEIZ *et al*, 2020) na atualidade da Era Digital, os adolescentes e jovens apresentam novas demandas às instituições escolares, de saúde, de segurança, entre outras, uma vez que fazem uso constante de dispositivos tecnológicos na sua vida.

No entanto, fica explícito, em vista do demonstrado, que apesar de inevitavelmente a tecnologia e o mundo virtual fazerem parte do dia a dia, é necessária a divisão do real e do virtual para que haja harmonia entre o utilizar a tecnologia e o viver fora dela, a fim de não criar nenhum empecilho para o indivíduo que se encontra nesse meio tecnológico. A partir dessa afirmação o presente estudo justifica-se em função da necessidade de compreendermos e sistematizarmos as informações existentes acerca da forma como esses avanços da virtualidade na contemporaneidade têm impactado na vida de adolescentes e jovens, pois essa proposta de pesquisa pode possibilitar uma melhor compreensão das demandas desses sujeitos para diferentes instituições nas quais profissionais de Psicologia atuam.

Diante de tais aspectos, o presente estudo tem como objetivo geral buscar responder a seguinte questão: como o uso exacerbado de aparelhos tecnológicos conectados as redes sociais, por parte de adolescentes e jovens, têm impactado na vida desses sujeitos? Os objetivos específicos selecionados para auxiliar na construção desta pesquisa foram: identificar artigos publicados sobre a temática “ uso intenso de aparelhos tecnológicos conectados as redes sociais por parte de adolescentes e jovens”; categorizar os impactos do uso intenso das redes sociais na vida de adolescentes e jovens; Compreender de que forma a vida dos adolescentes e jovens são afetadas pelo uso intenso das redes sociais.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O estudo, este consiste numa pesquisa qualitativa do tipo pesquisa exploratória, já que busca proporcionar maior familiaridade frente ao fenômeno que é investigado (GIL, 2008). O estudo foi desenvolvido a partir da técnica de pesquisa bibliográfica. Entende-se, por jovens, no presente estudo todo e qualquer cidadão de idade entre 15

e 29 anos.

A busca dos artigos para a realização da presente pesquisa foi realizada nas bases eletrônicas: Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (ScieLo), Periódicos CAPES/MEC, Biblioteca Virtual em Saúde- Psicologia (BVS-Psi), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), Portal de Periódicos (UFG) e Estácio Periódicos Científicos. Utilizou-se os descritores: “Psicologia”, “Adolescência”, “Jovens”, “Redes Sociais”, “Comportamentos”, “Psicanálise”, “Dependência”, “Suicídio”, “Cyberbullying” e “Mudança”, combinados de diferentes formas, por meio do operador booleano AND.

Os artigos selecionados, foram lidos e classificados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: a) abordarem a temática do impacto das redes sociais nos adolescentes e jovens; b) ter sido publicado nos últimos 10(dez) anos; c) estarem disponíveis na íntegra gratuitamente no idioma português.

Foram excluídos os artigos que: a) contemplam a temática do uso excessivo de redes sociais sem relação direta com os jovens ou adolescentes; b) contemplem somente a internet sem mencionar algum tipo de rede social; c) dão ênfase apenas á problemática de jovens e adolescentes sem conectar com as redes sociais.

A partir da leitura de artigos que se enquadram no critério de inclusão proposto acima foram selecionados 10 (dez) artigos que foram incluídos e analisados qualitativamente para realização do presente estudo.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Para a realização da presente pesquisa buscou-se suporte teórico na perspectiva histórico-cultural. Para essa teoria psicológica a adolescência não deve ser simplesmente reduzida ao biológico, pois o adolescente é um ser construído através, também, do histórico e do social (VYGOTSKY, 1996). Para Vygotsky, a compreensão do desenvolvimento humano requer considerar a filogênese (evolução humana), a ontogênese (desenvolvimento do indivíduo), a microgênese ( história da formação de cada processo específico em curto prazo, bem como as experiências vividas do indivíduo), e a sociogênese ( história do grupo cultural) É necessário entender que os

adolescentes e jovens estão inseridos numa realidade objetiva, que envolve cultura, questões sociais, econômicas e políticas, e que indivíduo e sociedade se influenciam simultaneamente, por meio de uma relação dialética.

Levando em consideração essa perspectiva dialética, como destaca Barrientos-Parra (2009), não existe uma única juventude ou adolescência, mas multiplicidades dela, como aquelas organizadas por adultos, tais quais igrejas e sindicatos, e aquelas formada espontaneamente por grupo de jovens que se identificam com alguma atividade cultural acadêmica ou científica. Ele também salienta que universalmente a juventude se destaca pela singularidade de seu posicionamento perante a vida, além de que a própria juventude também é um estilo de vida que vai além da definição de idade, evocando a transgressão e o conformismo do indivíduo que se encontra nesse estilo de vida mencionado.

A partir dessa relação dialética é constituída no adolescente e jovem a sua própria identidade, Ciampa (2005) argumenta que a identidade é algo em constante transformação, produzindo-se através dessa relação, de modo que a identidade é sinônimo de mudanças porque a partir de práticas desses sujeitos, ela é implicada. O autor discute que antes do indivíduo nascer há uma representação dele, porém durante sua vida, ele constitui essa representação através das relações que está inserido. E através de sua própria identidade, mantém ou modifica comportamentos, as diferenças, igualdades e o posicionamento que o próprio indivíduo assume será o que o determina. Sendo assim, as redes sociais podem ter uma influência na construção de identidade do jovem e adolescente que a levará até o fim de sua vida.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os estudos encontrados estabelecem que a internet e as redes sociais são tema de relevância e de importância para a atualidade, considerando-se que a facilidade de acesso a elas e as formas como afetam a vida dos adolescentes e jovens. As pesquisas abordam como as redessociais impactam nesses sujeitos, contemplando desde aspectos físicos, até aspectos psicológicos e sociais.

Por meio de uma análise qualitativa do material selecionado, emergiram as categorias: solidão, suicídio, construção de identidade e *cyberbullying*. Todas essas categorias serão abordadas abaixo, observando cada uma separadamente para

esclarecimento adequado, considerando o que os estudos realizados identificaram acerca dos possíveis impactos do uso excessivo das redes sociais por parte de adolescentes e jovens.

Um estudo organizado por Rosa *et al.* (2021) teve como objetivo analisar a percepção dos jovens brasileiros sobre as possíveis repercussões das redes sociais em sua subjetividade. Participaram deste estudo 50 usuários das redes sociais com idade média de 18 a 26 anos, composto por jovens masculinos e femininos com os seguintes níveis de escolaridade: 4% com Médio completo. Os dados obtidos revelam que as redes sociais mais utilizadas pelos sujeitos são Facebook (94%), Instagram (70%), WhatsApp (60%), Twitter (14%) e Snapchat (12%).

Com relação ao tempo de acesso Rosa *et al.* (2021) constataram que 70% dos jovens se conectavam por mais de duas horas diárias e 48% deles, por mais de 3 horas. Vale ressaltar que os jovens entrevistados mencionaram aspectos positivos e negativos sobre estar conectado. Entre os negativos, destacam-se: agressividade e intolerância, exposição da própria vida, informações superficiais e aparência de vida perfeita ou atmosfera de falsa felicidade. No que se refere aos pontos positivos, destacam-se a obtenção de informação, interagir ou manter contato com outros sujeitos e a comunicação mais ágil e prática.

A partir dos resultados da pesquisa, percebe-se que as redes sociais repercutem na subjetividade do jovem, especialmente caso o uso seja excessivo repercute mais negativamente. “Essas redes atraem, modificam condutas e mantêm os usuários capturados pelos conteúdos interessantes e gratificações esporádicas oferecidas” (ROSA *et al.*, 2021, p.08). As autoras acrescentam que esses pontos podem ser fontes de angústia e ansiedade, modificando vínculos amorosos dos jovens na atualidade.

O estudo citado acima destaca que afetos importantes para o desenvolvimento da juventude podem ficar fragilizados no contexto familiar. O período de tempo utilizado nas redes sociais pelos adolescentes que se mantêm conectados às redes se torna inversamente proporcional ao tempo que o adolescente tem para fortalecer seus vínculos familiares. Os estudos de Rebelo *et al.* (2020), Silva e Silva (2017) e Farias e Crestani (2017) também abordaram essa questão da convivência familiar do jovem que

usa excessivamente as redes sociais e confirmam o enfraquecimento do vínculo familiar em decorrência disso, como também foi percebido que a construção da identidade do jovem finda fragilizada e moldada através das redes sociais e dos seguidores, além de outros problemas que serão expostos a seguir.

Rebello *et al.* (2020) conduziram uma pesquisa de cunho observacional e transversal, através de dados colhidos com o preenchimento de questionários anônimos distribuídos na escola do Concelho de Guimarães (Portugal), com 3518 alunos, entre jovens e adolescentes que frequentam o 2º e 3º ciclo do ensino básico e secundário. Foi identificado que quase todos os mais utilizadas por eles são: *Youtube*, *Instagram* e *Facebook*. Foi evidenciado, também, que 85% dos jovens e adolescentes acessam as redes sociais várias vezes ao dia, sendo que 28% dos jovens admitem ser a atividade que ocupa a maior parte do dia e esse tempo em excesso conectado às redes sociais proporcionam interações com outros seguidores, interações que podem provocar o isolamento e o baixo desenvolvimento de capacidades relacionais (REBELO *et al.*, 2020).

Foi constatado por Rebello *et al.* (2020) que a maioria dos adolescentes entrevistados passa mais tempo conectada nas redes sociais no período da noite do que no turno da manhã. O que pode comprometer o sono, desenvolvendo preocupações com seus efeitos na concentração e potenciais repercussões no desenvolvimento e desempenho acadêmico. Foi também resultado da pesquisa que dois, em cada três adolescentes, já se encontraram online com desconhecidos. Um, em cada quatro, já agendaram encontros com desconhecidos. Importante destacar que o estudo envolveu adolescentes menores de idades.

Conforme o estudo mencionado, nota-se que os adolescentes e jovens estão propensos a diversos riscos tanto de desenvolvimento psicológico, quanto perigos como sequestro e abusos sexuais. De acordo com o mencionado neste estudo os autores constataram que não há, na perspectiva desses adolescentes, a percepção do perigo a que estão expostos, apesar da gravidade dos riscos. Os autores destacam a falta de entendimento sobre as repercussões que os comportamentos online podem ter para eles ou para sua família (REBELO *et al.*, 2020).



O estudo de Rebelo *et al.* (2020) demonstra a realidade crescente da navegação em redes sociais e como se tem pouca compreensão dos riscos e consequências para os adolescentes. O controle dos pais é vago sobre o que o filho acessa, ou quando ele acessa as redes sociais, até mesmo com quem conversam. As redes sociais são uma área de pouca regulação, facilmente contornadas pelos jovens, que os expõem a um perigo mascarado.

Silva e Silva (2017) realizaram um levantamento do conhecimento atual veiculado à literatura especializada acerca dos impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes. Tais autores identificaram que o uso abusivo das tecnologias digitais acarreta diversos problemas, tais como isolamento social, narcisismo, depressão, ansiedade e dependência. No campo cognitivo, diversas patologias estão relacionadas ao excesso de informações não processadas, que acabam por gerar uma sobrecarga cognitiva, ao contrário de conhecimento. O estudo também menciona que as redes sociais foram agregadas à área familiar e instituiu uma mudança na forma de reunir a família, deixando o diálogo de lado, o qual é de extrema importância para a constituição subjetiva do adolescente.

Por meio das constatações dos estudos realizados pela pesquisa bibliográfica, os autores (SILVA; SILVA, 2017) afirmam que essa relação é importante, pois “É na família que se encontra todo o referencial de costumes, crenças e valores em que a criança inicia sua jornada de vida e evolui de um estado de intensa dependência para um estado de condição de autonomia pessoal” (SILVA; SILVA, 2017, p. 89). Quando não há uma boa relação familiar, as redes sociais se tornam um meio de sanar essa carência. A família é a base para um bom desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. Através dela, gera-se um ambiente em que os problemas e os conflitos da adolescência sejam tratados de forma aberta. Quando há fuga para as redes sociais, o adolescente constrói sua subjetividade e sua imagem a partir de seguidores e da troca de informações dentro da própria internet.

Farias e Crestani (2017) organizaram uma pesquisa de caráter qualitativo com o intuito de identificar como as redes sociais influenciam o comportamento dos adolescentes. Apresentou uma pesquisa com base no Método da Explicação do Discurso

Subjacente - MEDS. Este é um método exploratório que tem por objetivo ouvir detalhadamente o que os entrevistados têm a dizer. Foi aplicado um questionário para as pessoas com a faixa etária de 13 a 18 anos e com usuários das redes sociais. Participaram da pesquisa 17 adolescentes de diferentes regiões do Brasil.

Farias e Crestani (2017) identificaram que o crescente uso das redes sociais vem modificando as formas de comunicação e de relacionamento. Os autores consideram que essas redes sociais evocam o sentimento de “segurança”, de modo que os adolescentes se abstem de frustrações, rejeições e de outros sentimentos que, na vida real, têm que enfrentar. Eles podem, através desse meio social, ter um local onde explora sua liberdade de expressão sem medo de julgamentos, se valendo de perfis falsos, nos quais eles podem ser outra pessoa, concretizando sua intenção de poder.

Outro problema causado pelo uso excessivo das redes sociais e identificado pelo estudo de Farias e Crestani (2017) foi a mudança no desenvolvimento da escrita dos adolescentes, na maioria dos casos a empobrecendo. Tais autores consideram que houve, também, um grande prejuízo no rendimento escolar, uma vez que os participantes afirmavam passar muito tempo nas redes e esquecerem de estudar, ou repetiam de ano por conta do uso excessivo.

É notável haver problemas desencadeados por este mal uso das redes sociais como apresentados nos estudos acima. Consoante a esta afirmação, os estudos realizados por Fonseca *et al.* (2018) e Moromizato (2017) buscaram dar ênfase ao como o uso excessivo dessas redes sociais acarretaram sentimentos como solidão, ansiedade e depressão, além de outros aspectos negativos.

Como mencionado anteriormente o estudo realizado por Fonseca *et al.* (2018) buscou correlacionar a dependência das redes sociais com a percepção de solidão. A pesquisa foi feita através da aplicação de testes psicométricos em 234 participantes universitários de João Pessoa com a idade média de 23,94 anos. Fonseca *et al.* (2018) identificaram que estar conectado e fazer uso frequente de redes sociais traz algumas rotinas negativas ao indivíduo. Começa a sentir desinteresse em outras atividades (incluindo contato social) e passa a ser vulnerável por não haver contato físico e não sentir afeto pelas pessoas, tendo problemas de ansiedade, solidão e depressão.

Moromizato (2017) correlacionou sintomas depressivos e ansiosos com o uso excessivo das redes sociais por parte dos adolescentes. O autor fez uma pesquisa descritiva, transversal e quantitativa, com amostragens por conveniência, realizada com estudantes de Medicina no ano de 2015, na qual ele analisava os sintomas ansiosos e depressivos através do inventário Ansiedade de Beck (BAI) e do Inventário de Depressão de Beck (BDI), além de um questionário confeccionado pelos pesquisadores com base no *Internet Addiction Test* (IAT).

O estudo de Moromizato (2017) revelou que dos 169 estudantes avaliados na pesquisa, 98,8% (167) fazem uso de internet ou redes sociais, 18% desses passam mais de 8 horas diárias conectados. A impossibilidade de estar conectado produz ansiedade em 45,8% dos usuários e tédio em 55,6%. A depressão é a doença mais relatada e associada ao uso problemático da internet em adolescentes e o aumento da depressão em adultos.

Por meio do que foi observado no estudo de Moromizato (2017), notou-se que a má utilização não só das redes sociais, como da própria internet, pode desencadear depressão e ansiedade nos indivíduos que fazem uso delas, além de incitar o estado de dependência, acarretando transtornos. Alguns exemplos retirados do artigo analisado sobre os problemas do mau uso de redes sociais são: inadequado gerenciamento do tempo, conflitos nas atividades diárias ou em relacionamentos com amigos e familiares.

Assunção e Matos (2014) deram ênfase no como as redes sociais também sugestionam as relações interpessoais de adolescentes. Organizaram uma pesquisa de caráter qualitativo que foi realizada com 20 indivíduos. Foi utilizado como material para nortear coleta de dados um roteiro para condução de grupos focais. Assunção e Matos (2014) explicam que as relações interpessoais vivenciadas no mundo virtual interferem no comportamento perante as figuras parentais do jovem, podendo enfraquecê-la, por exemplo, ao recusar pedidos de amizades dos pais e de plataformas digitais sociais a fim de esconder fatos, postagens e determinados assuntos, tornando difícil os pais enxergarem de forma plena o que seus filhos fazem nas redes sociais, que tipo de conteúdo acessam e com quem se relacionam, prejudicando qualquer tipo

de auxílio dos pais para os filhos caso algum problema apareça.

Um estudo qualitativo realizado por Gonçalves e Nuemberg (2012) com dez adolescentes, tinha como objetivo verificar a adicção dos adolescentes no mundo virtual e como esta pode influenciar a vida social destes. Os autores consideram que tanto pode auxiliar, quanto prejudicar o adolescente. Constataram que, a partir do medo do julgamento, o adolescente, com o temor de não ser compreendido, descarrega tudo nos referidos ambientes virtuais. O uso excessivo pode levar a depressão, dificuldades na escola, saúde mental, *bullying* e comprometimento do vínculo familiar. (GONÇALVES; NUEMBERG, 2012).

Siebel *et. al* (2019) elaborou um estudo de caráter qualitativo de natureza exploratória, cuja a realização foi no formato de revisão de literatura composto por artigos científicos de banco de dados do Google Acadêmico, entre os anos 2012 e 2018. O estudo visa tentar explicar como as redes sociais podem influenciar o suicídio dos adolescentes que a utilizam. A pesquisa explica que as redes sociais auxiliam o ato de suicídio pelos adolescentes pois fornecem formas e materiais necessários para o ato, destacam-se grupos nas redes sociais que ensinam a forma mais indolor de cometer suicídios, sites que vendem materiais para o ato, como também jogos proporcionados por internautas como o da “baleia azul” e outros problemas de cunhos sociais como o próprio *cyberbullyng*.

Siebel *et.al* (2019) também destaca o estudo de Pereira, Macêdo e Farias (FARIAS, 2013), pois demonstram haver facilidade no acesso as redes sociais pelos jovens. Esse lugar acabou se tornando um ambiente de compartilhamento de confissões e opiniões, tristezas, alegrias e formação de laços. Considera que a questão do anonimato encoraja o jovem a expor questões as quais não teria coragem de fazê-lo fora do meio virtual. Dito isso, pode-se perceber que a internet tem o poder de influenciar jovens e adolescentes a mudarem o seu comportamento cometendo lesões contra ele mesmo.

Dentro de pesquisas que contemplam o fenômeno do *cyberbullying* se destaca o estudo realizado por Deslandes e Ferreira (2018) que buscou organizar uma revisão crítica para compreender melhor esse fenômeno, incluindo suas dinâmicas,

personagens identificados e o impacto causado em intimidados e perpetradores desse tipo de violência. De acordo com as autoras, o *cyberbullying* estabelece atores dentro do cenário: os que praticam o ato de violência, as vítimas, aqueles que assistem e compartilham o conteúdo que viola outrem, os educadores e os pais. (DESLANDES; FERREIRA, 2018). Identificaram que: sujeitos envolvidos com o *cyberbullying* têm maiores chances de desenvolver uma psicopatologia; podem desenvolver insônia, depressão, baixo rendimento escolar ou baixa concentração; diminuição de horas de sono e menor apetite do que pessoas que sofreram outro tipo de violência. Outro aspecto de interesse é que aqueles, que eram assediados virtualmente por conhecidos, são propensos a relatar conflito com os pais, comportamentos agressivos e outros problemas de interação.

O estudo apresentado acima sobre o *cyberbullying* estabelece uma relação entre esse tipo de violência com o suicídio. O uso excessivo de redes sociais e esta prática estão interligados intimamente, pois as redes sociais são o meio mais utilizado para a disseminação desse tipo de *bullying*, tornando-a uma ferramenta viável para indivíduos que buscam ofender ou humilhar adolescentes e jovens no contexto virtual e social. A ausência de um suporte, que auxilie os adolescentes e jovens que sofrem esse tipo de violência, pode levá-lo a um fim trágico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais e a própria internet estão em constante evolução e cabe a nós acompanhá-las. Essa evolução incita profunda influência atualmente nos adolescentes e jovens. A literatura evidencia que o uso sem moderação pode gerar mudanças comportamentais, no desenvolvimento de valores e patologias. O que esses sujeitos acessam e as interações que vivenciam, impactam diretamente na sua subjetividade.

O uso excessivo das redes sociais por adolescentes e jovens, sem a supervisão adequada dos pais, influenciam negativamente na vida desses sujeitos. Podem expor tais sujeitos a violência ou riscos. Faz-se necessário reflexão sobre como o jovem se mantém dentro do meio do virtual, o que ele acessa, com quem conversa, o que faz e, principalmente, por quanto tempo utiliza essas redes sociais. A supervisão dos parentes é de extrema importância nesse processo. Ela serve de apoio e de guia para os

adolescentes e jovens na tomada de decisões, para que esses impactos sejam reduzidos.

É de interesse que a própria Psicologia também volte sua atenção a casos envolvendo redes sociais no período de adolescência para que, através de pesquisas, novas concepções e manejos sejam desenvolvidos para o auxílio do jovem e do adolescente, quando este for impactado por algumas das questões referidas. Considera-se que tais pesquisas podem oferecer novos mecanismos de ajuda dentro da clínica ou em qualquer área de atuação do psicólogo.

Aponta-se como uma limitação do presente estudo o fato de o mesmo ter sido realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica. Pode, portanto, reproduzir uma análise enviesada já presente nas fontes secundárias que serviram de base para a pesquisa. Dessa forma, recomenda-se realização de outros estudos que recorram a outras estratégias metodológicas e analisem com maior profundidade a relação do uso das redes sociais por adolescentes e jovens, de forma a contemplar tanto as especificidades locais, quanto verificar o poder de generalização desses resultados que foram apresentados.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Raquel Sofia; MATOS, Paula Mena. Perspetivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. **Psicologia em estudo**, v. 19, p. 539-547, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/nd6hy7sNBZQnZbXRqdPfbqS/abstract/?lang=pt>. Acesso em 25 de mar. 2022.

CAMPEIZ, Ana Beatriz et al. Redes sociais digitais: exposição à violência na intimidade entre adolescentes à luz da complexidade. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 29, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2019-0040>. Acesso em 06 abr. 2022.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2005

DESLANDES, Suely Ferreira; FERREIRA, Taiza Ramos de Souza Costa. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 3369-3379, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.13482018>. Acesso em 19 de junho de 2022.

FONSECA, Patrícia Nunes da *et al.* Uso de redes sociais e solidão: evidências psicométricas de escalas. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 198-212, 2018.

Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672018000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 02 maio 2022.

GIL Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Bruna Goudinho; NUERNBERG, Denise. A dependência dos adolescentes aomundo virtual. **Revista de Ciências Humanas**, v. 46, n. 1, p. 165-182, 2012. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/d3ca/51763e05916446bd1142d968bc79f573fdf9.pdf>. Acesso em 30 de mar. 2021

MOROMIZATO, Maíra Sandes *et al.* O uso de internet e redes sociais e a relação com indíciosde ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, p. 497-504, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4RB20160118>. Acesso em 26 de maio de 2022.

REBELO, Alícia Raquel *et al.* Os adolescentes e as redes sociais. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 84-90, abr/jun 2020. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v17n2a11.pdf>. Acesso em: 30 de abr. 2022.

ROSA, Gabriel Artur Marra e *et al.* Percepção de Jovens Brasileiros sobre as Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. v. 37, e373492021, [acessado 10 maio 2022]. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e37349>>. Epub 27 Ago 2021. ISSN 1806-3446.

SIEBEL, Marcia Teresa et. Al. A influencia das redes sociais para o suicídio na adolescência. **Revista Ciência (in) Cena**, v. 1, n.8, 2019. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/cienciaincenabahia/article/view/876> acesso em: 30 de abr.2022.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiam Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Rev. psicopedag.**,São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 nov. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes,1996.





## CAPÍTULO 6

### A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO AOS PACIENTES ACOMETIDOS DE ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO

DOI 10.47402/ed.ep.c202218986372

Sarah Amorim Torres  
Paulo Cesar de Lima Andreino  
Adriana de Alencar Gomes Pinheiro  
Leonil Nunes do Prado Junior

#### RESUMO

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é uma doença que afeta o indivíduo em várias esferas. As consequências dessa doença podem ser sentidas em aspectos físicos, psicológicos e sociais, exigindo mudanças e adaptações para enfrentar a nova realidade. Diante disso buscou-se compreender como a religião pode empoderar, ou seja, auxiliar o indivíduo que sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) em sua fase de reabilitação. Para que o objetivo fosse alcançado foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que utilizou artigos encontrados na internet, presentes em fontes como: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Google Acadêmico, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O resultado encontrado em relação à religião e os pacientes em fase de recuperação, é que práticas religiosas podem favorecer o melhor enfrentamento das sequelas, melhorando a qualidade de vida, além de uma menor evidência de doenças psicológicas, como a depressão e ansiedade.

**PALAVRAS-CHAVES:** religião; acidente vascular cerebral; saúde; reabilitação.

#### INTRODUÇÃO

Este estudo iniciou como um trabalho de conclusão de curso em Psicologia, buscando compreender como a religião pode auxiliar na reabilitação de pacientes acometidos por doenças limitantes.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2019), até o final do ano de 2018 o Acidente Vascular Cerebral (AVC) foi o segundo colocado entre as doenças que mais mataram no Brasil, ficando atrás apenas das doenças cardíacas. Em 2018 foram registrados 197 mil atendimentos no SUS em decorrência da doença.

Em países desenvolvidos, o AVC foi a terceira causa de morte, em 2014. Apesar de possuírem muitos recursos avançados, estima-se que 60% das pessoas que tiveram a doença morreram ou se tornaram inativas (DIAS, 2018).

O Acidente Vascular Cerebral, também conhecido pelo nome popular “derrame” é um *déficit* neurológico causado por um comprometimento, seja por rompimento ou obstrução de vasos, de alguma área do cérebro. Essa doença é caracterizada por rápida evolução (ANDRADE, 2009).

Existem dois tipos de AVC: o Acidente Vascular Cerebral Isquêmico (AVCI), identificado pela obstrução do fluxo sanguíneo arterial de uma parte do cérebro e o Acidente Vascular Cerebral Hemorrágico, que ocorre com o rompimento de vasos sanguíneos (ANDRADE, 2009).

Apesar dos avanços no tratamento e programas cada vez mais específicos, como a criação de informativos sobre o tratamento e prevenção, e a destinação de mais leitos no SUS, ainda é considerada a doença que mais causa incapacitação, principalmente na população idosa (SILVA; PASSOS; SOUZA, 2015).

Muitos fatores podem contribuir para um AVC, como idade mais avançada, condições socioeconômicas, histórico familiar de doenças vasculares, hipertensão arterial sistêmica, diabetes, obesidade, estilo de vida mais sedentário e tabagismo (CARVALHO *et al.*, 2019).

Os números de óbitos são bastante elevados, porém o número de pessoas com sequelas é ainda maior. Seus vestígios geralmente envolvem comprometimentos físicos e cognitivos que os deixam muitas vezes dependentes de outras pessoas, sendo assim fonte de estresse e ansiedade para o indivíduo.

É nesse contexto que a religiosidade pode servir como um instrumento de enfrentamento durante esse período. Rituais como a oração podem trazer alívio e esperança ao doente, além da modificação da percepção frente à doença, e do conforto social (INOUE; VECINA, 2017).

Apesar de uma sociedade considerada secularizada, dogmas religiosos ainda são muito presentes no dia a dia, atuando diretamente na dimensão da saúde e no bem-estar. Isso explica o porquê de a religião ser tão requisitada após um diagnóstico (CRES *et al.*, 2015).

As práticas religiosas estão diretamente relacionadas ao enfrentamento do processo de reabilitação. Elas podem trazer benefícios para a saúde mental, como conforto emocional, suporte social e fortalecimento psicológico; e para a saúde física, como hábitos mais saudáveis (THIENGO *et al.*, 2019).

Dentro de instituições onde há predominância da ciência, como os hospitais, os indivíduos tentam fazer essa conciliação entre ciência e religião, como evidenciado através da Lei 9.982/00 de 14 de julho de 2000, que assegura as visitas em hospitais de redes públicas ou privadas, como também em instituições prisionais, de grupos religiosos de qualquer crença, desde que permitido pelo doente ou por familiares em casos que o paciente esteja em coma (BRASIL, 2000).

Diante disso, o objetivo deste estudo é compreender como a religião pode auxiliar o indivíduo que sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) a enfrentar as limitações decorrentes da doença. Além de identificar a relação entre religião, saúde e o Acidente Vascular Cerebral, verificando o impacto psicossocial da religião na recuperação do paciente, também visa identificar aspectos psicológicos em indivíduos acometidos pelo AVC que possuam relação com a religião.

Evidenciou-se a relevância do tema ao observar que nas últimas décadas o cuidado humanizado tem ganhado maior importância, pois há uma preocupação em respeitar e acolher a cultura, os costumes e a própria religião do doente, equilibrando o cuidado fisiológico, psicológico e social (ANICETO; BOMBARDA, 2020).

O presente trabalho utilizou como método a pesquisa bibliográfica, uma vez que é de suma importância analisar e contribuir para a discussão sobre o tema. Segundo Mito e Lima (2007, p.550), “ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo”.

A notória vaga produção de pesquisas acadêmicas a respeito da influência da religiosidade em pessoas que sofreram um AVC viabilizou a escolha deste estudo, visto que a religião é um elemento integrante na vida do sujeito, além de trazer reflexões sobre vida e morte (ALVES; ASSIS, 2015).

## 1. CONCEITUAÇÃO DE RELIGIÃO, SAÚDE E DOENÇA

Neste primeiro capítulo destacaremos conceitos sobre religião, saúde e doença, e suas interligações, a fim de proporcionar uma melhor compreensão e discussão sobre o tema, considerando os aspectos físicos, psicológicos e sociais.

### 1.1 Conceituando religião

A religião é uma palavra que tem origem na língua latina e é derivada da palavra *religio*, que significa reconexão; reconectar-se com algo (ELMESCANY; BARROS, 2015).

Conceituando o que é religião, segundo a literatura, percebeu-se que Borges, Santos e Medeiros (2014) e Borges *et al.* (2018), apontam para o mesmo conceito, que segundo eles seriam grupos que partilham um mesmo ideal, com comportamentos e pensamentos semelhantes quanto à fé e à espiritualidade.

Ela ainda pode ser confundida como sinônimo de espiritualidade, porém são fenômenos distintos, pois a espiritualidade busca a conexão com o divino e o sagrado com o objetivo de compreender a existência, mas não necessariamente através da religião (SILVA *et al.*, 2017).

As atitudes conduzidas em comum acordo entre os indivíduos são chamadas de religiosidade, e seu intuito é buscar sempre a aproximação com o sagrado através de comportamentos, ou seja, é a vivência da religião em seu dia a dia, através das cerimônias, leituras, programas religiosos, entre outros (TAVARES *et al.*, 2016).

Cada uma das religiões é composta por suas tradições, que envolvem símbolos, ritos e crenças diferentes sobre a vida e a morte, mas todas têm algo em comum, que é buscar o transcendente e o misterioso, um elemento que não consegue ser entendido pela realidade humana; uma força capaz de transformar (PIEPER, 2019).

A religião está presente em toda a história da humanidade, sendo uma área de interesse para estudos em diversos ramos da ciência. É um dos mais antigos fenômenos, com poder significativo sobre as infinitas experiências humanas (FORTI; SEREBA; SCADUTO, 2020).

Porém a relação entre religião e ciência já foi bem conflituosa, pois a ciência defendia seus estudos e conhecimentos, e a religião, seus rituais e ensinamentos, deixando-as em lados opostos (GERMANO; PINTO, 2020).

Em relação às sociedades, a religião é parte integrante, fazendo-se presente no cotidiano dos sujeitos. Além de influenciar e conduzir contextos, também sofre influência e modificações por eles (CENCI, 2020).

Ademais, tem um papel importante no âmbito emocional e psicológico das pessoas, sendo apontada inclusive pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um fator relevante para a qualidade de vida (NANTES, 2020).

Alguns autores atuais apontam fatores positivos quando interligam a religiosidade com o enfrentamento de doenças, como Ribeiro, Campos e Anjos (2019), que trazem um estudo de caso sobre o câncer de mama e a religião, onde enfatizam sentimentos positivos mesmo após o diagnóstico.

Dados semelhantes são encontrados no estudo sobre a doença falciforme e a religiosidade, produzido por Gomes *et al.* (2019), que ainda trazem resultados complementares como a mudança do estilo de vida, um melhor gerenciamento e enfrentamento da enfermidade.

Além dos efeitos benéficos para a saúde emocional do indivíduo, segundo Lemos (2019), através do seu estudo sobre a religiosidade/espiritualidade e saúde, traz resultados positivos para a saúde física do enfermo, como o controle da dor, a busca por hábitos melhores, a redução do cortisol e, conseqüentemente, a diminuição do estresse.

Martelli (2018) aponta que pessoas religiosas tendem a adoecer com menos frequência principalmente por doenças causadas pelo estresse, além de uma maior adesão ao tratamento em caso de doença.

Por isso, a religiosidade tem um destaque importante quando associado a alguma enfermidade, pois seus efeitos positivos podem ser observados em aspectos físicos e também emocionais, como no estudo sobre terapias não médicas, que como resultado têm o efeito placebo da religião em certas doenças (CASTRO *et al.*, 2017).

## 1.2 Doença, saúde e religião

A OMS definiu em 1947 que a saúde é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. Ou seja, as dimensões do ser social, físico e psicológico devem estar em perfeita harmonia, não desconsiderando qualquer aspecto do sujeito.

A saúde ainda tem um papel de destaque na vida das pessoas, principalmente para o desenvolvimento físico, psicológico, social e econômico, sendo um grande mediador da qualidade de vida (BEZERRA; SORPRESO, 2016).

No entanto, o conceito de doença pode ser entendido como um desequilíbrio, o que interfere de forma negativa no desenvolvimento pleno do sujeito, e em seus aspectos psicossociais (LEITE *et al.*, 2015). Tendo como causadores fatores externos como: poluição, alimentação inadequada, uso de drogas e estressores ambientais, e também fatores biológicos como as doenças genéticas (BITTAR, 2015).

Quando se apresenta uma condição de doença, as pessoas tendem a buscar um sentido para a vida, a fim de amenizar o sofrimento (VALE; LÍBERO, 2017). Assim, o diagnóstico de AVC pode ocasionar muitas questões psicossociais, consequência dos seus impactos após o acidente, pois são altas as porcentagens de morte, o que pode prejudicar seus planos de vida, causando grande estresse psicológico e prejuízo no enfrentamento, principalmente nos três primeiros meses de reabilitação (REIS; FARO, 2019).

Há também um grande número entre os indivíduos que sofreram um Acidente Vascular Cerebral que ficam com comprometimentos físicos, motores e cognitivos, sendo visto como grande causa de invalidez, com prejuízos de curto e longo prazo (HENRIQUES; HENRIQUES; JACINTO, 2016). O indivíduo que sofreu um AVC e teve essa perda de autonomia nos movimentos do corpo e nas funções cognitivas, possui danos nas suas dimensões física, social e psicológica (RAMOS, 2016).

Para Reis e Faro (2019) em relação aos aspectos psicológicos, apontam como consequência uma maior prevalência da ansiedade, ocasionada pela falta de

autonomia em tarefas corriqueiras, como tomar banho e comer, e a depressão pelo afastamento dos ciclos sociais, principalmente do ambiente de trabalho.

A fase do luto sempre foi muito associada ao período que o indivíduo passa após a morte de alguém significativo em sua vida, porém, o processo de luto está em qualquer perda significativa, inclusive após um diagnóstico (RAMOS, 2016).

No processo da doença pode haver um luto relacionado à saúde perdida. As fases dele abrangem negação, barganha, raiva, depressão e aceitação. A ordem dessas fases é muito particular para cada indivíduo, e a presença de Deus nesse momento também é notória, seja por raiva, por questionamentos ou pela negociação através de promessas (ROSS, 2008, apud GUIMARÃES, 2017).

O indivíduo pode então buscar meios para aliviar o sofrimento causado pelo luto após um AVC, como o *coping* religioso, que se trata da busca por alívio, esperança e resolução do problema nas situações de estresse, através de rituais e dogmas religiosos (SILVA *et al.*, 2019).

Silva *et al.* (2019) ainda afirma que o *coping* religioso pode ter dois lados: o positivo, em que o sujeito doente busca estratégias para resolver conflitos internos e aliviar o sofrimento, buscando a proteção e o amor de Deus; e o lado negativo, onde o indivíduo doente pode negligenciar o tratamento e manter apenas a crença na cura divina, prejudicando, assim, sua saúde física e mental.

Como mostra Freire *et al.* (2017) em seu estudo sobre religião e espiritualidade no contexto hospitalar, a forma de pensar e enfrentar a doença ainda na internação é mais positiva para as pessoas que seguem alguma religião, porém sem negligenciar o tratamento clínico.

Nesta perspectiva é possível compreender o aspecto da religião como um suporte em situações difíceis como a reabilitação do AVC, que trazem dor, desesperança, e medo da morte.

### **1.3 A religião e a ciência da saúde**

Não é recente que ciência e religião vivem em disputa árdua de como forjar a sociedade, sempre entre suas verdades e inverdades absolutas; entre polêmicas como

aborto, eutanásia e inseminação artificial. O Estado, como laico que deve ser, desprende-se do poder da religião sobre a condução dessas problemáticas, garantindo o bem-estar do indivíduo, porém sem esquecer 88,8% da sua população brasileira, segundo o IBGE 2010, segue alguma religião, garantindo também a liberdade (CURY, 2018).

Apesar de o cuidado humanizado ser muito simples na teoria, na prática pode ser bastante polêmico e de difícil concessão, pois a palavra do médico ainda é soberana e o cuidado fisiológico também, como casos em que os pacientes graves se recusam a receber transfusões de sangue, pois sua religião não permite, resultando assim em uma grande incógnita de como manter os princípios da prática profissional sem ferir a dignidade humana (ANICETO; BOMBARDA, 2020).

Não é à toa que essas instituições demandam profissionais de diferentes áreas de conhecimento para conseguir suprir os elementos que constituem o ser humano e sua complexidade, pois se trata de um ser constituído por uma *psique*, por vezes apresentando aspectos espirituais que refletem diretamente na saúde física (GOMES; BEZERRA, 2020).

O atendimento religioso é indiscutível dentro dessas instituições. Sua importância foi apontada pela OMS em 1999, reconhecendo a espiritualidade como parte da saúde (GOBATTO; ARAÚJO, 2013).

Porém, incluir as religiões em instituições que cuidam do indivíduo doente pode ser um desafio ético, uma vez que é um espaço neutro e coletivo, para os profissionais conseguirem acolher a história religiosa de cada paciente, sem ferir ou incomodar outros que não praticam a mesma crença (GOBATTO; ARAÚJO, 2013).

## 2. MARCO METODOLÓGICO

A metodologia escolhida foi a revisão bibliográfica sistemática integrativa, que adota a construção de um contexto para a questão problema, além de analisar e aprofundar sobre obras já existentes que se assemelham ao tema dentro da literatura científica (MARTINS, 2018). Sua fundamentação se dá através de fontes bibliográficas, ou seja, dados obtidos a partir de fontes escritas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69).



## 2.1 Exposição sobre o tema

No primeiro capítulo foi conceituada a religião na visão de vários autores, posteriormente foram ressaltados aspectos referentes a ela, como sua diferença em relação à espiritualidade; o que é a religiosidade; e suas raízes dentro da sociedade.

Em um segundo momento foram conceituados os termos doença e saúde, assim como os aspectos decorrentes de um AVC. Em seguida foram interligados os conceitos de “saúde”, “doença”, “Acidente Vascular Cerebral” e “religião”, estabelecendo e estudando a relação entre eles.

## 2.2 Objetivo do estudo

O objetivo desta revisão bibliográfica foi compreender como a religião pode auxiliar o indivíduo que sofreu um Acidente Vascular Cerebral a enfrentar as limitações decorrentes da doença, assim como o potencial de reação dos indivíduos que estão inseridos em alguma religião frente ao desafio de lidar com as limitações decorrentes do AVC.

O interesse pela temática surgiu no primeiro contato sobre o papel do psicólogo nos cuidados paliativos, notando uma certa negligência sobre aspectos não fisiológicos durante a enfermidade, principalmente dentro de instituições hospitalares. Surgiu, assim, a necessidade de aprofundar o assunto, a fim de entender os aspectos que interligam religião e doença, e aplicar esses conhecimentos na prática profissional futuramente.

## 2.3 Percurso da pesquisa

A busca pelo material utilizado para a revisão bibliográfica foi realizada entre os dias 04 de março e 18 de abril de 2022. A pesquisa foi realizada em fontes presentes na internet, visto que existem bastante material disponível para atender o objetivo do presente trabalho.

As bases de dados usadas para a pesquisa do trabalho foram: *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Google Acadêmico, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Durante a

pesquisa foram utilizadas as seguintes palavras chaves: religião, saúde, Acidente Vascular Cerebral e reabilitação.

#### **2.4 Critérios de inclusão e exclusão**

O critério de inclusão utilizado foi o de apenas considerar trabalhos publicados em língua portuguesa, no período de 2015 a 2022, que citassem o Acidente Vascular Cerebral e a influência dos aspectos religiosos na fase de reabilitação em indivíduos acometidos pela doença. Após os materiais encontrados, seguiu-se um processo de análise, e por fim, a seleção dos trabalhos que mais contribuíram para o objetivo.

#### **2.5 Informações sobre os resultados obtidos**

Para expor de forma clara e objetiva os resultados encontrados durante a pesquisa, foram utilizados três tópicos a serem discutidos. São eles: qualidade de vida do indivíduo que sofreu um AVC, os aspectos psicológicos das vítimas do Acidente Vascular Cerebral, e a religião como apoio para essas vítimas.

#### **2.6 Dados sobre os estudos selecionados**

Após a busca foram selecionados sete trabalhos científicos para concluir o objetivo proposto. Eles serão detalhados abaixo, com informações sobre os autores, data de publicação, objetivo proposto, resultados e base de dados.

- **Dados sobre o estudo selecionado “Intervenções religiosas e espirituais em saúde física”**

- Autores: Juliane Piasseschi de Bernardin Gonçalves
- Data de publicação: 2016
- Objetivo: Revisar as pesquisas de Intervenção Espiritual/Religiosa em saúde física, salientando os pontos mais importantes e relevantes.
- Resultados: Os resultados clínicos decorrentes das Intervenções Espirituais e Religiosas são promissores para o tratamento complementar em saúde física.

- Aspecto relevante: Aborda as intervenções religiosas como um tratamento complementar para a saúde de indivíduos doentes, apesar de não citar o AVC de forma direta.
- Base de Dados: LILACS
- **Dados sobre o estudo selecionado “A vida após o acidente vascular cerebral na perspectiva dos sobreviventes”.**
  - Autores: Jaine Karenly da Silva; Vanessa da Silva Carvalho Vila; Maysa Ferreira Martins Ribeiro e Luc Vandenberghe.
  - Data de publicação: 2016
  - Objetivo: Compreender os significados da experiência da enfermidade na perspectiva de oito sobreviventes ao Acidente Vascular Cerebral.
  - Resultados: Os resultados sugerem a necessidade de reforçar a educação em saúde para a valorização da sintomatologia preditora do AVC, a sensibilização do impacto que ele representa na vida dos sobreviventes, e a necessidade de a equipe multiprofissional investir na proatividade dos familiares.
  - Aspecto relevante: A citação dos próprios participantes sobre a importância da religião na recuperação.
  - Base de dados: LILACS
- **Dados sobre o estudo selecionado “Estratégias de Enfrentamento de Adultos Vítimas de Acidente Vascular Cerebral e sua Relação com o Ajustamento Psicológico”.**
  - Autores: Catiele Reis e André Faro
  - Data de publicação: 2020
  - Objetivo: Identificar as estratégias de enfrentamento utilizadas por pessoas com AVC e analisar como elas atuam no processo de ajustamento após o ocorrido.
  - Resultados: Não houve um tipo de estratégia que se sobressaísse às demais e todas possuíam uma conotação positiva no ajustamento após AVC, inclusive a longo prazo.

Sugere-se que sejam realizados mais estudos sobre enfrentamento, principalmente aqueles com uma metodologia longitudinal, para suprir as limitações deste estudo.

- Aspecto relevante: A citação da religião como uma estratégia para o enfrentamento.

- Base de dados: SCIELO

- **Dados sobre o estudo selecionado “*Descrição do coping religioso/espiritual de pacientes neurológicos e sua correlação com a capacidade funcional e depressão*”.**

- Autores: Andressa Sampaio Pereira; Isabella Cristina Leoci; Silas de Oliveira Damasceno; Caroline Nunes Gonzaga; Alice Haniuda Moliterno; Guilherme Yassuyuki Tacao e Augusto Cesinando de Carvalho.

- Data de publicação: 2020

- Objetivo: Correlacionar o  *coping*  religioso e/ou espiritual com a capacidade funcional e a depressão de hemiparéticos e parkinsonianos submetidos à fisioterapia em grupo no formato de circuito de treinamento.

- Resultados: O  *score*  médio atingido no Inventário de Depressão de Beck e Escala de Depressão Geriátrica apontou uma depressão leve no grupo hemiparético. Já o grupo de Parkinson não apresentou índices de depressão. O  *Dynamic Gait Index*  acusou risco de queda no grupo hemiparético, obtendo uma diferença significativa quando comparado ao grupo de Parkinson ( $p < 0,05$ ). Ambos os grupos tiveram índice CRE positivo moderado.

- Aspecto relevante: A citação da religião como estratégia de enfrentamento para o aparecimento da depressão.

- Base de dados: BVS

- **Dados sobre o estudo selecionado “*Processo de Enfrentamento do Acidente Vascular Cerebral por Vitimizad os Adultos*”.**

- Autores: Catiele dos Reis Santos

- Data de publicação: 2017

- Objetivo: Investigar o processo de enfrentamento e o impacto do AVC sobre a adaptação psicossocial na perspectiva da vítima.
- Resultados: Os resultados do estudo referem-se à ativação de estratégias de enfrentamento com foco no problema, foco na emoção e suporte social. O uso delas foi visto com denotação positiva no ajustamento às sequelas e modificações da vida diária. No final, espera-se que o conhecimento acerca do enfrentamento do AVC possa ser aplicado à rotina de profissionais da saúde no manejo das vítimas.
- Aspecto relevante: A citação da religião como estratégia de enfrentamento e o aparecimento do suporte social.
- Base de dados: Google Acadêmico
- **Dados sobre o estudo selecionado “Religião e espiritualidade de pacientes internados em clínica médica”.**
  - Autores: Elon Saúde Caires e Paulo Jonas dos Santos Junior
  - Data de publicação: 2017
  - Objetivo: Avaliar a influência da religião e da espiritualidade no enfrentamento/ *coping* da hospitalização.
  - Resultados: Entrevistados neste estudo elucidaram de forma positiva a relevância da religiosidade e da espiritualidade como recursos de enfrentamento/ *coping*. Os dados apontam alto índice de religiosidade nos pacientes e o uso da religião e da espiritualidade como forma de enfrentamento/ *coping* da hospitalização.
  - Aspecto relevante: A citação da religião como estratégia de enfrentamento, sendo a maior parte dos pacientes vítimas de AVC.
  - Base de dados: Google Acadêmico
- **Dados sobre o estudo selecionado “A experiência da enfermidade na perspectiva de pessoas que sobreviveram ao Acidente Vascular Cerebral”.**
  - Autores: Jayne Karenny da Silva
  - Data de publicação: 2015

- Objetivo: Analisar os sentidos e significados da experiência da enfermidade na perspectiva de pessoas que sobreviveram ao Acidente Vascular Cerebral.
- Resultados: O apoio social da família e da religião foi essencial para lidar com as mudanças na vida cotidiana após o AVC. As necessidades relacionadas às intervenções de reabilitação no contexto domiciliar e comunitário foram identificadas, e os participantes mencionaram dificuldades no processo de reabilitação após a alta hospitalar. A experiência de ter sido vítima de um AVC marcou uma ruptura no estilo de vida.
- Aspecto relevante: Citação sobre o apoio da religião na reabilitação de vítimas do Acidente Vascular Cerebral.
- Base de dados: Google Acadêmico

### **3. DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS**

Durante a análise dos estudos escolhidos identificaram-se aspectos semelhantes, entre eles, no que diz respeito à qualidade de vida, aspectos psicológicos e emocionais das vítimas.

A qualidade de vida pode ser compreendida como o bem-estar em aspectos que envolvem o desenvolvimento dos indivíduos, como a saúde física e psicológica, o convívio social que envolve família, amigos e sua relação com trabalho, além do contexto cultural, e de valores adquiridos. Quando ocorre um Acidente Vascular Cerebral, esses aspectos da vida do vitimizado tendem a sofrer danos severos (SANTOS, 2017).

O primeiro trabalho escolhido, "Intervenções religiosas e espirituais em saúde física", buscou, através de uma revisão sistemática, entender a intervenção espiritual e religiosa na saúde física, e destacar os aspectos mais importantes.

Segundo Gonçalves (2019), em relação à qualidade de vida muitos tratamentos alternativos estão sendo usados junto com o tratamento médico convencional em doenças graves, com o intuito de diminuir sintomas, e visando também melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Entretanto, as terapias cognitivas baseadas em

religiosidade têm demonstrado resultados ainda melhores do que muitas intervenções alternativas recentes.

Durante a pesquisa foram encontrados dez artigos científicos que demonstraram que a intervenção da espiritualidade e da religião durante um tratamento de enfermidade traz benefícios de baixo, médio e grande porte em comparação com outras alternativas de técnicas complementares na qualidade de vida dos indivíduos (GONÇALVES, 2019).

Um aspecto destacado foi a perda de peso, assim como o aumento da frequência de atividades físicas, e hábitos alimentares mais saudáveis como resultado dos estudos escolhidos pela autora. Além disso, a maioria foi realizado em grupos religiosos, tendo como destaque o percurso religioso (GONÇALVES, 2019).

As intervenções da espiritualidade e da religião também foram benéficas para o aspecto da dor, sendo todas as pesquisas a favor das intervenções. Também foram encontrados efeitos nos níveis de cortisol salivar que diminuíram de forma branda através do manejo das intervenções (GONÇALVES, 2019).

No segundo estudo selecionado, intitulado como “A vida após o Acidente Vascular Cerebral na perspectiva dos sobreviventes” utilizou-se a metodologia de estudo de caso com o intuito de compreender a experiência da doença segundo a perspectiva de doze adultos que sofreram AVC (SILVA *et al.*, 2019).

O artigo destaca que o apoio nas crenças religiosas como clamar a Deus pela libertação das sequelas da doença, ter fé na cura, e o aumento do sentimento de esperança na reabilitação do quadro teve um papel considerado importante para melhoria dos aspectos físicos e emocionais (SILVA *et al.*, 2019). Conclui-se assim que o apoio da religião é fundamental para os sobreviventes do AVC enfrentarem os desafios que a reabilitação exige.

O próximo trabalho, "Estratégias de Enfrentamento de Adultos Vítimas de Acidente Vascular Cerebral e sua Relação com o Ajustamento Psicológico" trata de um estudo descritivo exploratório, onde foram utilizados um questionário sociodemográfico e uma entrevista aberta (REIS; FARO, 2019).

Durante o estudo, os participantes demonstraram sentimento de culpa pelos maus hábitos alimentares e pelo sedentarismo que resultaram no AVC, e usaram as crenças religiosas para amenizar a culpa e aumentar a esperança na recuperação, além de adotarem hábitos saudáveis como consequência. (REIS; FARO, 2019).

O próximo estudo, “Descrição do *coping* religioso/espiritual de pacientes neurológicos e sua correlação com a capacidade funcional e a depressão”, foi desenvolvido através da observação transversal, que buscou verificar a relação do *coping* religioso e/ou espiritual com a capacidade funcional e a depressão de hemiparéticos e parkinsonianos (PEREIRA *et al.*, 2020).

Em relação à qualidade de vida dos indivíduos estudados notou-se diminuição evidente de danos causados pelo AVC, como prejuízos neurológicos e doenças de cunho psicológico como a depressão (PEREIRA *et al.*, 2020).

Um segundo ponto explanado no estudo, é que os sujeitos que vivenciam de forma mais elevada sua espiritualidade e religião tendem a viver com uma saúde de melhor qualidade e se adaptam melhor às situações e ambientes estressores. Dados semelhantes foram encontrados no estudo “Estratégias de Enfrentamento de Adultos Vítimas de Acidente Vascular Cerebral e sua Relação com o Ajustamento Psicológico”, citado anteriormente (PEREIRA *et al.*, 2020).

Também foi selecionada a pesquisa sobre o “Processo de enfrentamento do Acidente Vascular Cerebral por vitimizados adultos”, que utilizou a metodologia de revisão da literatura, onde foram selecionados trinta e três artigos com o objetivo de buscar os principais aspectos psicológicos relacionados à adaptação dos sujeitos vítimas do AVC (SANTOS, 2017).

Nesta pesquisa ficou evidenciado que as pessoas diante de uma situação aversiva como um pós Acidente Vascular Cerebral, podem buscar estratégias ligadas à emoção para lidar de forma mais cautelosa com os efeitos que repercutem em sofrimento físico e mental, utilizando inclusive a religião como assistência, amenizando assim sentimentos negativos. Além disso, a utilização da religião ainda atenua o medo de novos quadros de AVC, através das súplicas (SANTOS, 2017).



O estudo “Religião e espiritualidade de pacientes internados em uma clínica médica” tem como objetivo analisar a importância da religião e espiritualidade no processo de hospitalização. Ele utilizou como método a pesquisa exploratória, realizando a análise em um hospital onde participaram dez pacientes, sendo três deles vítimas de AVC.

Entre os resultados encontrados, 60% relataram que a religião e a espiritualidade ajudam no enfrentamento da hospitalização e que também proporcionam força durante esse período através de preces e orações diárias (CAIRES E JUNIOR, 2017).

Por fim, a pesquisa “A experiência da enfermidade na perspectiva de pessoas que sobreviveram ao Acidente Vascular Cerebral” realizou uma análise de dados qualitativos, onde participaram oito pessoas atendidas em um hospital geral, com o objetivo de compreender a experiência da enfermidade na perspectiva de pessoas que sobreviveram ao AVC.

Durante o estudo foi observado um sentimento de luto pelas perdas de funções motoras e pela falta de execução de atividades habituais da vida cotidiana, gerando sentimentos negativos como medo e inutilidade pela falta de independência permanente ou atual, encontrando na religião uma assistência durante a reabilitação (SILVA, 2015).

Segundo Silva (2015), apesar de muitas vezes a religião não ser capaz de intervir diretamente no curso da doença ou em aspectos de longevidade, ela tende a ser aplicada de forma positiva no propósito de obter uma melhor qualidade de vida.

Uma das características após o AVC é sua alta taxa de limitação quanto aos aspectos físicos e psicológicos, pois tende a deixar os sujeitos dependentes de outros, principalmente no primeiro momento. Esses fatores influenciam o indivíduo a buscar estratégias para enfrentar o momento mais delicado da doença (SANTOS, 2017). Por essas limitações, o Acidente Vascular Cerebral é considerado um evento bastante estressante e traumático, causando uma modificação drástica por um extenso período na vida das vítimas.

Para Reis e Faro (2019), como o AVC traz uma grande carga estressora, o indivíduo busca estratégias cognitivas e comportamentais para conseguir lidar com o evento. Estratégias de cunho disfuncional podem piorar o quadro de saúde física, assim como contribuir para o aparecimento de doenças psicológicas como depressão e ansiedade.

A depressão foi a mais recorrente entre os transtornos mentais após o Acidente Vascular Cerebral, principalmente em adultos, pois existe uma certa frustração em perceber a falta de recuperação em aspectos motores e cognitivos, causando o afastamento do trabalho e, conseqüentemente, da vida social, além de um declínio da vida financeira (SANTOS, 2017).

Um segundo transtorno recorrente é a ansiedade, porém diferente da depressão ela costuma ocorrer logo após o AVC. Sua principal causa é a percepção que a vítima tem sobre sua limitação, tendendo a ficar ainda mais ansiosa quando percebe que as sequelas podem durar muito ou não regredirem com o passar do tempo (SANTOS, 2017).

Nesse sentido, uma das intervenções mencionadas é a religião, utilizada como estratégia cognitiva para criar ou dar continuidade a uma atitude positiva diante do AVC, buscando esperança pela própria independência, evidenciada através de sentimentos de expectativa em relação à sua recuperação (SANTOS, 2017).

Também é mencionado no trabalho realizado com vinte e seis pessoas que sofreram AVC, em que os participantes citam que a religião e a comunidade religiosa funcionam como um apoio social para encontrarem força, e até são fatores de alegria para os dias difíceis de recuperação, através de visitas e orações dos colegas participantes do mesmo segmento religioso (REIS; FAROS, 2019).

Pereira *et al.* (2020) ainda menciona que a proximidade do indivíduo com a religião e a espiritualidade podem contribuir para a saúde emocional e física, amenizando o aparecimento de quadros depressivos, atenuando inclusive o risco de suicídio durante o desenvolvimento de uma doença.

Outro ponto que pode ser destacado é que existe uma relação entre a depressão causada por uma lesão localizada no cérebro na região frontal esquerda como consequência do AVC. Mais de 70% das vítimas apresentou essa lesão, fato que aumenta as chances de desenvolverem essa doença psicológica (PEREIRA *et al.*, 2020).

Silva (2015) afirma também que a religião ainda pode ser usada como uma fonte de esperança (fé) frente aos tratamentos incompletos, proporcionando ao indivíduo uma busca pela recuperação, mesmo sem a assistência ideal dos cuidados clínicos.

A dependência financeira, social e física causada pelas sequelas apresentadas após o AVC podem abalar de forma drástica a saúde emocional do indivíduo, mesmo sem acarretar doenças psicológicas como a depressão ou ansiedade (SILVA *et al.* 2016).

Silva *et al.* (2016) destaca sentimentos de fracasso e de incapacidade, gerando tristeza e falta de esperança na recuperação, diminuindo o interesse em atividades que até então eram interessantes e prazerosas. Porém, é percebido um desejo em buscar a independência quando o sujeito tem um suporte como a religião e espiritualidade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisar os trabalhos selecionados, é notória a relação entre a religião e a fase de recuperação das vítimas do AVC. As práticas religiosas podem favorecer o melhor enfrentamento das sequelas, melhorando a qualidade de vida, além de diminuir a evidência de doenças psicológicas como depressão e ansiedade.

Os estudos utilizaram metodologias diferentes, porém em todos foi possível evidenciar a influência da religião na vida das vítimas do Acidente Vascular Cerebral, sejam eles físicos ou psicológicos, no momento da internação ou na fase de recuperação.

O AVC produz uma extensa relação de sequelas e a queixa principal, que resulta em uma grande carga estressora para suas vítimas, é a limitação física e também cognitiva, que os deixam dependentes de outras pessoas. Uma das estratégias utilizadas para minimização dos efeitos é a religião, que proporciona grande efeito positivo para esse período.

Notou-se que as limitações advindas dos tratamentos médicos, a negligência para exames e a falta de apoio dos profissionais responsáveis durante a fase de recuperação deixam as vítimas inseguras e desesperançosas, levando-as a buscarem na religião apoio e segurança.

Outro aspecto notado foi que a perda financeira e de socialização após o AVC é um dos grandes causadores da depressão e ansiedade, e que a religião pode não só trazer esperança e sentimentos positivos, como também pode oferecer um apoio social, visto que a é partilhada por vários membros de uma comunidade.

Vale ressaltar que em um dos trabalhos foi exposta a relação entre uma lesão em uma área do cérebro causada pelo Acidente Vascular Cerebral e a decorrência de depressão, porém a religião também nesses casos apresentou um bom resultado em fornecer assistência.

Portanto, aos profissionais que atuam na área da saúde sugere-se um aprofundamento nos aspectos religiosos, pois tratam-se de componentes integrantes do indivíduo atendido, levando-os em consideração e destaque durante o atendimento e o tratamento.

Evidenciou-se a existência de um grande avanço na literatura sobre a relação entre a religião e as doenças, porém ainda há muito a ser discutido e aprofundado, principalmente em relação ao AVC e a outras doenças limitadoras, pois não foi encontrada vasta bibliografia sobre o assunto durante a pesquisa.

Durante o desenvolvimento deste trabalho foram encontradas dificuldades que colaboraram com uma certa limitação que precisa ser exposta, como a já citada escassez de trabalhos que relacionassem a religião à reabilitação de vítimas do AVC de forma direta, tendo sido mais comuns os relatos de sua atuação em vítimas de câncer, anemia falciforme e HIV.

Outra dificuldade encontrada foi a superficialidade com que os trabalhos sobre AVC relacionaram a religião aos benefícios encontrados no enfrentamento das sequelas pelas vítimas, focando em outras questões do indivíduo.

Outro ponto observado é que os trabalhos que envolvem o Acidente Vascular Cerebral e citam a religião, em sua grande maioria são realizados sob o olhar dos profissionais de enfermagem, o que acentua a necessidade de profissionais de outras áreas da saúde, principalmente da psicologia, explorarem esse tema. Outra dificuldade observada refere-se à religião ser exposta como se fosse a mesma coisa que a espiritualidade, o que exigiu cuidado em separar os dois aspectos durante o trabalho.

A escassez de trabalhos que demonstrem e destaquem dados mais específicos, como a idade, sexo, nível de escolaridade e renda mensal dos indivíduos estudados, não sendo possível realizar comparações eficazes sobre esses dados importantes e sua relação com a religião, também dificultaram o enriquecimento do estudo. Este é um dado preocupante, pois mesmo que sejam faixas etárias menos propensas ao acometimento do AVC, ainda ocorrem muitos casos, sendo necessário que haja atenção e estudo.

Apesar de todas as dificuldades expostas, o objetivo geral e também os específicos foram alcançados. Como aluna e futura psicóloga demonstro, através desse estudo, como a religião é um aspecto importante na vida e na recuperação das vítimas do AVC, compreendendo o processo psicológico decorrente dessa relação.

Ademais, destaco a importância de oferecer durante os atendimentos caminhos facilitadores para uma melhor qualidade de vida, conseqüentemente minimizando o sofrimento psicológico na reabilitação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. A prática da psicologia da saúde. **Revista da SBPH**, v. 14, n. 2, p. 183-202, 2011.

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. Psicólogo da saúde no hospital geral: um estudo sobre a atividade e a formação do psicólogo hospitalar no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, p. 754-767, 2015.

ALVES, Daniel Gonçalves. O desenvolvimento religioso e espiritual e a saúde mental: discutindo alguns de seus significados. **Conexões Psi**, v. 3, n. 1, p. 72-100, 2015.

BITTAR, O. J. N. V. Saúde: medir para conhecer. **Isosaki Metal, organizador**. Indicadores de Nutrição hospitalar. São Paulo: Atheneu, p. 1-12, 2015..

BORGES, Moema da Silva; SANTOS, Marília Borges Couto; PINHEIRO, Tiago Gomes. Representações sociais sobre religião e espiritualidade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 68, p. 609-616, 2015.

BRASIL. Lei n. 9.982, de 14 de julho de 2000. Dispõe sobre a prestação de assistência religiosa nas entidades hospitalares públicas e privadas, bem como nos estabelecimentos prisionais civis e militares. Diário Oficial da República Federativa da União, 2000.

BRASIL. Lei n. 5005/20. Garante aos pacientes internados em estabelecimentos de saúde o acesso à assistência espiritual e religiosa. Câmara dos Deputados, 2020.

BROTTO, Aline Maran; GUIMARÃES, Ana Beatriz Pedriali. A influência da família no tratamento de pacientes com doenças crônicas. **Psicologia Hospitalar**, v. 15, n. 1, p. 43-68, 2017.

BUSS, Paulo Marchiori et al. Promoção da saúde e qualidade de vida: uma perspectiva histórica ao longo dos últimos 40 anos (1980-2020). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4723-4735, 2020.

CARVALHO, Vergílio Pereira et al. Perfil clínico-epidemiológico de pacientes com acidente vascular cerebral. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 13, n. 15, 2019.

CENCI, Rosangela. **Religião e Sociedade**, 2020.

CRES, Marli Rosangela et al. Religiosidade e estilo de vida de uma população adulta. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 28, n. 2, p. 240-250, 2015.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Por uma concepção do Estado Laico. **Embates em torno do Estado Laico**, p. 41, 2018.

DANTAS, Margarida Maria Florêncio *et al.* **A experiência da palição: um olhar a partir do modo próprio de subjetivar-se diante do adoecer**, 2015.

DA SILVA THIENGO, Priscila Cristina *et al.* Espiritualidade e religiosidade no cuidado em saúde: revisão integrativa. **Cogitare Enfermagem**, v. 24, 2019.

DAS MECÊS, Patricia Araujo. Espiritualidade na construção da resiliência de familiares dos pacientes internados na Unidade de Terapia Intensiva diante dos desconfortos vivenciados. **Anais dos Seminários de Iniciação Científica**, n. 24, 2020.

DE MORAIS, Résia Silva *et al.* O Setting Terapêutico na realidade do Psicólogo Hospitalar. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 3, n. 2, p. 53-61, 2017.

DE OLIVEIRA, Priscila Flávio; QUELUZ, Francine Náthalie Ferraresi Rodrigues. A espiritualidade no enfrentamento do câncer. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 8, n. 2, p. 142-155, 2016.

DE OLIVEIRA VALENTE, Tânia Cristina *et al.* Espiritualidade, Religiosidade e Saúde: velhos debates, novas perspectivas. **Interações**, v. 11, n. 20, p. 85-97, 2016.

DE PAIVA, Geraldo José. Psicologia acadêmica da religião no Brasil: história, resultados e perspectivas. **Revista Pistis Praxis**, v. 9, n. 1, p. 31-48, 2017.

DIAS, Maria de Sousa Dinis. **AVC criptogênico**. 2018. Tese de Doutorado.

DOS SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas *et al.* Religião e espiritualidade de pacientes internados em uma clínica médica. IN **TOTUM-Periódico de Cadernos de Resumos e Anais da Faculdade Unida de Vitória**, v. 4, n. 2, 2017.

FORTI, Samanta; SERBENA, Carlos Augusto; SCADUTO, Alessandro Antonio. Mensuração da espiritualidade/religiosidade em saúde no Brasil: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1463-1474, 2020.

FREIRE, Maria Eliane Moreira *et al.* Assistência espiritual e religiosa a pacientes com câncer no contexto hospitalar. **Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental online**, v. 9, n. 2, p. 356-362, 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GERMANO, Marcelo Gomes; PINTO, José Antônio Ferreira. Ciência e religião: conflito silencioso, debate silenciado. **Revista Temas em Educação**, v. 29, n. 3, 2020.

GOBATTO, Caroline Amado; ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. Religiosidade e espiritualidade em oncologia: concepções de profissionais da saúde. **Psicologia USP**, v. 24, n. 1, p. 11-34, 2013.

GOMES, Eduardo Tavares; SMMS, Bezerra. Espiritualidade, integralidade, humanização e transformação paradigmática no campo da saúde no Brasil. **Revista Enfermagem Digital Cuidado e Promoção da Saúde**, v. 5, n. 1, p. 65-69, 2020.

GOMES, Maiara Vitor *et al.* À espera de um milagre: espiritualidade/religiosidade no enfrentamento da doença falciforme. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, p. 1554-1561, 2019.

GONÇALVES, Juliane Piasseschi de Bernardin; VALLADA, Homero. Intervenções religiosas e espirituais em saúde física. **HU rev**, p. 491-497, 2018.

GUALBERTO, Antonio Junior de Vasconcelos. Psicologia da saúde e espiritualidade: um diálogo possível e necessário na compreensão integral do ser humano, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) 2021. HENRIQUES, Moisés Santos. Acidente vascular cerebral no adulto jovem: a realidade num centro de reabilitação. **Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Física e de Reabilitação**, v. 27, p. 9-13, 2015.

INOUE, Thais Martins; VECINA, Marion Vecina Arcuri. Espiritualidade e/ou religiosidade e saúde: uma revisão de literatura. **J Health Sci Inst [Internet]**, v. 35, n. 2, p. 127-30, 2017.

LEITE, Iuri da Costa et al. Carga de doença no Brasil e suas regiões, 2008. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, p. 1551-1564, 2015.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007.

MARTELLI, Anderson. A influência da religiosidade e da fé na adesão do tratamento e melhora dos sintomas de pacientes portadores de doenças. **Revista Teológica Doxia**, v. 3, n. 5, 2018.

MARTINS, Maria de Fátima Moreira *et al.* **Estudos de revisão de literatura**. 2018.

MENDES, Luís Miguel Simões. **Impacto na qualidade de vida no doente com AVC**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra.

MORÉ, Carmen. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. **CIAIQ2015**, v. 3, 2015.

NANTES, Arilço Chaves. A religiosidade e a espiritualidade como promotoras de saúde mental. **Comunidade Eclesial**, p. 16, 2020.

NOGUEIRA, Iannic Costa. Eventos religiosos como promotores de desenvolvimento regional: o caso de Juazeiro do Norte. 2013.

PIEPER, Frederico. Religião: limites e horizontes de um conceito. **Estudos de religião**, v. 33, n. 1, p. 5-35, 2019.

PINHEIRO BEZERRA, Italla Maria; ESPOSITO SORPRESO, Isabel Cristina. Conceitos de saúde e movimentos de promoção da saúde em busca da reorientação de práticas. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 26, n. 1, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo de luto. **Psicologia-Portal do psicólogo**, 2016.

REIS, Catiel; FARO, André. Estratégias de Enfrentamento de Adultos Vítimas de Acidente Vascular Cerebral e sua Relação com o Ajustamento Psicológico. **Psicogente**, v. 23, n. 43, p. 1-18, 2020.



REIS, Catiele; FARO, André. Repercussões psicológicas após um acidente vascular cerebral (AVC): uma revisão de literatura. **Psic Saúde Doenças**, v. 20, n. 1, p. 16-32, 2019.

RIBEIRO, Gabriella Santos; CAMPOS, Cristiane Soares; ANJOS, Anna Claudia Yokoyama dos. Espiritualidade e religião como recursos para o enfrentamento do câncer de mama. **Rev. pesquis. cuid. fundam.(Online)**, p. 849-856, 2019.

ROCHA, José Rodrigues; MONTEIRO, Lara Valéria Barros. A dimensão espiritual na compreensão do fenômeno saúde-doença na psicologia da saúde. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-ALAGOAS**, v. 4, n. 2, p. 15, 2017.

SÁ, Florinda Laura Ferreira Rodrigues Galinha de; BOTELHO, Maria Antônia Rebelo; HENRIQUES, Maria Adriana. Cuidar da família da pessoa em situação crítica. **Pensar enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 31-46, 2015.

SAMPAIO PEREIRA, Andressa *et al.* Descrição do *coping* religioso/espiritual de pacientes neurológicos e sua correlação com a capacidade funcional e depressão. **Fisioterapia Brasil**, v. 21, n. 3, 2020.

SANTOS, Catiele dos Reis *et al.* **Processo de enfrentamento do acidente vascular cerebral por vitimizados adultos**, 2017.

SILVA, Gabriela Cruz Noronha *et al.* Coping religioso/espiritual e a angústia espiritual em pessoas com câncer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, p. 1534-1540, 2019.

SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. Religião e política no Brasil. **Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos**, n. 64, p. 223-256, 2017.

VALE, Carla Cristina Soares de Oliveira do; LÍBERO, Ana Carolina Abreu. A espiritualidade que habita o CTI. **Mental**, v. 11, n. 21, p. 321-338, 2017.

## CAPÍTULO 7

### SÍNDROME DE BURNOUT E O IMPACTO DA PANDEMIA COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

DOI 10.47402/ed.ep.c202218997372

Maria Helena do Nascimento Cordeiro  
Maria Gorete Sarmento da Silva  
Juliana Linhares Cavalcanti de Alencar  
Adriana de Alencar Gomes Pinheiro

#### INTRODUÇÃO

Diante de uma pandemia global, ocasionada pelo novo coronavírus, foi perceptível o grande aumento de problemas na saúde física e mental dos profissionais de saúde que estão na linha de frente. O esgotamento profissional se exacerba nesse cenário pandêmico, devido à jornada excessiva de trabalho, ocasionada pelo crescente número de infectados no mundo. Sequelas dessa realidade puderam ser vistas tanto na saúde física, quanto mental. O sistema de saúde dos países afetados pela pandemia decaiu e os profissionais de saúde estão conseqüentemente mais exaustos em virtude das longas horas de trabalho e do distanciamento social.

Como consequência, um aumento significativo de casos de Síndrome de *Burnout* - SB<sup>1</sup> tem sido percebido entre os profissionais de saúde em meio à pandemia de Covid-19. Nesse sentido, a presente pesquisa se propõe a descrever a rotina dos profissionais de saúde no contexto em fala e como essa realidade contribui para o surgimento da Síndrome de *Burnout*, avaliando também os impactos dessa condição tanto na vida pessoal, quanto profissional do grupo em estudo.

Assim, esta análise possui como abordagem a pesquisa exploratória, tendo em vista que busca proporcionar maior familiaridade com o problema, de maneira que se torne mais compreensível para fins interventivos (GIL, 2019). A abordagem é classificada como qualitativa, com tipo de pesquisa bibliográfica, a qual estuda materiais já publicados em relação ao tema, a partir do meio impresso ou digital, como:

---

<sup>1</sup> Para se evitar repetições da doença Síndrome de Burnout, no decorrer deste trabalho, será adotada a sigla SB para se referir a patologia, que está relacionada às letras iniciais da doença em estudo.

jornais, publicações avulsas, livros, monografias, revistas, artigos, produções orais, dentre outros (MARCONI; LAKATOS, 2017).

O objetivo geral desta pesquisa é realizar um estudo capaz de identificar os principais desafios que tanto afetam os profissionais de saúde no atual contexto pandêmico e que são desencadeadores para a Síndrome de *Burnout*. Quanto aos objetivos específicos, busca-se compreender o papel dos profissionais de saúde e apresentar estratégias para o enfrentamento da Síndrome de *Burnout* na classe médica.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, estruturando-se da seguinte forma: Capítulo 1: A pandemia da Covid-19; Capítulo 2: Síndrome de *Burnout* e a pandemia da Covid-19; Capítulo 3: Profissionais de Saúde e Contexto Pandêmico; Capítulo 4: Fatores potencializadores da Síndrome de *Burnout* (SB) nos profissionais de saúde e implicações na qualidade de vida; e Capítulo: Estratégias de enfrentamento da Síndrome de *Burnout* nos profissionais de Saúde.

Esta pesquisa possui relevância por apresentar aos interessados pelo tema estratégias de prevenção e cuidados relacionados ao SB nos profissionais de saúde, visto que o ambiente hospitalar é fonte constante de estressores que podem comprometer a vida da classe médica, tanto na esfera pessoal quanto profissional. Desse modo, considera-se imprescindível refletir e desenvolver estudos a respeito dessa temática, para melhor compreender os fatores que contribuem para o processo saúde/doença dos profissionais de psicologia em instituições hospitalares, visando encontrar métodos que previnam esse agravo.

## **1 A PANDEMIA DA COVID-19**

No final de 2019, o mundo passou por grandes mudanças quando foi surpreendido pela notícia do surgimento do novo coronavírus (Sars-Cov-2), causador da doença COVID-19, cujo primeiro registro foi em Wuhan, na China. No o início de 2020, as autoridades chinesas emitiram um comunicado à Organização Mundial da Saúde (OMS), anunciando que a proporção que a patologia atingia classificava o contexto como sendo uma pandemia, devido à sua alta infectividade e taxa de mortalidade (LOPES *et al.*, 2021).

Na América Latina, a Covid-19 chegou mais tarde que em outros continentes. No Brasil, o primeiro caso registrado ocorreu em 25 de fevereiro de 2020, mas atualmente possui o maior número de casos e óbitos em relação aos demais países, e esses números podem estar subestimados porque o país não possui testagem suficiente (PRADO *et al.*, 2020).

Barroso *et al.* (2020) elaboraram um mapa mostrando o índice de risco de contaminação do vírus a que os trabalhadores brasileiros estão expostos no ambiente laboral. O risco de infecção varia de 97% a 100% para trabalhadores de saúde, que vão de técnicos de higiene bucal aos técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos.

As agências de saúde pública orientam o distanciamento social, sugerindo que as pessoas fiquem em casa e se movam apenas durante momentos criticamente importantes. “O isolamento social é um estado em que uma pessoa tem pouco contato com os outros, contato social mínimo e dificuldade em manter a qualidade dos relacionamentos” (RODRIGUES *et al.*, 2020).

A novidade das decisões destinadas relacionadas à quarentena em massa não é necessariamente imprevisível, como é evidenciado pela possibilidade de a China ter desenvolvido o Sars-Cov a partir de mutações naturais ou artificiais, justificada pela necessidade de se preparar para o novo vírus. O historiador britânico Eric Hobsbawm apontou em sua *magnum opus* que nomear o passado como presente, despercebido em sua emergência e profunda transformação social, é o tema do efeito futuro (FILHO, PINHEIRO & QUEIROZ, 2021).

Sem plano estratégico pronto para a pandemia do coronavírus, tudo se torna novo. Recomendações da OMS, do Ministério da Saúde do Brasil, do Centro de Doenças, do Controle e Prevenção (CDC, EUA) e outras recomendações de Organizações Nacionais e Internacionais têm sugerido a aplicação do Plano de Emergência da Gripe e suas ferramentas, devido a questões clínicas e diferenças epidemiológicas entre esses vírus respiratórios. O plano de contingência prevê a adição de acordo com a gravidade da epidemia (FREITAS *et al.*, 2020).

O novo coronavírus teve esse efeito, mas em um ritmo muito mais rápido, provavelmente devido à tecnologia digital da informação e comunicação (TDIC), pois

se pode perceber que o mundo estava anteriormente despreparado para sociedade, cultura, educação e economia por efeitos deste vírus. Assim, a nação é intrinsecamente dependente do desenvolvimento de avanços científicos e tecnológicos concebidos e originados por universidades e instituições de pesquisa (FILHO, PINHEIRO & QUEIROZ, 2021).

Diante dessa pandemia e da alta transmissão e mortalidade, os profissionais de saúde diretamente associados aos pacientes infectados e envolvidos no diagnóstico geral, tratamento e cuidados apresentam maiores índices de sofrimento psíquico, como medo, ansiedade, depressão, angústia, sono prejudicado e outros sentimentos associados com exposição ao vírus. Isso é demonstrado em artigos sobre a saúde mental dos profissionais de saúde chineses descobertos nesta pesquisa (PRADO *et al.*, 2020).

Nesses estudos, a taxa dos profissionais de saúde que experimentaram estresse moderado a grave é de 59%; de 12,7% a 50,4% experimentaram depressão; e de 20,1% a 44,6% experimentaram ansiedade. Além disso, a população do estudo também apresentou níveis mais altos de angústia e medo, bem como distúrbios do sono (PRADO *et al.*, 2020).

De acordo com o Ministério da Saúde (2020), no Boletim Epidemiológico Especial do Brasil publicado em 16 de maio, 199.768 profissionais de saúde registraram suspeita de COVID-19 no e-SUS Notifica, um total de 31.790 (15,9%) foi identificado; sendo 53.677 (26,9%) descartados por não atenderem aos critérios clínicos e laboratoriais. Da pesquisa, um total de 114.301 (57,2%) ainda estava em investigação.

A categoria profissional com maior número de registros no sistema é o técnico ou auxiliar de enfermagem (68.250 ou 34,2%); em seguida, o enfermeiro (33.733 ou 16,9%), médico (26.546 ou 13,3%), recepcionista (8.610 ou 4,3%) e os classificados como outros tipos de profissionais de saúde (5.013 ou 2,5%) (BRASIL, 2020).

Esta situação constitui uma emergência de saúde pública e requer protocolo políticas administrativas e estratégias de enfrentamento para lidar com questões, como por exemplo, a desigualdade social, como por exemplo, garantir o acesso dos cidadãos aos sistemas saúde e condições de autocuidado afinal, não há, até o presente momento,

uma forma eficaz de cura para a COVID-19. No entanto, as vacinas são uma ferramenta essencial, pois garantem imunidade na população, reduzir a infecção e a propagação do vírus (FREITAS, 2021).

No Brasil, por exemplo, até agosto de 2021, mais de 179 milhões de doses da vacina haviam sido administradas. De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, vale para todo o território nacional. No entanto, a mutação viral do Sars-Cov-2 atraiu nova atenção global, devido ao aumento da infectividade e reinfeção da nova cepa, medidas de controle social, como distanciamento social, são necessárias, quarentena e uso de máscaras de proteção. Assim, o cenário de pandemia representa um desafio de saúde (FREITAS, 2021).

## **2 FATORES POTENCIALIZADORES DA SÍNDROME DE *BURNOUT* (SB) NOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE E IMPLICAÇÕES NA QUALIDADE DE VIDA DOS MESMOS**

A exaustão, o estresse e problemas relacionados ao sono vêm sendo destacados como fatores que potencializam a SB devido a altas horas de trabalho durante o serviço de enfrentamento à pandemia. Essa realidade tem afetado a qualidade de vida dos profissionais em fala.

A Síndrome de *Burnout*, como já explanado anteriormente, é um grupo de sintomas físicos e emocionais causados por esgotamento crônico, caracterizado por altos níveis de estresse e baixa realização e despersonalização, devido à exposição pessoal a essa condição, necessidades físicas, mentais e emocionais extremas e contínuas (VIEIRA & RUSSO, 2019).

Em relação aos subitens do tripé que compõem o SB, a exaustão emocional refere-se à sensação de cansaço em que não há energia emocional suficiente. Nesta síndrome, a despersonalização inclui alienação das relações com o paciente e colegas de trabalho e baixa empatia pelos outros; a inutilidade ocupacional é caracterizada por sentimentos de produtividade insuficiente e declínios relacionados ao trabalho na autoestima.

A sobrecarga de trabalho é um potencializador expressivo, apontado por desencadear o *Burnout* devido ao: acúmulo dos afazeres individuais e de outros

colaboradores, número reduzido funcionários, especificidade de tarefas a serem realizadas em período curto de tempo, e fatores que podem transcender o contexto profissional, tornando o trabalho desgastante (KIELING *et al.*, 2013) (MONTEIRO *et al.*, 2018) (SÁ *et al.*, 2014 apud SANTOS, 2021).

Além de realizar um grande número de atividades, esses profissionais lidam com repetidas situações de conflito. Essas situações críticas podem ocorrer no trabalho, seja em emergências ou quando faltam suprimentos, como: camas, lençóis e materiais de higiene para atendimento ao paciente.

Nesse contexto, a SB é um problema de saúde pública que pode acarretar absenteísmo e licenças médicas, além de impactar na qualidade, produtividade e rentabilidade dos serviços prestados, incorrendo em custos para o empregador.

De acordo com Moreira (2018), as ocupações que exigem altos níveis de estresse diário são mais suscetíveis à SB, principalmente entre os profissionais de saúde. Especialmente na área médica, a presença desta síndrome é uma realidade, estando presente da seguinte forma: 1 em cada 2 médicos; um em cada três é gravemente afetado; e um em cada 10, possui aspecto irreversível de recuperação. De acordo com o Conselho Federal de Medicina, em uma amostra de 7.700 profissionais de todos os estados, 23,1% dos médicos no Brasil possuem graduação avançada.

O efeito da fadiga ocupacional na qualidade de vida dos profissionais pode ter um impacto na saúde física e mental. A vulnerabilidade desses profissionais está relacionada à biocarga, ao campo psicológico, fisiológico, químico, físico e mecânico. Esses cargos têm um certo grau de maior morbidade, dependendo das funções desempenhadas em ambiente hospitalar (PINTANELA *et al.*, 2020).

A sobrecarga de trabalho é um importante potencializador, apontando que o Burnout pode ser causado pelo acúmulo de tarefas, pela redução do número de funcionários, tarefas específicas a serem concluídas em um curto período de tempo e fatores que podem transcender o contexto profissional, deixando-o exaustivo (KIELING *et al.*, 2013) (MONTEIRO *et al.*, 2018) (SÁ *et al.*, 2014).

Além de desempenharem um grande número de atividades, esses profissionais lidam diariamente e com frequência com situações conflituosas. Situações críticas podem ocorrer no trabalho, seja em momentos de emergência ou em períodos de falta de materiais essenciais. Diante dessas situações, esses profissionais permanecem vigilantes e, além das complexidades do atendimento ao paciente, lidam com a morte e o sofrimento dos familiares, afetando física e mentalmente os trabalhadores (FRANÇA *et al.*, 2013) (KIELING *et al.*, 2013).

Em primeiro lugar, é constatado que a sobrecarga de trabalho, lida diária com situações críticas, aspectos relacionados à assistência ao paciente e acompanhante, funcionamento organizacional, pressão no trabalho, ausência e/ou falta de reparo de materiais, relacionamento interpessoal, condição precária do serviço hospitalar, cobrança pessoal e de rendimento, cargas extensas e cansativas de trabalho são agentes potencializadores da SB (SANTOS, 2021).

Santos (2021) diz que esses aspectos podem potencializar e/ou causar sintomas físicos como apneia do sono, dor de cabeça, dores no corpo, taquicardia, enxaquecas, dores de cabeça e náuseas, e sintomas psicológicos como angústia, ansiedade, auto-exigência, esgotamento físico e mental, estresse, humor cansado e isolado. Esses são os principais sinais e sintomas de um profissional de enfermagem que apresenta um quadro patológico de *Burnout*.

## **2.1 Diagnóstico e tratamento da Síndrome de *Burnout***

O diagnóstico de *Burnout* deve incorporar a análise de todas as suas dimensões, é necessário realizar entrevistas clínicas e envolver outros métodos de avaliação psicológica para confirmar o diagnóstico e descartar problemas que possam interferir na avaliação dos sintomas, assim como a capacidade de analisar as consequências do *Burnout* e os níveis de incapacidade de exercício para atividades de trabalho. O *Burnout* é facilmente confundido com outros transtornos mentais devido a semelhanças nos sintomas, como a depressão, é importante enfatizar a importância de estabelecer diagnóstico diferencial adequado.

As instituições devem estar atentas ao risco dos profissionais desenvolverem a doença em análise e desenvolver respostas para reduzir os problemas no ambiente de trabalho, minimizar as dificuldades, apoiar os trabalhadores e proporcionar-lhes boas condições de vida dentro e fora do ambiente de trabalho (MORENO *et al.*, 2010). Nesse



contexto, é importante que os profissionais estabeleçam e vivenciem um ambiente de apoio dentro da equipe para que possam enfrentar e superar as tensões da prática profissional (CAMPOS, 2011).

Olhando para trás no processo de saúde e surgimento de doença, perceberemos que esta é, por vezes, silenciosa, sendo percebida que a saúde se perdeu quando já diante da enfermidade. No caso de *Burnout* e é importante ouvir a voz do próprio corpo para garantir uma saúde de alta qualidade, pois a linha entre saúde e doença é tênue. São vários os fatores que contribuem para o adoecimento, como: condições em que as atividades são realizadas, horas trabalhadas, satisfação ocupacional, relações ocupacionais e níveis de estresse diário (ALONSO, 2014) (SILVA *et al.*, 2015 apud Lima, 2012).

É salutar detectar esses fatores precocemente a partir de medidas preventivas. Como medida preventiva importante, importa estabelecer metas para prevenir problemas de saúde, pois a partir delas será possível escolher as ideias a serem tomadas, determinando os recursos necessários para implementação.

O diagnóstico da Síndrome de *Burnout* é feito por um especialista após uma análise clínica do paciente. Psiquiatras e psicólogos são profissionais de saúde que identificam o problema e orientam a melhor forma de tratamento caso a caso (BRASIL, 2020). Muitas pessoas não procuram ajuda médica porque não conhecem ou reconhecem todos os sintomas, ignorando a situação, sem compreender a seriedade do que está acontecendo. Amigos próximos e familiares podem ser bons adereços no início, ajudando as pessoas a identificar os sinais de que precisam de ajuda.

Dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) está apta a oferecer gratuitamente todo o tratamento, desde o diagnóstico até a medicação. Os centros de atenção psicossocial, que constituem um dos serviços da RAPS, são os locais mais adequados.

Segundo o Ministério de Saúde Brasileiro, o tratamento da Síndrome de *Burnout* é realizado com psicoterapia, mas também pode utilizar antidepressivo e/ou medicamentos ansiolíticos. O tratamento geralmente tem efeito entre um e três meses, mas pode durar mais, dependendo da situação. Mudanças nas condições de trabalho,

principalmente mudanças de hábitos e estilos de vida como atividade física regular e exercícios de relaxamento devem ser uma rotina para alívio do estresse e controle dos sintomas da doença. Após um diagnóstico médico, a pessoa é fortemente aconselhada a tirar uma folga e se envolver em atividades de lazer com pessoas próximas - amigos, familiares, cônjuge, etc.

Visando prevenir e tratar a síndrome dos trabalhadores, é importante que as empresas e os funcionários entendam o verdadeiro impacto da doença, os aspectos das atividades de trabalho e suas vidas pessoais. Logo, é importante a mudança na organização para reduzir os estressores, melhorar as relações interpessoais, problemas como capacidade de diálogo e autonomia profissional entre equipes. Nos casos mais graves, a pessoa pode desenvolver depressão, o que geralmente indica a necessidade de internação para avaliação detalhada e possível intervenção médica.

Após evidências científicas de que as equipes de saúde estão sofrendo sofrimento psíquico devido à pandemia de Covid-19, reconhece-se a importância do tratamento psicológico ou psiquiátrico para essa população, pois o cuidado em saúde mental beneficia o desempenho do paciente. Quando os profissionais enfrentam a doença o seu potencial de atendimento é reduzido e as chances de afastamento, transmissão, morte e consequências após esta crise pandêmica aumentam (PRADO *et al*, 2020).

Kang L. *et al.* (2020) mostra que entre todos os profissionais de saúde, o número equivalente a 36,3% recebeu materiais psicológicos e 50,4% recebeu ajuda psicológica por meio da mídia. Ainda, desses houve 17,5% de participantes de aconselhamento psicológico em grupo. Médicos e enfermeiros com baixos escores de ansiedade e depressão preferiram habilidades que ajudam a reduzir o sofrimento psicológico de outras pessoas, enquanto médicos e enfermeiros com ansiedade e depressão de moderada a grave queriam adquirir habilidades de autoajuda, mostrando um desejo mais urgente de buscar ajuda de outras psicoterapias ou ajuda psiquiátrica.

### 3 ESTRATÉGIAS ORGANIZACIONAIS DE ENFRENTAMENTO DA SÍNDROME DE *BURNOUT* NOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Devido ao crescimento da tecnologia, podemos perceber como está sendo possível o crescimento de medidas de estratégias de enfrentamento à SB, como as estratégias combinadas, estratégias individuais e estratégias organizacionais.

Os avanços tecnológicos trouxeram grandes mudanças no cotidiano dos trabalhadores, gerando demanda por profissionais cada vez mais qualificados, especializados no mercado de trabalho. Esta situação cria tensão, medo e estresse nos profissionais, que por sua vez precisam realizar diversas atividades para atender a esses requisitos, afetando a qualidade de vida e o desempenho no trabalho.

Quando o estresse ocupacional excede o nível de adaptação e entra em um estado um pouco mais adiante, há uma série de sintomas psicológicos, físicos e comportamentais que interferem diretamente na capacidade para o trabalho, chamados Síndrome de *Burnout*. Atualmente qualquer grupo ocupacional pode sofrer da síndrome, mas a maioria dos estudos concentra-se em ocupações identificadas como mais vulneráveis a doenças ocupacionais organizadas por trabalho, como o público-alvo desta pesquisa: os profissionais da Saúde.

É importante detectar os fatores precocemente, tomar medidas preventivas (AWA, PLAUMANN & WALTER, 2010) e estabelecer metas para prevenir problemas de saúde, a fim de escolher os cuidados a serem tomados através de recursos necessários para a implementação destas (EVANS, 1985; TAUILL, 1998).

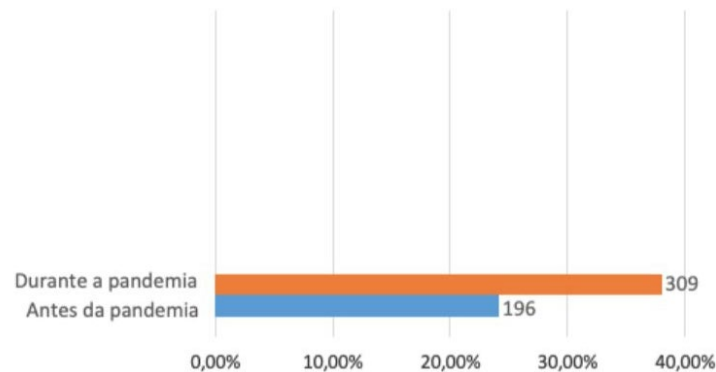
Estratégias para lidar com a síndrome variam de acordo com o objetivo desejado, e inclui intervenções centradas na pessoa, como baseado em habilidades comportamentais e cognitivas de enfrentamento, meditação, educação em saúde e atividades física; nas relações indivíduo-organizacional, incluindo ações para melhorar a comunicação e o trabalho em equipe, em uma organização, como treinamento e mudanças nas condições físicas e ambientais, combinadas com duas ou mais intervenções de intervenções com diferentes prioridades.

É sugerido para o tratamento da referida síndrome Terapia Cognitiva Comportamental, psicoterapia em grupo ou individual, treinamento de habilidades e

sessões de treinamento destinadas a mudar atitudes podem ajudar a melhorar a síndrome (LIMA, 2021).

Sobre esse tratamento, estudos mostram que houve uma mudança na realização antes e durante a pandemia, como de pode ver no Gráfico 2 abaixo:

**Gráfico 1:** Índice comparativo de pessoas que recebiam tratamento psicológico antes e durante da pandemia.



**Fonte:** Marques (2022).

A maioria das estratégias de prevenção e tratamento de *Burnout* presume que a fonte do *Burnout* é o funcionário individual, não um ambiente de trabalho disfuncional. Neste caso é importante incluir as atividades, aumentar a autoconsciência profissional, aumentar sua resiliência e engajamento com o trabalho e profissão.

As intervenções organizacionais ou combinadas são mais adequadas para ambientes com estressores altamente variáveis, que devem ser detalhadas de acordo com as necessidades individuais de quem é acometido pela síndrome. Ajustes ambientais devem ser pensados para reduzir eventos adversos e melhorar o nível organizacional das respostas individuais ao ambiente de trabalho.

Projetos voltados para o ambiente ocupacional destacam a necessidade de mudar o ambiente em que as atividades são realizadas, principalmente em ambientes organizacionais como ambiente de trabalho, pois nele se concentra o fluxo de trabalho. Assim, realizar intervenções relacionadas à organização, revisar processos, alocar períodos de descanso adequados, supervisionar como suporte aos trabalhadores e mudanças nos estilos de liderança e direção são algumas ações plausíveis.

Quando o trabalho é organizado de forma rígida, focando apenas no aspecto econômico, o resultado será um descompasso, uma incompatibilidade entre os trabalhadores e o processo de trabalho, empobrecendo a versatilidade mental dos profissionais e abrindo a possibilidade de descompensação da saúde mental a rigidez dos processos institucionais e os profissionais estão sujeitos às demandas que podem gerar insatisfação e ansiedade, que pode impactar nas relações sociais e fazer com que sejam excluídas socialmente.

A rigidez dos processos institucionais e as exigências que profissionais são submetidos, estão sujeitos a demandas que podem gerar insatisfação e ansiedade, que pode impactar nas relações sociais e fazer com que sejam excluídas socialmente. Para atender às exigências da organização, os profissionais devem se adequar à forma de trabalhar e, para isso, a organização também precisa ser flexível para facilitar esse processo (MORENO *et al.*, 2011).

Vários especialistas salientaram a necessidade de treinar profissionais durante o processo. Logo, uma educação permanente é uma boa medida. Alguns autores descrevem os riscos psicossociais relacionados ao trabalho, como falta de preparo e/ou treinamento e alegações de sobrecarga de funções, longas jornadas de trabalho, conflito no trabalho em equipe, dificuldade de coordenação. Trabalho e familiares, recursos humanos e materiais insuficientes são propícios ao desenvolvimento da síndrome de *Burnout*.

Desta forma, existe uma forma de trabalhar e as organizações precisam ser revisadas para se propor implementação e promoção de bem-estar com a finalidade de prevenir o surgimento de doenças, como medidas de cultura institucional às condições de trabalho, recursos humanos adequados, disponibilidade de materiais, autonomia, participação na tomada de decisões, liderança aberta às demandas dos trabalhadores, liderança exercendo autoridade posicional e não autoridade posicional. A implementação de planejamento estratégico que orienta as metas da agência, alocando a equipe onde melhor se adapta às circunstâncias individuais, conduz satisfatoriamente as atividades de solução de conflitos de forma imparcial e justa, além

de estimular os trabalhadores que recebem abono salarial a investir em sua formação profissional (MORENO, 2011).

### 3.1 Estratégias Individuais

Um plano focado em respostas individuais consiste basicamente na aprendizagem do profissional, em estratégias de enfrentamento para se adaptar aos estressores e tentar evitar reações negativas associadas a efeitos estressantes. Evidencia-se que os profissionais de saúde, embora exaustos pelas relações de trabalho, dão pouca atenção à sua qualidade de vida e saúde mental, ignorando suas necessidades e recursos que podem ser usados para melhorar sua vida profissional e bem-estar pessoal.

Em termos de intervenções, tanto em grupo como individual, a psicoterapia pode ajudar a melhorar a capacidade emocional. Em muitos cursos de psicoterapia individual, o processamento emocional deve ser o tópico central, e melhorar a capacidade emocional é o objetivo central. Além disso, os pacientes receberam meditação de atenção plena, demonstrando maior resiliência a estímulos emocionais intensos (AFTANAS e GOLOCHEIKINE, 2001 apud LIMA 2021).

Portanto, é importante que se identifique melhor as emoções e regulação do estado de emoções negativas ou desagradáveis, bem como a prática de atenção plena, as quais podem levar a um aumento da competência emocional em pacientes. Autoconfiança, análise de emoções e modificação de emoções podem ser melhoradas em maior grau se o tratamento para regulação de emoções for intensificado (PALLICH *et al.*, 2020).

No âmbito pessoal, é importante diagnosticar a gravidade do *Burnout*, como estressores do trabalho e trabalho extra e desenho de um plano de tratamento personalizado. Isso pode envolver atividades de autocuidado, psicoterapia, práticas alternativas complementares e aulas destinadas a ajudar com estressores.

Desenvolver hábitos de vida saudáveis, como exercícios regulares e um bom sono, manter uma alimentação equilibrada e desfrutar do lazer podem abater os efeitos do estresse ocupacional. Essas medidas podem evitar o início dos sintomas,

oferecendo fuga e relação pessoal com o estresse diário no ambiente de trabalho. Além disso, trabalhadores que se encontram em perfeitas condições, poderão ser mais produtivos se estiverem em harmonia física e mental.

### **3.2 Estratégias combinadas**

Projetos que se concentram em ambientes profissionais e interações pessoais visam entender o Burnout como resultado de relacionamentos sujeitos e ambientes de trabalho, demonstrando de forma abrangente as mudanças nas condições de trabalho, percepções dos trabalhadores e estilos de enfrentamento em situações estressantes. Boas relações sociais no trabalho podem ajudar a prevenir o desenvolvimento da síndrome de *Burnout*. É importante desenvolver medidas preventivas, como reuniões de equipe para discutir e refletir sobre os problemas. Recomenda-se a realização de palestras/ programas para conscientizar os profissionais sobre os riscos que enfrentam e identificar manifestações da síndrome (MORENO *et. al.*, 2011)

Estudo fundamentado ao propor um modelo teórico de psicopatologia do trabalho que emprega uma estratégia metodológica que prioriza relatar as experiências subjetivas dos trabalhadores sobre suas vivências cotidianas e seus sentimentos de ansiedade, medo e insatisfação, que auxiliam na unificação dos grupos e maximizam a redução da dor. São estratégias coletivas que buscam manter o equilíbrio psicológico diante das ameaças do ambiente de trabalho (MORENO *et al*, 2011).

Muitas empresas ainda pensam que um acordo com um "plano de saúde" para os trabalhadores usarem quando estiverem doentes é suficiente. Mas ele não entende que a saúde do trabalhador é a maior riqueza das escolas, hospitais, etc. Diante disso, é importante possuir infraestrutura para proteger a condição física e mental de seus trabalhadores, cuja finalidade é a promoção da saúde (BERGER, 2020 apud LIMA, 2021).

Outra questão muito importante levantada pelos trabalhadores é o cuidado pessoal, incluindo meditação, férias, passar o tempo conversando com colegas ou apenas se envolver em outras tarefas além da terapia. No Brasil, onde as reformas

trabalhistas acabaram enfraquecendo as relações trabalhistas, aumento da exposição aos riscos existentes no ambiente de trabalho, aumento do risco de doença e prevenir lesões à saúde dos trabalhadores, bem como proteger sua saúde, que podem afetar cuidados pessoais dos trabalhadores (LIMA, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, a pandemia da COVID-19 mudou o curso diário de maneira universal. O mundo foi afetado por uma nova doença, cujo impacto é negativo e significativo para a humanidade, em diferentes aspectos, a saber: biológico, psicológico, social, econômico, político e educacional. Portanto, entender o comportamento humano nesse ambiente de trabalho é de extrema importância.

Neste estudo, foram sintetizados diversos estudos importantes que descrevem a saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia da Covid-19. A saúde mental desses profissionais tem sido apontada como uma grande preocupação devido à exposição frequente a riscos de contaminação, alto volume de tomadas de decisão, longas jornadas de trabalho, falta de equipamentos de proteção individual, extensa cobertura jornalística e estoques insuficientes de medicamentos.

Além disso, a perda de um colega próximo ou familiar é um agravante, e pouco se sabe sobre as consequências a longo prazo desse sofrimento psíquico. Com base nisso, intervenções psicológicas são necessárias para reduzir os impactos negativos e promover a saúde mental durante e após a pandemia, serão necessárias quando as pessoas precisarão se reajustar e lidar com perdas e mudanças emocionais, sociais e econômicas.

O estudo ajuda a aumentar o conhecimento sobre estratégias de enfrentamento à Síndrome de *Burnout* e a possibilidade de vislumbrar e investigar achados científicos recentes sobre o tema publicados em bases de dados indexadas e outros materiais bibliográficos que abordam o tema. A pesquisa aqui apresentada ajuda a apontar caminhos e ações diretas para tentar prevenir o desenvolvimento da síndrome do trabalhador e ajudar os indivíduos a desenvolver estratégias de enfrentamento da doença, minimizando sofrimento e trabalhando com sua qualidade de vida e saúde mental.



No entanto, pode-se argumentar que a agenda de ação em saúde mental permanece é urgente e importante hoje e deve ser um dos fundamentos da resiliência social haverá muitos desafios devido a esta pandemia de Covid-19, ainda não se sabe qual será a eventual sequência a saúde mental dos profissionais de saúde cujo trabalho é tão estressante. Nesta situação de pandemia, a investigação também é necessária o impacto do Covid-19 no futuro, então em outros momentos históricos, conhecimento científico ampliado sobre saúde mental, limitar epidemias e outros eventos importantes para desenvolver estratégias eficazes no campo da saúde pública e coletiva para enfrentar adequadamente seja mais decisivo e oportuno.

Este estudo permite observar um grande impacto no contexto da pandemia no desenvolvimento e exacerbação de distúrbios psicológicos, especialmente transtorno de ansiedade entre profissionais de saúde observou-se que os mais acometidos são aqueles que estão lutando na linha de frente do combate ao vírus. Em vista do desenvolvimento da epidemia, nota-se que muitos profissionais são afetados. Por isso, os cuidados com a saúde são importantes, o cuidado com a saúde mental foi implementado e os profissionais devem receber a ajuda que merecem nesse caso. Também é importante realizar mais pesquisas, para analisar os efeitos a médio e longo prazo.

Esta pesquisa toca em um tema importante e significativo por causa da pandemia Covid-19 e o trabalho dos profissionais de saúde. Portanto, é necessário acompanhar esses profissionais que atuam na linha de frente do cuidado com a doença, a fim de que possam mapear as condições de trabalho em termos de organização e estrutura, e em saúde ocupacional. Desta forma, a pesquisa é relevante e benéfica para a psicologia como ciência e profissão, além da pesquisa nas áreas de psicologia do trabalho e da saúde, pode apoiar e promover novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, S. C., & SOUZA, H. V. (2018). Síndrome de burnout em profissionais da enfermagem que atuam na unidade de terapia intensiva. **Revista Pró-UniverSUS**, 9(2), 02-05

ANDRADE, Maria Denise Fernandes Carvalho de et al. O ensino da prática médica no internato em tempo de pandemia: aprendizados e impactos emocionais. **Rev. bras.**

**educ. med.** [online]. 2021, vol.45, n.4, e213. Epub Oct 22, 2021. ISSN 0100-5502. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.4-20200218>.

BRASIL, Encerra 2021 com 412.880 mortes no ano por Covid-19. **CNN**, São Paulo, 01 de janeiro de 2022. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-encerra-2021-com-412-880-mortes-por-covid-19/>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

BOOKS, S.K, *et al*: The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **Rapid Review**. February 26, 2020 [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)

BORGES, F. E. DE; BORGES ARAGÃO, D.; BORGES, F. E.; BORGES, F. E.; SOUSA, A. S.; MACHADO, A. L. **Fatores de risco para a Síndrome de Burnout em profissionais da saúde durante a pandemia de COVID-19**. Revista Enfermagem Atual In Derme, v. 95, n. 33, p. e-021006, 13 jan. 2021.

CASTRO, Janete Lima de *et al*. **A Importância dos Trabalhadores da Saúde no Contexto COVID-19**. In: BRASÍLIA/DF. Alethele de Oliveira Santos. Conselho Nacional de Secretários de Saúde - Conass (org.). Profissionais de Saúde e Cuidados Primários. Brasília: Conass, 2021. Cap. 3. p. 40-53. Disponível em: [www.conass.org.br/biblioteca](http://www.conass.org.br/biblioteca). Acesso em: 29 jan. 2021.

CAVALCANTE, João Roberto et al . COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 29, n. 4, e2020376, set. 2020 . Disponível em <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742020000400010>

CHEN Q, *et al*. **Mental Health care for medical staff in China during the COVID-19 outbreak**. The Lancet Psychiatry,2020.

DANTAS, Eder Samuel Oliveira. **Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2021, v. 25, suppl 1 [Acessado 3 Novembro 2021] , e200203. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.200203>>. Epub 08 Jan 2021. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/Interface.200203>.de Burnout. Disponível em:**Erro! A referência de hiperlink não é válida..**

ESPECIALISTAS DO HSM ORIENTAM SOBRE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA SÍNDROME DE BURNOUT. **Secretaria de saúde do Ceará**, Fortaleza,18 de Novembro de 2020. Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/2020/11/18/especialistas-do-hsm-orientam-sobre-prevencao-e-tratamento-da-sindrome-de-burnout>. Acesso em 03 de setembro de 2021

FERNANDES, E.; FERMINO, J.S.; SCARMAGNANI, M.Z. **A saúde do trabalhador de enfermagem: um resgate literário**. Disponível em: <http://www.abernacional.org.br.pdf> Acesso em 20/11/2021

FERNANDES, G., & PEREIRA, B. The challenges of funding the Brazilian health system in fighting the COVID-19 pandemic in the context of the federative pact. **Revista de Administração Pública**, 54(4), 595-613. doi: 10.1590/0034-761220200290xhttps://doi.org/10.1590/0034-76122020029

FILHO, Antoniel dos Santos Gomes; PINHEIRO, Adriana de Alencar Gomes; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **Contextos do trabalho docente e a perspectiva da educação em tempos de Covid-19 no Cariri cearense**, Organizado por Antoniel dos Santos Gomes Filho, Adriana de Alencar Gomes Pinheiro e Zuleide Fernandes de Queiroz. — Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021.

FREITAS, Ronilson Ferreira *et al.* Preditores da síndrome de *Burnout* em técnicos de enfermagem de unidade de terapia intensiva durante a pandemia da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, p. 12-20, 2021.

FREITAS, André Ricardo Ribas; NAPIMOGA, Marcelo; DONALISIO, Maria Rita. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** [online]. v. 29, n. 2 [Acessado 23 Maio 2022] , e2020119. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200008>. ISSN 2237-9622. https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200008.

FREITAS, Maria Fernanda Marciano Barros de. **Covid-19: uma avaliação psicológica dos estressores, Burnout e Coping nos trabalhadores da saúde**. Dissertação em Ciências da Saúde do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas- SP. 2021. Disponível em: [https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16467/ccv\\_ppgcs\\_me\\_Maria\\_FMBF.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16467/ccv_ppgcs_me_Maria_FMBF.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 24 de maio de 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Brasil). **Impacto da pandemia na saúde mental de profissionais da saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2022. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/pesquisa-mostra-impacto-da-pandemia-na-saude-mental-de-profissionais-da-saude>

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GRAZZIANO, E.S.; FERRAZ, E.R.B. Impacto do stress ocupacional e *Burnout* para enfermeiros. **Revista Enfermagem Global**, n. 18, 2010.

ISERSON, K.V.. **Burnout Syndrome: Global Medicine Volunteering as a Possible Treatment Strategy**. *J Emerg Med*. 2018 Apr;54(4):516-521. doi: 10.1016/j.jemermed.2017.12.062. Epub 2018 Feb 19. PMID: 29472021.

JARED, Carlos. Instituto Butantan: À serviço da vida. **A realidade brasileira e a covid-19**, 30 de junho de 2020. Disponível em: <https://coronavirus.butantan.gov.br/ultimas-noticias/a-realidade-brasileira-e-a-covid-19#:~:text=A%20brasileira%2C%20ao%20inv%C3%A9s%20de,quanto%20em%20n%C3%BAmero%20de%20C3%B3bitos>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

KANG L, *et al.* The mental health of medical workers in Wuhan, China dealing with the 2019 novel coronavirus. **Lancet Psychiat**, 2020;

LIMA, S. dos SF de; DOLABELA, M. F. Estratégias utilizadas para prevenção e tratamento da Síndrome de Burnout. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.] , v. 10, n. 5, pág. e11110514500, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i5.14500. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14500>. Acesso em: 14 abr. 2022.

LIMA, Amanda de Souza; FARAH, Beatriz Francisco; BUSTAMANTE-TEIXEIRA, Maria Teresa. Análise da prevalência da síndrome de *Burnout* em profissionais da atenção primária em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, p. 283 -304, 2017.

MACIEL, R. H.; MARTINS, J. C. de O.; PIMENTEL, F. H. P.; PINHEIRO, A. de A. G. **Experiência de ócio como possibilidade de prevenção à Síndrome de Burnout**. *Psicologia Revista*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 311-326, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/27803>. Acesso em: 6 maio. 2022.

MAIA, L. N. O Coronavírus Mudou Completamente a Maneira de as Equipes de Saúde Trabalham. **Veja Saúde**. Atualizado em 6 jul 2020, 14h25 - Publicado em 6 jul 2020, 10h40. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/guenta-coracao/o-coronavirus-mudou-a-maneira-de-as-equipes-de-saude-trabalharem/> Acesso em 20 de maio de 2022.

MARES, Gabriella. Síndrome de Burnout em tempos de COVID-19: como reconhecer e tratar a doença | Colunistas. **Sanar**. 21 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/sindrome-de-burnout-em-tempos-de-covid-19-como-reconhecer-e-tratar-a-doenca-colunistas>

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATOS *et al.* Saúde mental dos trabalhadores da saúde em tempos de pandemia. **Cesteh**, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cesteh.ensp.fiocruz.br/saude-mental-dos-trabalhadores-da-saude-em-te>. . Acesso em 03 de setembro de 2021.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>.

MESQUITA VSM, MALAGRIS LEN. Síndrome de Burnout em residentes multiprofissionais em saúde de um hospital universitário. **Revista de Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, 2020; 23(2): 65-76.

MOREIRA, H. A; SOUZA, K. N. DE E YAMAGUCHI, M. U. Síndrome de Burnout em médicos: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional** [online].

2018, v. 43 [Acessado 14 Abril 2022] , e3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2317-6369000013316>>. Epub 12 Mar 2018. ISSN 2317-6369. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000013316>.

PRADO, A. D.; PEIXOTO, B. C.; SILVA, A. M. B. da; SCALIA, L. A. M. A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do COVID-19: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde/Electronic Journal Collection Health. REAS/EJCH** | Vol.Esp.46 | e4128. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e4128.2020> . Acessado em: 24 de maio de 2022.

PIETROWSKI, D. L.; CARDOSO, N. O.; BERNARDI, C. C. N.. Estratégias de *coping* frente à síndrome de *Burnout* entre os professores: uma revisão integrativa da literatura nacional. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 397-409, dez. 2018. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822018000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822018000300011&lng=pt&nrm=iso). Acessado em 17 maio 2022.

PEREIRA, MD *et al.* The Covid-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. **Revista Research, Society and Development**, 2020.

PALLICH, G., BLÄTTLER, L., PENEDO, J. M. G., HOLTFOORTH, M. G., & HOCHSTRASSER, B.. Emotional competence predicts outcome of an inpatient treatment program for Burnout. **Journal of Affective Disorders**, 2020, p. 274,949-954.10.1016/j.jad.2020.05.139.

PRADO, A. D.; PEIXOTO, B. C.; DA SILVA, A. M. B.; ScaliaL. A. M. A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do COVID-19: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 46, p. e4128, 26 jun. 2020.

## CAPÍTULO 8

### PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MENTALIDADE CRIMINOSA ACERCA DA SISTEMATIZAÇÃO DA ESFERA SOCIAL

DOI 10.47402/ed.ep.c202219008372

Patrícia Araújo Andrade  
Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz  
Adriana de Alencar Gomes Pinheiro  
Karla Rossana Gomes Lôbo

#### RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar como a sociedade é construída diante da perspectiva do crime e como ele pode se manifestar perante contextos micro e macro. É possível identificar que a problemática pode se instaurar e impactar de diversas formas, atingindo um indivíduo, uma família, ou até uma cultura no geral. Crime é tudo aquilo que é manifestado através de uma ação ou omissão do comportamento humano, trazendo danos para si mesmo e para a sociedade. Partindo do pressuposto de que o crime sempre existiu, passa a ser considerado um fenômeno normal na visão da filosofia por Émile Durkheim (1985), no entanto, é algo que precisa ser compreendido no contexto para que sejam pensadas formas de intervir pela sua regressão na sociedade. A Psicologia pode contribuir no entendimento desse fenômeno e na estruturação de formas de questionar perante os fatos e contextos que envolvem a sociedade para, assim, buscar uma melhor atuação diante da temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção Social; Crime; Psicologia Jurídica.

#### 1. INTRODUÇÃO

A criminalidade e os processos que envolvem a construção do crime impactam a sociedade desde épocas em que não havia estudo aprofundado sobre esse fenômeno. Quando se aborda referida temática, a primeira ideia que geralmente desponta é a de atribuição a uma condição da personalidade, como o conceito de psicopatia por exemplo que, de forma indiscriminada, é habitualmente utilizado para circunscrever quaisquer comportamentos aversivos.

Partindo de uma análise macro para um cenário micro, foi escolhido dentre tantos, um crime marcante na história nacional, para facilitar a compreensão pela visão do indivíduo, que se trata do denominado “caso Suzane”, de notória publicidade e repercussão, em consequência da questão de restrição pela necessidade de aprovação do comitê de ética.

Na primeira sessão é introduzida a importância da metodologia em caráter científico do estudo abordado, o quanto é fundamental investigar de forma comprovada a validação dos fatos para que assim as intervenções sejam mais elaboradas e assertivas.

Na segunda é enfatizado o crime como fenômeno pertencente à sociedade e como ele pode ser destilado por diversos vieses. Dentre eles marca-se onazismo e a escravidão como fatores históricos que promoveram e incentivaram a violência, o racismo e a criminalidade, causas que são símbolos de luta atualmente, eram consideradas aspectos componentes da sociedade em gerações anteriores.

O terceiro tópico aborda a forma com que a psicologia atua no âmbito jurídico e como seu papel é importante na pesquisa sobre o fenômeno do crime, mostrando que na psicologia há habilidades e métodos próprios da área que contribuem de forma significativa no entendimento dos casos.

Busca-se descrever como a perspectiva do crime afeta a sociedade e seus membros pelo viés psicológico e histórico. No que se refere a objetivos mais específicos, busca-se discutir a etiologia do crime assim como identificar os fatores que manifestam o direcionamento dos sujeitos a esse contexto, seu impacto social e ainda, analisar como a psicologia pode contribuir no entendimento deste fenômeno para a busca de interferências coerentes.

A psicologia tem sua trajetória histórica marcada por uma longa e persistente crise relativa à sua cientificidade (CASTAÑON, 2009, p.22). Um desses reverses diz respeito à tangibilidade e quantificação dos fenômenos psicológicos.

## **2. ANÁLISE DO CRIME COMO UM FATOR SOCIAL**

Não há como determinar o momento exato da ocorrência do primeiro crime da humanidade, é fato. No entanto, sabe-se de sua existência desde as comunidades primitivas. A sociedade não era munida de ferramenta auxiliar para respaldar os indivíduos em suas atitudes. Isto posto, a primeira articulação de proteção que se tem notícia foi unir-se em grupos para se fortalecer diante das adversidades, de modo que o indivíduo isolado estava à mercê da vulnerabilidade e que, portanto, a base da

garantia de segurança era juntar-se aos demais (NORONHA, 2004).

Pelo viés psicológico, a etiologia da mentalidade criminosa surge a partir da lei da proibição do incesto, afirmando que sua não internalização leva a uma não aceitação das demais regras socialmente pautadas. Entretanto, alguns indivíduos conseguem dissimular seu comportamento para, não obstante os delitos praticados, manter-se integrante da sociedade, muitas vezes respaldados por institucionalizações bem aceitas, tais como as representações religiosas, políticas e artísticas, corroborando com a afirmação de Freud de que “o criminoso conhece e oculta esse segredo, enquanto o histérico não conhece esse segredo, que está oculto para ele mesmo” (FREUD, 1976, p.110).

## **2.1. ANÁLISE SOCIOLÓGICA**

De acordo com a perspectiva de Durkheim (1999), a forma como o indivíduo age está diretamente interligada à estrutura social, de modo que a sociedade explica o comportamento dos seus membros. A forma como esses comportamentos são apresentados se manifesta em tríplice caráter, subdivididos em: exteriores (advém da sociedade, não dos indivíduos), objetivos (existem independente dos indivíduos) e coercitivos (imposições da sociedade sobre esses indivíduos).

Os fatos sociais, para Durkheim, são considerados como coisas. Na sua definição, explica que “[...] as coisas sociais só se realizam através dos homens; elas são um produto da atividade humana” (DURKHEIM, 1999, p. 18). Sabe-se que desde os primórdios, a construção das esferas sociais, sendo elas políticas, culturais ou econômicas, não se originaram de forma democrática e que, a partir disso, as lutas territoriais acarretaram no surgimento das primeiras guerras civis.

## **2.1. ESCRAVIDÃO, CRIME E PODER**

As formas de repressão contra negros e sua cultura se estende além do âmbito individual, tomando o protagonismo de causas coletivas, assim como no aparato religioso, o Código Criminal do Império de 1830, art. 276, punia “a celebração, propaganda ou culto de confissão religiosa que não fosse a oficial” (SILVA Jr., 2007, p. 308). Tendo em vista que a religião oficial da época era a católica, qualquer ideia



distinta de seus preceitos e dogmas era passível de punição. A discriminação religiosa se fazia presente de forma institucionalizada na sociedade, acarretando na desconstrução da cultura original dos povos.

A intolerância religiosa, principalmente contra religiões de matriz africana, era evidente e, cada vez mais, o alicerce para a consolidação dos maiores fatores criminais da história era edificado na medida em que a religião era sinônimo de repressão. Como apontou o jurista Silva Jr. não haviam espaços para pensamentos e culturas diferentes. “Na cidade de São Paulo, ainda hoje, nenhum templo de candomblé tem assegurada a imunidade tributária, os ministros não conseguem obter inscrição no sistema de seguridade social e os cartórios se recusam a reconhecer a validade dos casamentos celebrados no candomblé” (SILVA Jr., 2007, p. 315).

Além disso, manifestações de intolerância contra essas expressões de fé se fortaleceram no próprio meio religioso com o advento das religiões neopentecostais que, utilizando-se dos meios de transmissão em massa, disseminam a ideia de que há na humanidade a presença de demônios e associando-os aos deuses das religiões afro-brasileiras (ORO, 1997, p.13).

A luta pelo poder assume caráter dominante na sociedade, tendo como representação disso as grandes guerras mundiais, em que milhões de inocentes foram mortos por interesses geopolíticos. Bombas atômicas de grande porte atingiram e devastaram territórios que nem mesmo participavam do embate, mostrando a falha das nações em assegurar a paz e o equilíbrio dentro da esfera social.

## **2.2. NAZISMO, A FIGURA DE UM PSICOPATA NO PODER**

Quando o termo psicopata é citado, logo imagina-se a representação de um indivíduo de alta periculosidade, que a sociedade facilmente identificaria e oprimiria. No entanto, sabe-se que houveram emblemas históricos que contribuíram ricamente no estudo da psicologia sobre este termo. O primeiro conceito afirmava a psicopatia como uma perturbação moral de caráter hereditário, acreditando-se que o indivíduo já nascia apto a desenvolver habilidades para o crime (PINEL, 1806, p. 156).

É característico no psicopata o papel de atuação. Seu comportamento é

adaptável e calculista, tendo grande capacidade de persuasão para interferir no meio externo, aplicar seus interesses nos outros e no ambiente em que está inserido (CASSIERS, 1968 *apud* BITTENCOURT, 1981, p.21). Para Klaus Fisher (1995, p.141), Hitler não conseguiria atingir tamanha parte da população, não fosse o seu alto poder de persuasão através da sua oratória e seus discursos.

Sua oratória e capacidade de convencer a população em massa e exteriorizar seus interesses e peculiaridades de forma assertiva e meticulosa, embora trouxesse inúmeros impactos negativos, traz para a população a reflexão de prudência diante daquelas figuras dominantes. O psicopata, por mais que seja visivelmente notado pela maioria, pode vir a representar figuras de grande representatividade política.

Assim como Hitler, uma das características do psicopata é justamente ser esse personagem carismático. Portanto, o crime também deve ser analisado nessa perspectiva multifacetada, jamais como um fator isolado.

Conforme analisado, a figura do psicopata pode alcançar patamares estupendos e posições sociais de potencial influência diante da maioria, justamente por terem essa sagacidade de entender como os outros pensam e fazê-los sentir-se representados, acolhidos. O grande perigo está em que essa “sensibilidade” seja instrumento para induzir as suas vítimas.

Jerônimo Neto (2007) buscou traçar características que delimitam o perfil de um psicopata através da psiquiatria forense. O autor apresenta, através da teoria do criminoso-nato de Lombroso, que não havia demonstração física que pudesse caracterizar o criminoso ou psicopata, o que evidenciaria, era somente a sua conduta de caráter, o que aponta mais uma vez para a importância da Psicologia como instrumento elucidativo.

### **3. IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA NO ENTENDIMENTO DA CRIMINALIDADE**

A psicologia é o campo das ciências que atua no estudo epistemológico da mentalidade e do comportamento dos indivíduos, visando entender os processos envolvidos. Durkheim (1999, p.1) explica que todos os fenômenos humanos são produtos oriundos da sociedade e que “[...] todo o indivíduo come, bebe, dorme,

raciocina, e a sociedade tem todo o interesse em que essas funções se exerçam regularmente”.

O conceito de psicopatia foi amplamente estabelecido pelos estudos do autor psicólogo Hervey Cleckley, em 1941, através de sua obra intitulada *A Máscara da Sanidade*. O autor descreveu um retrato detalhado do sujeito característico da psicopatia, apontando 16 características que definem um psicopata.

A busca pela melhor compreensão de como se estrutura a mentalidade criminosa é o problema que será analisado com mais profundidade no decorrer do capítulo, bem como entender a corroboração da psicologia acerca da estruturação dos fenômenos mentais e psíquicos, buscando assim uma melhor forma de entendimento e um manejo mais adequado da sociedade em face da criminalidade.

Um dos pilares do desenvolvimento infantil é a afetividade; a estrutura base de um indivíduo é um lar emocionalmente bem estruturado em que haja harmonia e cuidado. Esses componentes são fundamentais na formação da percepção, memória, aprendizagem e principalmente da herança psicológica do sujeito. Dessa forma, a personalidade infantil é estruturada de acordo com a afetividade e dos laços familiares.

Se, pois, objetiva-se investigar como os antecedentes sociais contribuíram para a estruturação da mentalidade criminosa, é preciso entender como os processos mentais foram se estruturando com as modificações da sociedade e de que forma a psicologia corrobora no acompanhamento dessa desordem social, além de que maneiras pode intervir para a maturação social no enfrentamento desses processos.

É importante compreender que a conceitualização de crime não está diretamente interligada a alguma condição psicológica, assim como psicopatia, sociopatia entre outros não significa um diagnóstico de condenação. O intuito é compreender como o crime acontece, de que forma a sociedade interfere, assim como de que forma esses sujeitos modificam e desestruturam o meio.

De acordo com Dalgalarro (2008), para muitos a “normose” vem de forma inata, assim como a antecedência e o histórico de vida caracteriza o sujeito com estado mental apto ou inapto, normal ou anormal, dependendo do histórico a que for inserido

ao longo da vida (DALGALARRONDO, 2008 *apud* OLIVEIRA; MANGIAVACCHI, 2018, p.6).

Em análise, Goffman (1985) afirma que é impossível distinguir e identificar sujeitos que possuem uma mentalidade criminosa, ainda que seja muito estigmatizado para os sujeitos de senso comum o parâmetro de identidade de um sujeito que possa transgredir as regras de convivência social.

O ramo da psicopatologia é um campo da ciência psicológica que serve como ferramenta de estudo da perícia forense, uma das principais organizações do sistema de segurança pública. Por meio dela, investigam como os processos mentais e os transtornos impactam no fator da criminalidade. Nesse contexto, é importante enfatizar a definição de dois conceitos relevantes: psicose e psicopatia.

Partindo da teoria psicanalista, que estuda como o sujeito é constituído em face das psicopatologias, a psicose, segundo Roudinesco (1986), tem seu conceito

(...) introduzido em 1845 pelo psiquiatra austríaco Ernst von Feuchtersleben (1806-1849) para substituir o vocábulo loucura e definir os doentes da alma numa perspectiva psiquiátrica. As psicoses opuseram-se, portanto, às neuroses, consideradas como doenças mentais da alçada da medicina, da neurologia e, mais tarde, da psicoterapia. Por extensão, o termo psicose designou inicialmente o conjunto das chamadas doenças mentais, fossem elas orgânicas (como a paralisia geral) ou mais especificamente mentais, restringindo-se depois às três grandes formas modernas da loucura: esquizofrenia, paranoia e psicose maníaca depressiva (p. 621).

Alguns psicólogos entendem a psicopatia como um transtorno de personalidade, divergindo da psiquiatria. A psicopatia pode ser vista como uma condição. Trata-se de um tipo de comportamento dissocial em pessoas não possuem senso moral e ético, agem de forma desumana e possuem sérios desvios de caráter. Psicopatas normalmente não possuem empatia pelos outros (ROCHA, 2018).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo objetivou desenvolver uma discussão sobre como a sociedade pode ser passiva ou ativa perante algum fenômeno, que aqui especificamente tratou da questão do crime. Buscou-se questionar se o termo em questão é tão individual e estereotipado como costuma ser tratado até por representações políticas.

Foi possível considerar que o processo de dessocialização ocorre quando um

indivíduo passa a ser isolado dos padrões de normalidade social, seja por um comportamento de caráter delinquente, onde há o comprometimento de sua vida, dos que o rodeiam e dos demais membros da sociedade, seja por um comportamento característico da psicopatia.

Com o estudo se consegue analisar como a sociedade foi estruturada e qual a finalidade de alguns comportamentos por parte de grandes líderes sociais cujo impacto reverbera no comportamento e na conceitualização do respeito às regras e às diretrizes dos direitos humanos.

Foi alcançada a finalidade de observar que paradigmas se repetem nos dias atuais e que cogitações a sociedade estuda para que possam modificar a realidade de inércia e se precaver de interesses que algumas lideranças defendem, não obstante os malefícios irreversíveis que podem causar na estruturação social.

Entende-se importante analisar quais intervenções devem ser tomadas em cada fase, assim como apreender o papel que o sujeito pode exercer diante da sociedade. A psicologia atua no intuito de provocar reflexões para que a sociedade se coloque na posição de sujeito do saber. Cada indivíduo é um ser pensante e capaz de evitar tornar-se peça de um sistema; capaz de assegurar seus recursos materiais e imateriais - ideias, ideais, valores, crenças.

Além disso, foi investigado o comportamento individual do sujeito delinquentee como o ambiente afeta a sua estrutura, de tal maneira que se compreende como um ser que comete atos criminosos pode corromper o meio social. O estudo do caso analisou a jovem Suzane von Richthofen que, aparentemente, teria uma vida almejada pela maioria dos jovens da sua faixa etária, mas que por interesses econômicos, acaba cometendo a grande atrocidade de matar os pais.

O crime em questão demonstra que um indivíduo com a estrutura mental dentro dos padrões normais, não cometeria um ato tão brutal contra pessoas que lhe deram a vida. Suzane possui características egocêntricas, adaptáveis a seu interesse. Manifesta agir de forma fria e calculista para conseguir o que almeja, portanto se enquadra nas características de descritas de um psicopata.

Dessa forma, pode-se concluir que existem pessoas com a capacidade de dissimular os fatos, premeditar os passos e manifestar emoções vazias que serão recebidas como verdadeiras por outras pessoas que, em sentido oposto, são sujeitos pacíficos que apenas reproduzem o que lhes é demandado, sendo muitas vezes manipulados. Realidades opostas de uma sociedade com diferentes aspectos comportamentais que, na seara do crime, definem quem é vítima ou quem é culpado.

Espera-se que esta pesquisa concluída sirva de base para que outras se iniciem no intuito de compreender mais a fundo as relações comportamentais vinculadas à criminalidade, construindo novas pontes de diálogo entre sociedade, poder público e a psicologia para que o seu saber e o seu fazer sirvam de instrumento de mudança e de desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

- ALBERGARIA, Jason. **Noções de Criminologia**. Belo Horizonte, Mandamentos, 1991.
- ARISTÓTELES. **Política**. 1.ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007
- BIENEMANN, Bheatrix; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Desenvolvimento e Validação de uma Escala de Atitude em Relação à Ciência na Psicologia. **Avaliação Psicológica**, v.16, n.4, p.489-497, 2017.
- BITTENCOURT, M. I. G. F. Conceito de psicopatia: elementos para uma definição. **Arq. bras. Psic.**, Rio de Janeiro, v.33, n.4, p.20-34, out./dez. 1981.
- BONUMÁ, Tatiana. Suzane von Richthofen: como ela pôde acontecer? **Superinteressante.com**. História. 31 dez. 2002.
- BOULLE, Pierre H. La construction du concept de race dans la France d’Ancien Régime, **Outre-mers**: Paris, n.336-337, v.89, p.155-175, 2002.
- BRASIL, Vade Mecum. **Saraiva OAB e Graduação**. 20. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2020.
- BRIGHENTE, Liliam Ferraresi. **A condição jurídica criminal do escravo no Império do Brasil**: um estudo a partir de Castro, província do Paraná (1850-1888). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Jurídicas. Curitiba, 2019.
- CALIC, Edouard. **Ohne Maske: Hitler - Breiting Geheimgespräche**. Frankfurt:
- Editora e-Publicar** – Coletânea de Pesquisa na Formação da Psicologia no Cariri Cearense

Frankfurter Societäts: Druckerei, 1968.

CASSIERS, L. **Le psychopathe délinquant**. Bruxelas: Dessart, 1968.

CASTAÑON, G. A. Psicologia como ciência moderna: vetos históricos e status atual. **Temas em Psicologia**, n.17, v.1, p.21-36, 2009.

CASTRO, P. F. de. Reflexões em psicologia e ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.1, n.1, p.3-13, 1999.

CERQUEIRA, D. R. C.; LOBÃO, W. A. J. L. Determinantes da criminalidade: arcabouços teóricos e resultados empíricos. Dados – **Revista de Ciências Sociais**, v. 47, n.2, p.233-269, 2004. Claret, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DU TERTRE, Jean-Baptiste. *Histoire générale des Antilles habitées par les Français* Tomo II. Paris: Chez Thomas Iolly, 1667.

DURKHEIM, Emilé. **Durkheim: sociologia**. São Paulo: Ática, 2003.

FIGUEIREDO, T. L.; FONSECA, G. G. da. Principais fatores psicológicos que desencadeiam crimes brutais, como o homicídio: um estudo de caso. **Revista Saúde Educação**, Coromandel, v. 4, n. 2, p.144-173, jul./dez. 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREITAS, M. A. Psicologia Jurídica e Psicologia Forense: Aproximações e distinções. **Revista de Psicoanálisis y estudios culturales**, v.10, p.1, 2009.

FREUD, S. **A psicanálise e a determinação de fatos psíquicos**. Obras completas, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GÓMEZ, José María. Sobre dilemas, paradoxos e perspectivas dos direitos humanos na política mundial. **Radar do Sistema Internacional**, ago., 2006.

HEMERLY, Marcus Vinícius Silva. O perfil criminal e a investigação de homicídio serial. **Conteúdo Jurídico**, Brasília: 06 abr. 2016. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/46343/o-perfil-criminal-e-a-investigacao-de-homicidio-serial>. Acesso em: 20 mai. 2022.

HOOKS, Bell. **Não serei eu mulher?** As mulheres negras e o feminismo. Tradução:

Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.

JABOR, Arnaldo. **Amor é prosa, sexo é poesia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JERÔNIMO NETO. Crueldade nas Veias: o que a ciência já descobriu sobre o maisfrio dos criminosos - o psicopata. **VEJA**, v.40, n.1, jan. 2007.

LOMBROSO, Cesare. **O Homem Delinquente**. Tradução: Sebastian José Roque. 1. Reimpressão. São Paulo: Ícone, 2010.

MACHADO, Helena. **Manual de sociologia do crime**. Porto: Afrontamento, 2008

MASSON, Cleber. **Direito penal esquematizado: parte geral**. 11. ed. São Paulo: Método, 2017.

MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat. **Do espírito das leis**. São Paulo: Martin, 2007.

MORAIS, E. M. **Um estudo sobre a validade e fidedignidade de métodos de avaliação de interfaces**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

OLIVEIRA, R. S. C. de; MANGIAVACCHI, B. M. Normose: o conceito da normalidade segundo a população brasileira. **Revista Científica Interdisciplinar**. v.3, n.2, art.1, Jul./Dez. 2018.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?. **Debates do NER**, v.1, p.10-3, 1997.

PACHECO, M. V. P. de C. Esquirol e o surgimento da psiquiatria contemporânea. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**. Ano VI, n. 2, p.152-157,

PINEL, P. A. **Treatise on insanity, in which are contained the principles of a new and more practical nosology of maniacal disorders than has yet been offered to the public, exemplified by numerous and accurate historical relations of cases from the authors public and private practice: with plates illustrative of the craniology of maniacs and ideots**. Trad. DAVIS, D. D. Sheffield: W. Todd, 1806.

ROCHA, Patrick. Psicopatia. **DrRocha.com**. 2018. Disponível em: <https://drrocha.com.br/psicopatia/>. Acesso em: 3 mai. 2022.

ROUDINESCO. E. **A história da Psicanálise na França: A batalha dos cem anos**. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1986.

SANTOS, M. A. D. Psicologia jurídica: implicações conceituais e aplicações práticas. **Psico-USF**, v.10, n.2, p.211-212, 2005.

SCHEWINSKY, Sandra Regina. A barbárie do preconceito contra o deficiente: todos



somos vítimas. **Acta fisiátrica**, v. 11, n. 1, p.7-11, 2004.

SILVA Jr, H. Notas sobre Sistema Jurídico e Intolerância Religiosa no Brasil. IN:SILVA, V.G. (Org.). Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-Brasileiro. São Paulo, **EDUSP**, p. 303-323, 2007.

SILVA, A.B.B. **Mentes Perigosas**: O psicopata mora ao lado. 2.ed. São Paulo:Globo, 2014.

SNYDER, Le Moyne. **Homicide investigation**: practical information for coroners, police officers, and other investigators. Indiana: Thomas, 1977.

WATSON J. B. **Behaviorism**. Rev. New York: Norton, 1930. WEFFORT, F. C. **Os clássicos da política**: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, "o Federalista". 13. ed., 13. impr. São Paulo: Ática, 2006.

ZACCAGNINI, Carlo. Mercanti e politica nel mondo antico. **Mercanti e politica nel mondo antico**, p.1-361, 2003.

## CAPÍTULO 9

### DOENÇA MENTAL (EN)CENA SOCIAL: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FILME CORINGA

DOI 10.47402/ed.ep.c202219019372

Denilly Santana de Lima  
Maria Gorete Sarmento da Silva  
Adriana de Alencar Gomes Pinheiro  
Karla Rossana Gomes Lôbo

#### RESUMO

A presente escrita discorre sobre a doença mental, mais especificamente a psicose, seu lugar na cena social, seus estereótipos, segregação e a assistência dada a ela. Teve como pano de fundo o filme *Coringa* (2019) que encena um sujeito segregado em seu sofrimento psíquico, no auge do seu surto, sua urgência subjetiva em passagem a ato. Utilizou-se como método de pesquisa o método teórico-clínico com base na Psicanálise Freud-laciano e contemporâneos, onde foi feita uma análise a partir dos conceitos psicanalíticos sobre o filme o *Coringa*. A doença mental sempre foi colocada em posição de segregação e preconceito o que orientava a forma de tratamento posto a ela, oriundos da época em que a mesma é posta em questão, onde a intenção era tirar esses sujeitos da cena social, silenciá-los, isolá-los em um ambiente precário, expostos a maus tratos e desrespeitos aos seus direitos, atos denunciados pelos os profissionais de saúde, familiares e vários outros atores sociais que constituíram o processo de reforma psiquiátrica, que após um longo período de lutas, foi possível melhorias e fechamento de manicômios, melhorias essas que ainda passam por processos de efetivação, por motivos da ordem social, cultural e econômicas. A psicose apresentada através do filme surge de uma urgência subjetiva a uma passagem ao ato, o *Coringa*. Com um histórico de maus tratos desde a infância e são intensificados ao longo de sua vida comprometendo sua saúde mental. O *Coringa* surge (en)cena gerando desordem social, denunciando a sua desassistência e negligências a doença mental dando voz aquilo que o social rejeita e trata como lixo. E como forma de silenciar a loucura, ele é levado para um hospital psiquiátrico longe dos centros urbanos, retirado de cena, é assim que o social trata a doença mental, mas ele escapa. Assim como ocorre com a urgência subjetiva quando silenciada e não tratada sempre irá emergir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Doença mental. Reforma psiquiátrica. Psicanálise. Urgência subjetiva.

#### INTRODUÇÃO

A busca por um cuidado de ordem psíquica, por vezes, só se dá a partir do momento em que o sofrimento transborda, comprometendo a funcionalidade do sujeito e sua capacidade de responder às demandas do social e da vida cotidiana. Isto

nos faz refletir sobre a importância do acesso às informações, conhecimento e a assistência à doença mental.

A marginalização e os direcionamentos dados ao longo do tempo aos sujeitos tidos como “loucos”, impulsionaram esses movimentos que se voltam em prol da proteção e dignidade na vida desses sujeitos. Defendem a proteção e o final dos tratamentos desumanos que era ofertado nos antigos manicômios e designado a aqueles que apresentavam sintomas de loucura, funcionando como depósitos de pessoas que precisavam sair da cena social (HIRDES, 2009).

Mesmo com os feitos conquistados a partir da Reforma Psiquiátrica, o acesso a informações, avanços e conhecimento sobre a importância da assistência à doença mental, ainda temos segregação dessas urgências subjetivas. Diante disto, surge o questionamento: o que se faz necessário para que a doença mental seja tratada como emergência na cena social? Assim a presente escrita traça o propósito de produzir conhecimento acerca da temática doença mental tendo como pano de fundo o filme *Coringa*, a partir da teoria psicanalítica.

Diversas conceituações são dadas à doença mental, de maneira geral se trata de um acometimento no sujeito que interfere em seu funcionamento biopsicossocial que deve ser levado em consideração o contexto sociocultural o qual se está inserido, e sua gravidade caberá na classificação de psicose, psicopatologia ou transtornos, onde se faz necessária atenção e uma assistência profissional, a qual ainda se encontra com dificuldade de acesso por diversos fatores socioeconômicos e culturais.

A busca pelo bem-estar é incessante em cada sujeito. Entender e compreender suas experiências e saber lidar com elas em uma realidade expostas a desafios e cobranças que não dependem só de si para suprir essas exigências, provoca angústias e cansaço em seus aspectos físicos e mentais, este último, muitas vezes é deixado pra depois por não apresentar acometimentos físicos justificáveis por eles de forma imediata, mas ficam latentes e em algum momento irão emergir de alguma forma. “Existem pistas para localizá-los: no lugar da lembrança esquecida, aparece um sintoma como um fantasma que está sempre retornando” (LEADER, 2013, p. 46).

É cada vez mais comum ver ou ouvir falar sobre situações em que algum comprometimento na saúde mental seja a justificativa a atos ou acontecimentos que causem um desconforto e espanto ao social como suicídios, atentados, artistas de grande representatividade que apresentam algum acometimento mental, dentre outros. Que trazem à tona a necessidade e uma posição de importância para a atenção à saúde mental. A mídia, através da arte ou cinema e dentre outros meios de sua vinculação, tem um papel muito importante na divulgação desses acontecimentos e é grande fonte para o surgimento de debates sobre tal assunto.

A doença mental, a assistência direcionada ao tratamento, e as rotulações dadas a ela pelo social, são destaques presentes no filme *Coringa* (2019), que mesmo sem apresentar um diagnóstico preciso ao longo do filme de qual transtorno ele sofre, traz uma grande representatividade, de que, a doença mental é sempre tratada com invisibilidade, a oferta de assistência é precária ou até mesmo inexistente, e marginalizada. Encena um sujeito segregado em seu sofrimento e o agravamento de seu transtorno mental de forma trágica.

Diante do exposto, tal escrita se propôs dissertar sobre a urgência subjetiva e a emergência do sujeito à luz da psicanálise Freud-lacianiana, tendo como pano de fundo o filme *Coringa*. De maneira a explicar como os estereótipos de exclusão e marginalização podem interferir na assistência prestada à doença mental, analisando o filme *Coringa* a partir do método de pesquisa em Psicanálise destacando a doença mental na dinâmica social.

## **MARCOS DA ASSISTÊNCIA À LOUCURA**

Ao longo do tempo, as formas e destinos direcionados para as manifestações da loucura que tinha como objetivo afastá-las da cena social, também surgiu aqueles que eram contra aos tratamentos dados a esses sujeitos, onde aos poucos no Brasil também foram surgindo movimentos que ganharam força e espaço no cenário de luta pelo respeito e dignidade no tratamento para os doentes mentais.

Em 1852, inaugura-se o primeiro hospital psiquiátrico do Brasil, chamado de hospício de Pedro II, submetido à gestão religiosa subordinado à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro administrado e conduzido por freiras.

Na década de 1870, no Rio de Janeiro, o alienismo tornou-se um novo ramo da medicina, e assim, novos alienistas lançaram projetos de ampliação e modernização, medicalização, pleno poder administrativo, alienismo acadêmico e a ampliação da prática privada dos alienistas do hospício Pedro II. Projetos em que seus representantes se submeteram a atuação de experiência dentro do equipamento e contavam com ainda administração de representantes religiosos.

Em 1890, após a proclamação da República, o hospício é finalmente desanexado da Santa Casa de Misericórdia, pelo decreto lei 142-A. Teixeira Brandão, um militante histórico do movimento republicano, é mantido na direção do agora chamado Hospício Nacional dos Alienados, exercendo o cargo entre 1887 e 1892. Com a ascensão de Teixeira Brandão à direção do hospital, na aurora da República brasileira, inicia-se a tardia medicalização do antigo Hospício de Pedro II (TEIXEIRA; RAMOS, 2012, p. 371).

Sendo agora possível a aplicação e prática dos projetos dentro do hospício, e ao longo do século foram surgindo outros, agora chamados de hospitais psiquiátricos como o, Hospital Psiquiátrico São Pedro (1874), e, no mesmo ano, o Hospital Juliano Moreira (1874), na Bahia. A partir de 1900, o hospital nacional dos alienados torna-se alvo de constantes inspeções que revelam irregularidades na estrutura e tratamento dos seus internos.

Foram constatadas péssimas condições, e dentre elas a superlotação, mistura entre pensionistas, indigentes e a promiscuidade entre adultos e crianças. Não havia divisão entre espécies nosológicas “Além disso, criticava o tempo ocioso dos enfermos no asilo e a falta de higiene e organização, ressaltando os conflitos entre o Pavilhão de Observação e a diretoria do Hospício” (FACCHINETTI, 2010, p. 746).

O cenário encontrado por Juliano Moreira no Hospício Nacional se repetiu em vários outros equipamentos, agora chamados de hospitais psiquiátricos fazendo surgir movimentos em defesa dos direitos dos profissionais, como dos usuários.

Esses movimentos datam-se do início dos anos 70 quando profissionais recém-formados encontraram um cenário de descaso, violência e condições precárias nos hospitais psiquiátricos, criando-se o Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental

(MTSM) que questionavam tais condições e defendiam um melhor na assistência e cuidados para esses pacientes, o que aos próximos passos será nomeado de Reforma Psiquiátrica Antimanicomial.

Em 1989, destaca-se a criação do Projeto de Lei 3657 de autoria do deputado Paulo Delgado de Minas Gerais, que dispõe sobre a superação do manicômio e a construção de assistência substitutiva, sendo aprovado pelo Senado em 1999 e, em abril de 2001, foi aprovado pela Câmara e sancionado pelo presidente da República tornando-se lei (GUIMARÃES et al., 2001). Período traçado por muita luta e conquistas significativas.

Outro marco histórico que possibilitou grandes conquistas de melhorias na assistência à saúde mental, foi a Conferência Regional para a Reestruturação da Assistência Psiquiátrica, realizada em Caracas em 1990, onde representantes do Brasil puderam participar e, como resultado desse encontro, surgiu um documento intitulado de “Declaração de Caracas”, onde os países envolvidos no encontro se comprometeram a promover mudanças necessárias nas estruturas e na assistência psiquiátrica (HIRDES, 2009).

Apenas em 2001 foi aprovada e sancionada a Lei da reforma psiquiátrica considerada como:

Primeira legislação nacional que dispõe sobre os direitos das pessoas com sofrimento e/ou transtornos mentais e promove uma reorientação do modelo assistencial em saúde mental, a lei n. 10.216, de 2001, mais conhecida como Lei da reforma Psiquiátrica Brasileira, é oriunda do Projeto de lei n. 3657/1989, que previa a extinção gradativa dos manicômios. Alterada para a finalidade de instituir direitos, configura-se como um divisor de águas, incidindo no deslocamento da lógica manicomial para a lógica de atenção comunitária (CFP. 2018, p.33).

Seu processo de implementação traz à tona muitos desafios, dificuldades e definições, devido a proposta e objetivos de oferecer um cuidado integral aos acometidos por doença mental. Para essa efetivação é necessário a construção de um sistema assistencial interligados em rede onde cada localidade encontra desafios específicos.

A reforma psiquiátrica sem dúvida foi e é um grande movimento em prol dos direitos, tanto de quem oferta, como principalmente daqueles que necessitam de um

tratamento digno e humano. Muito já foi conquistado, porém ainda existe deficiência na concretização dessa assistência que depende da participação de todos que muitas vezes é impossibilitada pelo preconceito e os estigmas do adoecimento mental que são perpassados ao longo do tempo.

## **DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO MÉTODO DE PESQUISA EM PSICANÁLISE E CONDENSÇÃO DO FILME CORINGA**

O presente trabalho tem como método de pesquisa o método teórico-clínico com base na Psicanálise Freud-laciano de maneira a estar sempre infundindo um diálogo entre a teoria e a prática. Procedimento, inaugurado por Freud, a partir da investigação e estudos de processos mentais tendo como via de acesso às manifestações do inconsciente sendo isto possível por meio da associação livre que é a regra fundamental da psicanálise, e a relação transferencial.

Pontuado em suas três dimensões, como um método clínico, de pesquisa e de investigação dos processos psíquicos conceituados por ele.

PSICANÁLISE é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica" (FREUD,1923, p.151).

O objeto de estudo da Psicanálise, é o inconsciente, que se manifesta através de sintomas, sonhos, chistes, atos falhos e lapsos que são possíveis a partir da fala que é explorada através da regra fundamental da psicanálise: a associação livre. "O que interessa à psicanálise é a dinâmica psíquica que subjaz ao fenômeno observado. Ora, esta dinâmica não pode ser analisada pelo método lógico, pois ela é, por definição, inacessível à observação: o que se observa são as manifestações desta dinâmica" (CECCARELLI, 2012, p.141).

Sendo a psicanálise um método de investigação, onde a clínica se constitui como o contexto de sua criação, a pesquisa teórica em psicanálise também se sustenta na transferência do autor pelo tema, havendo uma identificação, investimento afetivo que, implica com o desejo do autor em analisar e discorrer sobre o tema apontado. "O campo de pesquisa da psicanálise é, pois, o campo do inconsciente - o que inclui

inarredavelmente o sujeito. E o estilo de sua produção científica é a abertura à contingência do encontro com o real a que cada pesquisa pode conduzir” (GUERRA, 2010, p.142).

O filme norte-americano de 2019, dirigido por Todd Phillips, ilustra a história de Arthur Fleck (Joaquin Phoenix), morador de Gotham City. Um adulto com transtorno mental, que recentemente recebeu alta de um hospital psiquiátrico, mora com sua mãe que também apresenta problemas psiquiátricos, cuida e tenta manter o sustento de sua casa. Trabalha como palhaço em uma empresa que encaminha seus funcionários a outras empresas quando são solicitados. Uma das características marcante de Fleck é uma risada quando o mesmo é posto em situação de constrangimento ou tensão, sendo justificada pelo seu problema psiquiátrico, mas muitos não compreendem e acaba sendo um dos fatores para desrespeitá-lo e maltratá-lo. Após a saída do hospital psiquiátrico, seu acompanhamento pela assistência social é cancelado por falta de verbas repassadas pelos governantes, o que o deixa desamparado e agrava ainda mais o seu problema de saúde, respingando em todos os outros aspectos de sua vida.

## RESULTADOS E DICUSSÕES

Mesmo com implementação da rede de atenção psicossocial que é integrada por equipamentos que oferecem assistência a pessoas com transtornos mentais, e conhecimento de que é possível essa inserção ao social, falar sobre, e a oferta de assistência prestada pelos os serviços públicos ainda se mostra de forma tímida. E os estigmas construídos envoltos à doença mental ao longo da história e o seu tratamento, erguem barreiras impondo uma segregação que dificulta as relações sociais desses sujeitos. “Isso porque a convivência com a loucura e seus desdobramentos não é algo simples e fácil – razão pela qual, justamente, as sociedades criaram todas as formas de defesa que hoje tentamos superar” (FURTADO; CAMPOS, 2005, p.114).

Segundo Elia (2004) só através da fala e pelos troços das intenções inconscientes do falante, é que é permitido e se faz emergir o sujeito, levando-o a admitir como sua uma produção que desconhecia, mas que, ainda assim, faz parte dele. Mas o olhar para essa emergência do sujeito muitas vezes está em volta de



segregação e preconceito advindos de vários setores, atores sociais e dentre eles está muitas vezes o próprio sujeito, fazendo com que muitos desses tropeços e angústias que poderiam ser expressados pela fala são impedidos e barrados por algum motivo, e o ato torna-se o principal recurso de saída e alívio da angústia.

Para a psicanálise o momento de passagem da angústia ao ato é nomeado de urgência subjetiva (RODRIGUES; MUNÕZ,2020). Momento este que se faz necessário uma acolhida, manejo e atenção adequada, mas nem sempre essa assistência é buscada ou oferecida.

O Coringa surge dessa assistência que é negada, principalmente, a escuta que o próprio enfatiza e tanto busca. Uma emergência que foi ignorada por aqueles que marginalizam o sofrimento mental visto como um mal que precisa ser colocado em uma posição de exclusão e brigam o sujeito a se calar para ser aceito. “A pior parte de ter uma doença mental é que as pessoas esperam que você se comporte como se não tivesse”, (00:26 min) uma das falas do personagem principal do filme Coringa (2019).

O adoecimento mental ou doença mental pode estar presente na vida de todo e qualquer sujeito, desde questões agudas e crônicas. As formas de como lidar com tal situação muitas vezes é silenciá-la, por questões de resistência do próprio sujeito como também a ausência ou por pouca possibilidade de acesso a essa assistência profissional necessária, calando uma emergência ao invés de entendê-la e tratá-la.

O filme Coringa (2019) apresenta a cidade de Gotham City do final dos anos de 1970 e início dos anos 80, a cidade está um verdadeiro caos, ruas com empilhados de lixos e infestadas de ratos, devido à greve dos profissionais da coleta de lixo. E em meio a tudo isso, surge Arthur Fleck, recém saído do sanatório, tentando sobreviver junto a tudo aquilo que a sociedade exclui e deseja que saia da cena social.

Arthur Fleck, apresenta uma risada marcante oriunda do seu problema psiquiátrico, manifestação do mesmo, o que o torna alvo para sofrer agressões, discriminação e exclusão. Ele, após sair do sanatório começa ser acompanhado pelo serviço mantido pelo setor público, ele é assistido por uma assistente social.

Mostrando-se uma assistência precária e insuficiente, mas a única a qual ele ainda tinha a recorrer.

Arthur Fleck sai do sanatório com indicação para tomar sete medicações diferentes, o mesmo considera insuficiente e solicita que seja aumentada, mas é negada “será que pode pedir ao médico para aumentar minha medicação?” ... eu só não quero me sentir tão mal” (07:19).

A medicalização é tema presente na reforma psiquiátrica, onde o saber psiquiátrico e farmacológico se apropria dos diagnósticos, produzidos a partir de demonstrações e estudos clínicos realizados nos manicômios logo depois nomeados de hospitais psiquiátricos. Onde muitas vezes pacientes eram expostos a situações extremas em nome da incerteza de uma cura. Produzir o saber da loucura é produzir a própria loucura, que implica também no conjunto de práticas de dominação e controle (GARCÍA-ROZA, 2009).

O surto de Arthur é desencadeado por uma forma de responder ao mundo, utilizando o que estava ao seu alcance, a arma. “Nessas situações, é possível que a pessoa aja, em vez de construir: em vez de delírio, pode haver uma automutilação, ou um ato qualquer que visa introduzir uma negatividade, uma distância das forças invasiva e persecutória que ela vivencia” (LEADER, 2013, p.199). Esse agir é sempre voltado para si, o Coringa não sentia falta de compaixão de suas vítimas.

Sua condição de segregado por conta de sua doença mental, desassistido e agora desamparado e enganado pela mãe faz vir à tona o fenômeno psicótico, “a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada, e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema da simbolização, mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício” (LACAN, 1985, p.102).

É a ausência da metáfora paterna que o faz passar ao ato, uma vez que não possui recurso simbólico para dar conta das engrenagens da vida cotidiana. Freud (1930/2010, p. 101), em O Mal Estar da Civilização nos pontua que:

Na psicose o afastamento da realidade é provocado de duas maneiras: ou quando o reprimido-inconsciente se torna demasiado forte, de modo que se

sobrepõe ao consciente ligado à realidade, ou porque a realidade se tornou tão insuportavelmente dolorosa que o Eu ameaçado joga-se nos braços dos instintos inconscientes, em desesperada revolta.

O Coringa pode ser colocado como traído pela sociedade e os representantes políticos que o segregam e negam assistência, traído pelo amigo de trabalho, traído pela mãe e traído pelo seu ídolo, o Murray, apresentador de talk show, e a sua experiência inicial, o seu ato, matar, se expandindo em todas as situações anteriormente citadas. “A passagem ao ato é, com frequência, uma tentativa fracassada de romper com o Outro e instaurar um antes e um depois” (RODRIGUES; MUNÓZ, 2020, p. 95).

Na psicose as palavras se materializam em coisas, o sentido delas são levados “ao pé da letra”. O coringa encontra como saída, na sua urgência subjetiva, o ato de matar. “Dissemos que o significante surge desencadeado, desarticulado. Tendo perdido sua materialidade imaterial, (dada pela articulação) transforma-se em uma letra, que olha, que fala, que espeta e penetra” (HANNA, 2018 p. 82).

Arthur Fleck, queria ser apresentador de Talk show", tendo como ídolo o apresentador, Murray. Essa vontade o fazia devanear em estar presente nesse programa e ser tratado cordialmente pelo seu ídolo. Em um caderno costumava escrever suas piadas que se misturavam com sensações e sentimentos cotidianos, era uma espécie de diário com relatos confusos, mas que fazia sentido para ele. Essa mistura de sensações e sentimentos pode ser atrelada ao delírio, que, uma vez desencadeado, se apresenta como verdade absoluta para o sujeito, não é permitido a este uma distinção acerca do que se coloca como processo delirante e realidade propriamente dita, este processo é pontuado por Lacan no primeiro tempo do Édipo, no qual não há separação entre aquilo que é do Outro e do próprio sujeito.

A urgência subjetiva de Arthur Fleck, aparece em seu corpo e em sua fala, mas não é acolhida e se encaminha para o estado mais grave seu surto crise psicótico, seus atos. Na psicanálise, a fala, a associação livre é acolhida pela escuta singularizada do sujeito. No filme é retratada a ausência dessa escuta, o que faz esse sujeito emergir e representar aqueles que se identificam com sua fala, não com seus atos. Só assim é que há uma tentativa de fazer algo, não por ele, mas pela “ordem social” o mesmo que era

feito desde a história da loucura, levá-lo para longe dos centros urbanos, isolá-lo do mundo, trancá-lo em manicômios ou hospitais psiquiátricos o que se mostra insuficiente.

A última cena do filme mostra que ele consegue escapar do manicômio após ter cometido um assassinato dentro desta instituição. É o que acontece na cena social em relação à doença mental, ela existe e se faz presente, é posta em posição de submissão pelo senso comum como: é “frescura”, a “falta de Deus”, “falta do que fazer” dentre outros estereótipos de preconceitos imposto a ela, o que reprime e condena o sujeito ao seu sofrimento psíquico, até que ela se torne insuportável e escape em forma de ato, (en)cena social, a urgência subjetiva emerge.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um breve panorama histórico a respeito do contexto que se trata essa escrita, a doença mental, em destaque a psicose, foi possível discorrer sobre seu percurso e localizá-lo dentro do pano de fundo, o filme O Coringa (2019) a partir do método psicanalítico.

O coringa, que sempre teve uma presença como vilão, agora se apresenta em sua forma mais profunda. E assim, tendo essa produção cinematográfica como pano de fundo, foi possível alcançar os objetivos da presente escrita. Mesmo passando em um contexto americano entre as décadas de 70 e 80 o filme denuncia tudo aquilo que queremos esconder, silenciar. A pobreza, as desigualdades sociais, a pouca preocupação ou nenhuma com a saúde mental que se mistura a tudo que causa um caos ainda tão presente nos dias atuais.

O possuído, o sem razão, alienado, louco, doente mental e psicótico são os estereótipos que marcam e segregam as pessoas com adoecimento mental ao longo da história as suas formas, primeiro de controle e depois de tratamento são responsáveis pelos os seus estigmas. Os métodos de tortura, atos desumanos e uso descontrolado de medicações podem ser vistos como condições que causem resistência em busca por ajuda a uma assistência à saúde mental, e silenciá-la, medida que se mostra ineficaz, uma vez que ela emergirá em forma de urgência subjetiva e ou em ato.

A assistência pública à doença mental, passou por grandes avanços por conta dos movimentos que se sensibilizam com a causa, mas infelizmente a manutenção dessa assistência requer constantes mobilizações para a garantia e efetivação do que se foi conquistado.

O filme *O Coringa* abriu a possibilidade de localização da doença mental na cena social, desde um sanatório que fica longe dos centros urbanos, a um tratamento baseado na medicação, tendo sempre como objetivo tirá-la de cena. Mas ela sempre irá emergir, enquanto o tratamento continuará sendo o mesmo, o não tratamento, o seu silenciamento.

Abriu-se também uma representatividade das dificuldades vivenciadas pelos sujeitos acometidos pelo adoecimento mental na busca de sobreviver frente a todas as dificuldades e culpabilidade imprópria imposta pela sociedade que o adocece e agrava sua situação, a partir de suas indiferenças e descasos extremos que gera incômodo identificação na grande massa espectadora que foi atraída pela produção cinematográfica.

Identificação que pode ser demonstrada através da repercussão e críticas relacionada ao filme, que até então era apresentado como um vilão, que o social julga, pune e o rejeita não se distanciando do tratamento dado aos sujeitos tidos como “loucos”, mas desta vez a massa “se viu” no *Coringa* enquanto forma de realização e vingança do social, foi possível identificar isso tanto nas cenas do filme, quanto na euforia da massa manifestada nos cinemas frente ao lançamento e exibição do filme. Diante do exposto, parafraseando Freud, é possível afirmar que: “Ao se reunirem os indivíduos numa massa, todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva” (FREUD, 1920/ 2011, p.19).

## REFERÊNCIAS

CECCARELLI, Paulo Roberto. Considerações sobre pesquisa em psicanálise. **Psicologia: diálogos contemporâneos**, p. 137-146, 2012).

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). Relatório de inspeções: 2018 / Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. 1ed. Brasília.

CORINGA. Direção: Todd Phillips. Produção de Village Road show Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2019. HBO Max (123 min).

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.

FACCHINETTI, Cristiana et al. No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 17, p. 733-768, 2010.

FREUD, Sigmund. Obras Completas vol.18 (1930-1936) **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos**. Companhia das letras, 1ª edição, 2010.

FREUD, Sigmund. Obras Completas vol.15 (1920-1923) **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. Companhia das Letras, 1ª edição, 2011.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud** ( J. Salomão, Trad., Vol.18, pp.252-271). Rio de Janeiro: Imago) – Vol. 18 (1920-1922).( Texto original publicado em 1923).

FURTADO, Juarez Pereira; CAMPOS, Rosana Onocko. A transposição das políticas de saúde mental no Brasil para a prática nos novos serviços. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 8, p. 109-122, 2005.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo (1936) **Freud e o inconsciente**/ Luiz Alfredo Garcia-Roza. 23 ed- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GUERRA, Andréa Máris Campos. Psicanálise e produção científica. In. KYRILLOS NETO, Fuad; MOREIRA, J. O. M. **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade**. Barbacena, MG: Editora UEMG, 2010. p. 130-145.

GUIMARÃES, Jacileide et al. Desinstitucionalização em saúde mental: considerações sobre o paradigma emergente. **Revista Saúde em Debate**, v. 25, n. 58, p. 5-11, 2001.

HANNA, Maria Silva García Fernández. **A transferência no campo da psicose: uma questão**/ Maria Silva García Fernández Hanna. Rio de Janeiro (RJ): Subversos, 2018.

HIRDES, Alice. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 297-305, 2009.

LACAN, Jacques. (1985). **O Seminário. Livro 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).

LEADER, Darian. **O que é loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana**/ Darian Leader; tradução Vera Ribeiro. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Organização Mundial de Saúde/Organização Panamericana de Saúde. **Declaração de Caracas**. Conferência Regional para a Reestruturação da Atenção Psiquiátrica na América Latina no Contexto dos Sistemas Locais de Saúde (SILOS). 1990 novembro14; Caracas, Venezuela. Caracas: OMS/OPAS; 1990.

RODRIGUES, Martina Schneider; MUNÓZ, Nuria Malajovich. Entre angústia e ato: desafios para o manejo da urgência subjetiva na clínica psicanalítica. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 23, p. 90-98, 2020.

TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro; RAMOS, Fernando A. As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre o Hospício de Pedro II. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 15, n. 2, p. 364-381, 2012.

## POSFÁCIO

A leitura dos textos que compõem essa obra nos traz algumas reflexões acerca da formação dos psicólogos.

No Código de Ética do psicólogo encontramos a seguinte afirmação:

Toda profissão define-se a partir de um corpo de práticas que busca atender demandas sociais, norteado por elevados padrões técnicos e pela existência de normas éticas que garantam a adequada relação de cada profissional com seus pares e com a sociedade como um todo (2005, p. 5).

Ora, como preparar-se para ser um profissional competente, ético e capaz de compreender a realidade e atender os desafios contemporâneos?

Certamente é preciso que formação inicial garanta o aprimoramento profissional e ofereça aos estudantes a oportunidade de realizarem **pesquisas científicas**, a fim de que possam se apropriar de conhecimentos acerca dos diferentes contextos nos quais irá atuar.

Para que possam exercer sua profissão de forma ética, crítica e criativa os estudantes de Psicologia necessitam de uma formação que contemple os múltiplos referenciais teóricos e faça a interlocução com diferentes campos do conhecimento.

É preciso que os estudantes de Psicologia pesquisem e avaliem o desenvolvimento emocional e os processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições, com a finalidade de análise, intervenção, orientação, educação e **transformação social**. É preciso, ainda, que compreendam os diferentes contextos, considerando as necessidades sociais, a diversidade étnico-cultural e os direitos humanos no exercício da profissão.

Nesse sentido, a pesquisa científica durante a graduação é importante porque possibilita resolução de problemáticas relevantes para a sociedade. Ou seja, os resultados de um estudo, publicados em livros, artigos ou apresentados em congressos, têm o mesmo objetivo: melhorar algum processo e contribuir para a transformação social.

Portanto, a COLETÂNEA DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DA PSICOLOGIA NO CARIRI CEARENSE organizada pelos docentes, discentes e colaboradores do



Centro Universitário Paraíso, cumpre a função de compartilhar o conhecimento produzido nas pesquisas vinculadas ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da primeira turma do Curso de Psicologia dessa instituição.

Por isso, parabenizamos essa iniciativa e desejamos que outras experiências como essas aconteçam.

**Profa. Dra. Solange Franci Raimundo Yaegashi**

Universidade Estadual de Maringá

Programa de Pós-Graduação em Educação

Mestrado Profissional em Educação Inclusiva



# ORGANIZADORES

## **Adriana de Alencar Gomes Pinheiro**

Pós-doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2022). Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Pernambuco. Especialista em Docência e Gestão do Ensino Superior pelo Centro Universitário Paraíso do Ceará (UNIFAP), Psicologia Aplicada - Psicodiagnóstico Infantil. Psicopedagogia pela Universidade Federal do Ceará. Título de Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho e Neuropsicologia pelo Conselho Federal de Psicologia. Experiência em Gestão e na Docência do Ensino Superior na Área da Psicologia Clínica/ Psicologia Jurídica/ Psicologia Organizacional e do Trabalho. Coordenadora do Curso de Psicologia, do Núcleo de Apoio Psicopedagógico, Docente de Graduação e Pós-Graduação do Centro Universitário Paraíso do Ceará (UNIFAP). Docente Permanente do Mestrado Profissional em Educação na linha de pesquisa Práticas educativas, culturas e diversidade e na Especialização em Direito Penal da Universidade Regional do Cariri (URCA). Coordenadora do Núcleo de estudos e pesquisa em Subjetividades, Bioética e Políticas Públicas (NESBPOP). Coordenadora do Núcleo de estudo, pesquisa e extensão de Direito e da Psicologia sobre Métodos de Gestão de Conflitos (PSIJUS). Membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Psicologia (ANPEPP) e da Associação Brasileira do Ensino de Psicologia (ABEP). Atua na área da Psicologia Clínica/ Jurídica e do Trabalho. Docente convidada da Pós-Graduação dos cursos de Psicologia e áreas afins.



# ORGANIZADORES

## **Orlando Júnior Viana Macêdo**

Graduado em Psicologia, Mestre e Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). Professor do Centro Universitário Paraíso (UNIFAP).

## **Tayronne de Almeida Rodrigues**

Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPGADT/UNIVASF). Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri (Proder/UFCA). Especialista em Metodologia do Ensino de História pelo Centro Universitário Venda Nova do Imigrante. Graduado em Filosofia e Pedagogia, com Segunda Licenciatura em História pelo Centro Universitário da Lapa (UNIFAEL). Atualmente é Técnico formador de professores da Secretária Municipal de Educação, Cultura e Tecnologia de Araripe. Tem ampla experiência no ensino básico e médio, Professor de história da Escola de Ensino Médio Dona Carlota Távora em Araripe (2018 a 2022). No ensino EAD exerce o cargo de Tutor a distância do Curso de Especialização em Saúde Mental da Universidade Aberta do Brasil em parceria com a Universidade Regional do Cariri (UAB/URCA). Desenvolve pesquisas no campo do desenvolvimento regional, bem viver, estudos decoloniais e educação popular. Compõe o Grupo de Pesquisa: Educação, Narrativas e Experiência Docente no Ensino Médio - (NARRATIVIDADES/UNIVASF).

www.editorapublicar.com.br  
contato@editorapublicar.com.br  
@epublicar  
facebook.com.br/epublicar

**COLETÂNEA DE PESQUISA NA**

# Formação da Psicologia

## NO CARIRI CEARENSE

Adriana de Alencar Gomes Pinheiro

Orlando Júnior Viana Macêdo

Tayronne de Almeida Rodrigues

Organizadores



**2022**

www.editorapublicar.com.br  
contato@editorapublicar.com.br  
@epublicar  
facebook.com.br/epublicar

**COLETÂNEA DE PESQUISA NA**

# Formação da Psicologia

## **NO CARIRI CEARENSE**

Adriana de Alencar Gomes Pinheiro

**Orlando Júnior Viana Macêdo**

Tayronne de Almeida Rodrigues  
Organizadores



**2022**